QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

EDWARD ALBEE

Edward Albee apareceu repentinamente na cena teatral norte-americana no início dos anos 60, com vigorosos trabalhos de um só ato, que alcançaram grande sucesso nos teatros *off-Broadway*. Sua primeira peça, *A História do Zoológico (The Zoo Story),* já incide sobre a complexa problemática que dominará toda sua obra: a real comunicação entre homens de uma sociedade como a norte-americana, em oposição a relação entre as imagens apenas sonhadas e que as pessoas tentam defender da realidade, num jogo que leva a frustrações quase sempre irresolvíveis. Mas, será com *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf? (Who's Afraid of Virginia Woolf ?),* seu trabalho de maior densidade, que Albee se afirmará no teatro mundial contemporâneo, conquistando público e crítica.

Entretanto, após o sucesso de *Virgínia Woolf* em 1962, Albee vem acumulando uma série de fracassos de público e de crítica, apenas interrompida em 1967 com *Um Delicado Equilíbrio (A Delicate Balance),* peça que lhe valeu o prêmio Pulitzer. Essa premiação foi encarada por muitos como um reparo a injustiça que lhe fora feita anteriormente quando aquele prêmio não lhe foi outorgado por *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?*. Parecendo não se incomodar com os insucessos. Albee continua a produzir novas peças e adaptações – algumas a nível experimental, como *Box-Mao-Box,* de 1968 – dedicando-se intensamente ao lançamento de novos dramaturgos, por intermédio de uma associação de produtores teatrais, a *Playwright's Unit.*

QUEM TEM MEDO DE EDWARD ALBEE?

Desde seu nascimento – a 12 de março de 1928, em Washington – Edward Franklin Albee esteve ligado ao teatro. Filho de pais desconhecidos, com duas semanas de idade foi adotado por Reed Albee, proprietário de uma grande cadeia de teatros de *vaudeville,* casado com Frances, vinte e três anos mais jovem do que ele. O pai adotivo, milionário, era um homem pequeno, fraco, de presença quase insignificante. Frances Albee, ao contrário, era voluntariosa, mimada e gostava de levar vida luxuosa: no inverno, a família ia para a praia, em Palm Beach, e o resto do tempo passava numa bela residência em Larchmont, Nova York. Edward nunca conseguiu ligar-se afetivamente a seus pais adotivos, com quem manteve uma convivência difícil. Sua maior ligação foi com a avó materna, Cotta. Essas características familiares aparecerão indelevelmente em sua obra, onde todos os casais têm uma convivência desastrosa, à beira do desequilíbrio. A mulher é quase sempre dominadora, vigorosa e insatisfeita, agredindo e humilhando constantemente o marido — tímido, fraco e facilmente manejável.

Durante a infância o menino Albee foi aparentemente tratado com grande zelo, cercado de governantas e preceptores, numa formação bastante aristocrática. No entanto, a posição de criança adotada, de filho falsificado de uma união estéril, deixou profunda marca em sua memória e na totalidade de seu ato criador. Aparece claramente desde seus primeiros trabalhos: quer no filho imaginário de George e Marta, em *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?,* quer na imagem de Jerry, o poeta solitário, abandonado pelos pais, que procura desesperadamente se comunicar com

os outros, em *A História do Zoológico*.

Quando iniciou sua formação escolar, Albee era conduzido diariamente, pelo motorista particular no Rolls-Royce da família, a uma das escolas aristocráticas próximas a Larchmont. Aos doze anos, foi inscrito na escola de Lawrenceville, de onde foi expulso dois anos mais tarde, por recusar-se a assistir as aulas. Introspectivo, dedicava seu tempo à leitura, desinteressado pelas atividades escolares. Nem mesmo o esporte, uma das bases da socialização e da afirmação dos jovens nas escolas norte-americanas, chegou a interessá-lo.

Seu caráter independente e sua precocidade – escrevia poemas desde os seis anos de idade – explicam em parte sua dificuldade de adaptação à disciplina e à vida coletiva. Essas dificuldades se agravam em 1943, quando seus pais resolvem colocá-lo na escola militar de Valley Forge. Somente no ano seguinte sua vida escolar começa a se estabilizar. E então matriculado em Choate, escola onde estudaram John E. Kennedy e John Dos Passos. Nessa época passa a escrever intensamente – poemas, crônicas e discursos adolescentes contra o monstruoso exercito das mulheres, dominadoras e autoritárias.

Em Choate, Albee inicia também seu primeiro ensaio de envergadura *A Cadeia dos Descrentes.* Na verdade, já então escrevia para teatro, embora só reconheça *Aliqueen* uma farsa em três atos escrita aos doze anos de idade um antecedente literário de sua primeira peça de vulto. *A História do Zoológico.* A revista literária editada em Choate publicou um longo melodrama em um só ato, de Albee: *Cisma (Schism),* naturalmente nunca encenado.

Em 1946, depois de uma breve estada no *Trinity College,* onde se engajara no grupo de teatro, sua educação formal está terminada. No ano seguinte, consegue seu primeiro emprego: passa a escrever os textos dos programas musicais de uma rádio de Nova York, a WNYC.

Aos vinte anos de idade, após uma conturbada convivência com sua família, Albee abandona a casa dos pais e vai viver em Nova York. Sua saída de casa foi mais do que um rompimento com seu passado. com sua formação aristocrática e com o meio familiar: foi um rompimento com os projetos de sucesso e fortuna que seus pais queriam ver reafirmados e realizados nele; um rompimento com as propostas do *american way of life.*

A decisão de enfrentar Nova York foi sem dúvida apoiada pela pensão que começara a receber da avó materna os juros da herança que lhe deixara ao morrer, a quantia nada desprezível de cem mil dólares. Embora tivesse assegurada uma quantia semanal que lhe garantia a sobrevivência. Albee passou a trabalhar nas mais diversas atividades – foi vendedor, office-boy, garçon e mensageiro da Western Union. Em 1952, esteve alguns meses na Itália. Em seu tempo livre, porém, continuava a escrever poemas e passava boa parte das noites nos barzinhos de Greenwich Village, convivendo com a jovem intelectualidade americana de pós-guerra. E então que entra em contato com o pensamento crítico que germinava nos *beatniks,* nos núcleos formadores dos *Black Panthers,* contestando o *extablishment,* o *american way of life* e O projeto do *self made man.*

Era uma época de efervescência crítica, pois, com o passar dos anos 50, a

afirmação da grande nação americana e seus valores se mostraram através de suas duas faces: as formulações meramente simbólicas e a face real das intervenções na Guerra da Coréia e da perseguição maccarthista a todo pensamento divergente. E se ainda não se havia generalizado nenhuma crítica psicossocial e política aos valores vigentes, se tais questionamentos se encontravam marginalizados, eles partiam exatamente de seio de grupos de estudantes, intelectuais e artistas, com quem Albee convivia desde que se separara da família. E foram sem dúvida influências marcantes na formação de dramaturgo, absorvidas e reinterpretadas por sua obra.

Durante os primeiros dez anos que viveu em Nova York, Albee não conseguiu nenhum êxito em suas pretensões literárias. Procurou então o auxílio de escritores mais velhos e experientes. Auden (1907) considerou seus poemas muito etéreos e seu estilo excessivamente enfático, aconselhando-o a realizar uma incursão corretiva por poemas pornográficos. Em 1953, Thornton Wilder (1897-1975) recomendou-lhe que escrevesse para o teatro, onde poderia desenvolver melhor sua narração imaginativa. William Flanagan, o compositor com quem Edward dividia seu apartamento nesse período difícil, de 1952 a 1959, foi testemunha de seu desespero, ao se ver chegando aos trinta anos sem ter produzido nada de aproveitável.

Foi assim que, em 1957, em meio a crises de angústia pelo peso de um trabalho infrutífero, Albee sentou-se à mesa da cozinha e começou a escrever *A História do Zoológico.* Escreveu a peça em três semanas, com a facilidade técnica de um velho profissional. Embora não tivesse sido um freqüentador assíduo de teatros, tinha lido muitas obras teatrais e conhecia Eugène Ionesco (1912 *),* Tennessee Williams(1914), Eugene O'Neill (1888-1953), August Strindberg (1849-1912), T. S. Eliot (1888-1965), Luigi Pirandello (1867-1936), Samuel Beckett (1906) e Jean Genet (1910). *A História do Zoológico* foi um desafio, que provou ao próprio Albee sua capacidade de criar, recuperando-o para si próprio, em meio ao desespero.

Mas uma peça de um só ato dificilmente seria aceita pelos produtores norte americanos. Muito menos quando escrita por um autor desconhecido. Assim, a peça rodou de mão em mão até que, graças aos amigos de Flanagan. na Europa, chegou a Berlim, onde foi montada. Estreando em 1959, *A História do Zoológico* causou alguma vibração na Alemanha, o suficiente para abrir a Albee as portas dos teatros *off-Broadway,* casas de espetáculo suburbanas e secundárias em relação ao núcleo teatral dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, foi o passo inicial indispensável para atingir as casas de espetáculo *on-Broadway.* Produzida por Richard Barr, a peça estreou em 1960, num programa que apresentava conjuntamente um trabalho de Beckett, procurando fazer com que o público estabelecesse conexão entre as duas encenações. Beckett, junto a Ionesco e Genet, vinculava-se ao chamado "teatro do absurdo", que florescia na Europa nos anos 50 e ganhava força entre a intelectualidade norte-americana. *A História do Zoológico* teve 582 apresentações, um verdadeiro recorde para uma peça não musical apresentada *off-Broadway.*

Em *Zoo Story* a ação – ou o duelo entre dois indivíduos – transcorre no Central Park, num domingo à tarde. De um lado, Peter, um quarentão bem apessoado, nem gordo, nem magro, nem bonito, nem feio. Fumando seu cachimbo, ele está sentado

num banco, lendo, quando chega Jerry. Assim que o outro se aproxima. Peter reage com desconfiança, pronto a defender sua serenidade, sua situação e o banco sobre o qual, todo domingo, vem ler e descansar. Segundo Albee, "meio acordado, meio adormecido, ele procura atravessar a vida como tanta gente o faz; é o homem médio em todas as suas atitudes". O retrato vivo do *self made man*, que segue as regras do *arnerican way of life:* tem uma família organizada, duas filhas pequenas, um bom emprego, uma boa casa num dos bairros residenciais de Nova York. Jerry, ao contrário, é um homem estranho. Próximo dos quarenta, veste-se negligentemente, é um poeta que mora numa pensão, convivendo com os setores marginalizados da sociedade, desde os negros e porto-riquenhos aos homossexuais e aos fracassados. que não partilham do mundo limpo, harmônico, mas frio e antiséptico como um hospital, o mundo dos ajustados e conformistas. Durante toda a peça, Jerry procurara comunicar se com Peter, o pequeno-burguês fechado em seu mundo ordeiro e que se recusa a qualquer contato, a qualquer movimento, mesmo que seja apenas levantar-se de seu banco – que é, literalmente, seu lugar ao sol. A imagem do zoológico, dada inicialmente pelo próprio título da peça, vai se reforçando com a história de Jerry, que acaba de chegar do Jardim Zoológico. E será repisada a todo momento – representando o mundo em que vivemos e no qual impera a competição pela sobrevivência. A imagem é rica de significados, pois é no zoológico que se pode estudar o comportamento dos homens perante os animais, e vice-versa, assim como o comportamento dos animais entre si, isolados em suas jaulas. As grades impedem a comunicação, tornando praticamente impossível vencer o individualismo, o desespero e a solidão. Contra as grades protetoras de Peter é que Jerry investe, num duelo entre a vida e a morte, conceituados metafisicamente. Jerry só vencerá o duelo fazendo com que Peter o mate – e o assassinato involuntário acaba sendo o único ato de comunicação emocional entre os dois. Peter e Jerry, entretanto, são aspectos complementares de uma mesma personalidade social doentia, representando o bem (tudo o que é considerado normal para a "maioria silenciosa") e o mal as minorias, os desajustados e aqueles que buscam ultrapassar as grades das jaulas e tocar nos outros, com suas mãos negras, sujas ou carregadas de desejo.

Depois de *Zoo Story*, vieram *A* Caixa *de Areia (The Sand Box, 1959)* e *O Sonho Americano (The American Dream,* 1960), duas peças complementares. A primeira, dedicada à sua vovó Cotta, passou quase despercebida do público americano. A segunda, porém, é uma das obras mais conhecidas de Albee.

Em *A* Caixa *de Areia* estão presentes quatro personagens: o Rapaz, Papai, Mamãe e Vovó, todos reunidos numa praia. Em quinze minutos Vovó morre na areia, sob o calor insuportável do sol. Morre, ou é morta pela desatenção de Papai e Mamae. Morre, ou se faz matar, como algo que já não tem mais valor numa sociedade que se desembaraça dos velhos, assim como esconde seus monstros e seus doentes. Em cena, contrapõem-se o Rapaz, anjo da morte, símbolo do ideal apolíneo e do futuro, e Vovó, representante dos antigos valores, da dignidade, da mulher pioneira que cedo enviuvou e, com seu próprio esforço, conseguiu criar sua filha, Mamãe.

Em *O Sonho Americano,* são as mesmas personagens que se relacionam, só que a ação transcorre no apartamento pequeno-burguês de Papai e Mamãe. O casal recusa-se a admitir Vovó em sua vida, desejando mandá-la para um hospício, como uma velha louca, que defende valores que não fazem o menor sentido no presente. Monta-se assim o quebra-cabeça da ideologia americana: o casal, que corporifica o presente, o que está estabelecido, com suas contradições e seus temores; o Rapaz. futuro propugnado pelo presente, que é a esperança, o paradigma, mas não tem sequer um nome, uma qualidade particular: a Velha, vinculada ao passado, a sentimentos ultrapassados, que moviam os pioneiros da sociedade americana. Montado, o quebra-cabeça apresenta uma imagem sarcástica e angustiante de uma sociedade que vive a ilusão dos cenários de Hollywood, réplica e falso espelho do real, onde a vida deixou de existir: Papai é rico, mas impotente, sinal claro da negação da vida e da criação, assim como de todo prazer, desde o mais básico e carnal: Mamãe, insatisfeita, canaliza toda a sua agressividade para Papai e Vovó: mas, para sanar a esterilidade, a América tem um sistema amplo de assistência, que distribui crianças sob medida. E ai Albee coloca em cena mais um mito da ideologia ocidental: a criança é a esperança, o futuro, o sonho. Só que esse sonho é delimitado pelos padrões vigentes, formado e conformado segundo o modelo apolíneo, preocupado somente com a aparência e não com a essência das coisas. O novo é apenas a nova embalagem de um produto já conhecido e consumido pela sociedade de massas e de consumo.

Em 1960 surge também *A Morte de Bessie Smith (The Death of Bessie Smith).* Na peça. a cantora negra é apenas uma referência, um símbolo da negritude. A ação se passa em 1937, num hospital do Sul dos Estados Unidos. Bessie Smith está ferida e precisa de atendimento urgente: ela precisa entrar no mundo branco e antiséptico do hospital para poder ser salva, Albee faz uma análise quase psicanalítica da população do Sul, e do lugar que o negro ocupa nessa sociedade. Mas, Norte e Sul fazem parte da mesma unidade contraditória, que são a nação norte-americana e toda a sua ideologia. Em cena, estão um enfermeiro negro, amigo de Bessie, o qual se submete às regras do jogo, para garantir seu lugar no hospital: uma enfermeira branca e um jovem medico branco. Como se trata de uma negra, o atendimento é praticamente negado, até que o enfermeiro negro decide infringir as regras e, juntamente com o médico, vai prestar socorro a Bessie. Mas, no momento em que a solidariedade se manifesta, ela se torna inútil, pois Bessie já está morta. Esse gesto inútil permitirá ao hospital expulsar os não-conformistas, exatamente Como o Sul e os Estados Unidos liquidam políticos e apóstolos progressistas. Novamente a morte é o desfecho da ação, como em .*A Historia do Zoológico* e *A Caixa de Areia.* As vítimas, assassinadas, representam o poeta (Jerry), o pioneiro (Vovó) e o artista (Bessíe), algumas das forças vivas da América.

Em 1962 surge o maior sucesso de Albee, apresentado em quase todo o mundo em suas montagens teatrais e no filme dirigido por Mike Nichols, com Richard Burton, Elizabeth Taylor, Sandy Denis e George Segall: *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?*, um instigante e tempestuoso duelo entre um casal de meia-idade, envolvendo um casal jovem, que se diferencia do mais velho apenas pelo tempo

menor de convivência.

Com esse trabalho, Albee tornou-se um homem rico. Estranhamente, ele também realizou o projeto do *self made man*, chegando sozinho ao sucesso e conseguindo dinheiro e *status.* Além do lucro conseguido pelas montagens teatrais de *Virgínia Woolf* a versão cinematográfica da peça tornou-se um dos filmes em preto e branco mais rentáveis feitos até hoje. Ao lado do sucesso financeiro. Albee foi eleito novo membro do Instituto Nacional de Letras e Artes e teve seu nome inscrito na lista dos Jovens Mais Importantes dos Estados Unidos em 1962-1963.

Sem dúvida, a fortuna permitiu a Albee uma vida mais confortável, e o sucesso possibilitou-lhe ampla circulação nos meios intelectuais e entre a elite da sociedade americana: Mas permitiu-lhe também participação mais decisiva num de seus mais importantes trabalhos, em desenvolvimento desde 1961. O *Playwright's Unit* — associação de Albee com Richard Barr e Clinton Wilder, dois grandes produtores de teatro ganhou novo impulso em seu objetivo de revelar novos autores, oferecendo-lhes condições de trabalho, liberdade de criação e possibilidade de montagem de seus textos. O *Albarwild,* como se tornou conhecida administrativamente a associação depois de 1965, colocou à disposição dos jovens dramaturgos uma pequena sala de espetáculo *off-Broadway*, o Village South Theater, onde várias peças de autores desconhecidos foram montadas sem nenhuma pressão comercial nem de crítica, por simples amor à arte, ao teatro independente. Equipe técnica, diretores, atores – muitos de primeira grandeza – trabalham sem remuneração, unidos no mesmo ideal. Todos os trabalhos apresentados no *Albarwild* são lidos e apreciados pelos associados; cada novo dramaturgo é tratado com o mesmo respeito que Albee. É um atelier de teatro dos mais eficazes e que tem contribuído para o aparecimento de dramaturgos como Sam Shepard e Leroy Jones, entre outros.

CADA TEMPESTADE ANUNCIA OUTRA TEMPESTADE

As obras de Albee decorrem num clima emocional intenso, tempestuoso. E cada nova peça retoma e recria esse clima de tempestade. No entanto, após *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?* Albee começou a divorciar-se da crítica e do público, iniciando um largo período de fracassos. A *Balada do Café Triste (The Ballad of the Sad Café,* 1963), adaptação da novela de Carson McCullers (1917-1967) para o teatro, não venceu na comparação com o trabalho anterior de Albee e iniciou o descontentamento do público e da crítica em relação ao dramaturgo.

Em 1964, é encenada *A Pequenina Alice (Tiny Alice),* que, embora inicialmente bem recebida pelo público, depois que alguns críticos a acusaram de obscura, começou a perder público progressivamente. E logo o trabalho tornou-se conhecido como a pequena Alice, do pequeno Albee. Nessa obra, a discussão está centrada na essência e na aparência, no real e no imaginário convivendo na sociedade. A desmistificação das instituições, da Igreja, da Lei e da Verdade é conseguida através de uma trama comercial em que um Cardeal contrata Julien, seu jovem secretário, para servir de pagamento numa importante transação entre a Igreja e a misteriosa

Alice, a figura feminina da Verdade, de Deus. Esse Deus feminino se servira de Julien para sua satisfação. Introduzindo-o num universo ambíguo como o de .*Alice no País das Maravilhas,* de Lewis Carroll, onde o real e o imaginário perdem seus limites e seus contornos. Alice é uma rica e bela senhora que pretende fazer um grande donativo à Igreja, por intermédio de um Homem da Lei. Em toda a trama, filigranada e de difícil compreensão, Albee recoloca em questão alguns dos pilares básicos da sociedade ocidental, denunciando a submissão da Lei e da Igreja ao dinheiro, e sua dominação sobre o homem comum, Julien. Quando a ilusão se desvanece, Julien recusa-se a aceitar o real tal como lhe é apresentado – ele procura a Verdade, a essência. Esse homem comum acaba assassinado pelo Homem da Lei, como o foram outros personagens de Albee, que questionaram o *establishment* e sua ideologia. É o inocente que deve ser sacrificado para que tudo fique bem.

O ano de 1966 é repleto de contradições para Albee. Por um lado. *Malcolm*, adaptação de um romance de James Purdy, é um de seus maiores fracassos, ficando apenas sete dias em cartaz; por outro, com *Um Delicado Equilíbrio (A Delicate Balance)* Albee conquista o prêmio Pulitzer de 1967.

Malcolm conta a vida de um adolescente de quinze anos cujo pai desapareceu, cabendo à sociedade sua iniciação à vida. Após viver num prostíbulo, convivendo com meretrizes e homossexuais, o jovem casa-se com uma cantora de cabaré, ninfômana, e torna-se alcoólatra. No final da peça, Malcolm morre de alcoolismo e exaustão sexual, destruído por sua mulher e por toda a sociedade americana com seus mitos.

Em *Um Delicado Equilíbrio* – o trabalho mais angustioso e mais triste de Albee – a situação temática assemelha-se à de *Virgínia Woolf:* novamente estão reunidos dois casais, um sendo o espelho do outro. Estão em cena ainda duas mulheres, que comentam e catalisam a ação. No refúgio do lar, Agnes e Tobias recebem um casal amigo, inesperadamente assaltado por um profundo e inexplicável terror: a irmã de Agnes e Júlia, filha do casal, após o quarto casamento fracassado.

Albee explora os pólos extremos – da razão à loucura – em gradações nem sempre sutis. Cada espectador poderá reconhecer na peça seus próprios temores e suas crenças. Cada personagem exprime uma imensa tristeza de viver, um grande vazio e um grande medo, escondendo-se de tudo pela loucura, pelo álcool ou pela agressão. Nesse refúgio percebe-se o equilíbrio precário das vidas em confronto, cuja desestabilização está sempre presente a partir das interferências do mundo exterior. Trata-se de uma parábola, plena, de metáforas: os casais que se espelham, amigos-inimigos intercambiáveis no decorrer da ação, refugiando-se em si e na hipocrisia para não enfrentarem as frustrações de cada um diante da realidade.

Em *Tudo no Jardim (Everything in the Garden,* 1967) Albee volta a atacar a moral e os ideais do *american way of life*, verniz brilhante que tenta encobrir a inocuidade da vida real, as frustrações emocionais, a castração e a repressão. Tudo vai bem se parece bem, mesmo que as respeitáveis senhoras casadas dediquem-se à prostituição, em nome da melhoria de vida, da aparência de uma existência organizada e confortável. Os maridos são coniventes, mas quando tudo vem a público, estão mais preocupados com a manutenção da fonte de renda auxiliar do

que com a moral e os preceitos da sociedade puritana em que vivem. Esse trabalho é uma adaptação de Albee de um romance do autor inglês Giles Cooper.

Em 1968, Albee vem a público com um trabalho experimental, onde musica, ritmo, escultura e linguagem se mesclam e se contrapõem: *Box-Mao-Box*, peça composta de dois momentos. No primeiro momento – *Box* – , o único elemento cênico aparente é um cubo, representando a ordem do mundo. Em contraposição a ele, uma voz de mulher. Alquebrada, relembra os valores nos quais anteriormente se acreditava e que foram ultrapassados e destruídos. Não é um lamento, apenas um balanço – feito como uma melodia – das perdas do homem até a corrupção total; um inventário, onde dois temas se misturam e se reforçam:
a evolução empobrecedora e a exterminação do homem, enquanto ser sensível, enquanto homem total. Após a recitação de *Box*, o palco se ilumina mais intensamente, desvendando outros elementos cênicos, que transformam o palco num convés de navio. Nele estão o presidente Mao, a Dama de Longo Fôlego, a Velha Pobre e um Pastor Protestante. Assim, são colocados em confronto o futuro, o presente, o passado e o extratemporal — que é a única instância em que nada se tem a dizer durante toda a encenação.

Em 1970, um novo fracasso com *Tudo Acabado (All Over).* A peça trata das reações da mulher, da amante, dos filhos e do melhor amigo de um homem que está à morte e que não aparece em cena. Todos se referem ao moribundo e. de novo, está em questão a problemática da relação dessas pessoas com aquele homem real ou com a imagem, fictícia, que dele fazem ou faziam.

Em *Paisagem Marinha (Seascape,* 1975), Albee retoma a problemática da evolução humana e da perda dos valores e sentimentos fundamentais nesse processo. Mais um fracasso de público e de crítica.

Onde estará aquele Albee que desencadeou a tempestade de *Quem Tem Medo de Virgínia Wolff?*, logo após *Zoo Story?* Terá enveredado por caminhos incompreensíveis ou inabsorvíveis pelo público americano? Sua preocupação metafísica se terá tornado tão generalizante que acabou esvaziada e sem força? Lisas perguntas só terão resposta quando uma nova geração se afirmar e nela frutificarem ou não as ultimas experiências de Albee.

ILUSÃO OU REALIDADE?

Na dramaturgia de Albee o duelo e a forma de relação possível entre os homens. E entre os contendores de suas peças, sem dúvida os mais violentos são George e Marta, o casal de *Quem Tem Medo de Virginia Wolff?.* Os dois são responsáveis por uma das mais densas cadeias de emoções e questionamentos do teatro contemporâneio, George, o marido, sensível, poético e muitas vezes filosófico, e professor de História de uma faculdade na Nova Inglaterra, Marta, a mulher, dominadora, insatisfeita, é filha do reitor da faculdade. Do duelo de vida e morte no sentido metafísico desses conceitos – participa também um jovem casal, que acaba de ser integrado a comunidade acadêmica: Nick, o jovem professor de Biologia, e Honey (Benzinho), sua mulher.

Na peça, os problemas lançados são de vários tipos e níveis, e todos retomam pontos centrais das preocupações e da formação de Albee. De um lado, está Marta, que, como a maioria das mulheres jovens ou de meia-idade das peças de Albee, é insatisfeita, angustiada, incapaz de ver e sentir a realidade, questionando constantemente seu marido. George, por sua vez, e o antípoda do *self made man*, incapaz de chegar à posição de diretor do Departamento de História, e, .já avançado em idade, fisicamente decadente. Os traços psicológicos desses personagens parecem claramente relacionados aos pais adotivos de Albee: Reed, embora bem sucedido financeiramente, é um homem fraco e decadente perante Frances, voluntariosa e mimada.

No entanto, se as tensões emocionais e psicológicas entre o casal estão ligadas às características das duas personalidades em confronto, estas não bastam para justificar toda a dimensão e a densidade da obra. A insatisfação e o vazio das vidas colocadas em cena têm um vínculo bastante forte com a denúncia das dificuldades que a crença no sonho americano traz para as relações interpessoais. A não correspondência entre o concreto vivido e o sonho destrói a efetiva possibilidade de vivência. Sob o ângulo da relação homem-mulher, é ainda a problemática global da comunicação entre indivíduos reais que está à mostra, como em *A História do Zoológico.*

É dessa não correspondência entre realidade e projeto que a peça ganha um conteúdo mais amplo, também presente em *A Pequenina Alice* e *Um Delicado Equilíbrio,* a discussão dos limites entre a ilusão e o real, e da possibilidade de viver o imaginário como fuga ao enfrentamento do real, não sob o signo da hipocrisia ou da loucura, porém sob a égide da dor e do destroçamento individual.

Tudo se passa na madrugada de um domingo até o alvorecer, após uma das indefectíveis bebedeiras que congregam a comunidade acadêmica nas noites de sábado. A obra assume as proporções de um ritual em que Marta e George, na presença de seus convidados, exercitam sua dialética explosiva e tempestuosa, cujo final é a desmistificação do sonho secreto do casal: - o filho imaginário símbolo da fertilidade da relação, do futuro e da ilusão – e finalmente destruído. A destruição do ilusório – mas tão real e necessário para George e Marta – levanta a questão do enfrentamento da vida sem ilusões, o enfrentamento de Virgínia Woolf, a lúcida personagem externa que oferece o *leimotiv* da peça. Quem tem medo da verdade? Realidade ou ilusão? – este o problema central da obra, e que sacode a vida de todos: de Marta, de George, de Nick, de Honey e dos espectadores.

A primeira montagem da peça foi feita pelo *Playwright's Unit, on-Broadway,* no ano de 1962. Conquistou praticamente todos os prêmios da temporada: a melhor interpretação feminina (Uta Hagen), o melhor ator (Arthur Hilll), a melhor direção (Alan Schneider) e a melhor produção (Richard Barr e Clinton Wilder). No Brasil, a peça foi montada pela primeira vez em 1966, com Cacilda Becker, Walmor Chagas, Lílian Lemmertz e Fúlvio Stefanini, no Teatro Cacilda Becker, de São Paulo.

PERSONAGENS

MARTA, mulher de cinqüenta e dois anos aparentando um pouco menos, corpulenta e impetuosa; robusta sem ser gorda.

GEORGE, Marido de Marta, quarenta e seis anos; magro, cabelos que começam a ficar grisalhos.

BENZINHO, vinte e seis anos, de pequena estatura, loura, tipo sem atrativos.

NICK, trinta anos, marido de Benzinho; louro, boa constituição física; um bonitão.

Cenário: *Sala de estar de uma casa situada no campus de uma pequena universidade da Nova Inglaterra.*

ATO I

PASSATEMPO

Cena às escuras. Colisão contra a porta de entrada. Ouve-se a risada de Marta. A porta da frente se abre. Ilumina-se a sala. – Entra Marta, seguida de George.

MARTA
Puxa. . .

GEORGE
Psiu... u. . .

MARTA
. . .vida!

GEORGE
Por favor, Marta. São duas horas. . .

MARTA
Ora, George!

GEORGE
Sinto muito, mas. . .

MARTA
Galinha choca! Você é uma verdadeira galinha choca!

GEORGE
Não vê que já é tarde?

MARTA (passa os olhos pela sala e põe-se a imitar Bette Davis)
"Que espelunca!" De onde vem esta frase? "Que espelunca!"

GEORGE
Como é que eu posso saber. . .

MARTA
Anda, vamos! De onde vem? Você sabe sim. . .

GEORGE.
Marta. . .

MARTA
De onde vem esta frase, ora bolas!

GEORGE *(desinteressado)*
De onde vem o quê?

MARTA
Mas eu acabo de dizer. Acabo de imitar. "Isso é uma espelunca". Então?

GEORGE
Não tenho a menor idéia.

MARTA
Idiota! É de um daqueles dramalhões da Bette Davis. . . um daqueles famigerados dramalhões da Warner Brothers.

GEORGE
E você quer que eu me lembre de todos os filmes. . .

MARTA
Ninguém está pedindo que você se lembre de todos os famigerados dramalhões da Warner Brothers. De um só. Um dramalhãozinho só. Bette Davis pega uma peritonite no final. . . ela usa aquela enorme cabeleira preta, pavorosa, durante o filme todo e pega uma peritonite e é casada com Joseph Cotten ou algo parecido...

GEORGE
Ou alguém parecido. . .

MARTA
. . . Alguém parecido . . . e quer ir por força para Chicago, porque está apaixonada por aquele ator da cicatriz. . . mas ela fica doente e se senta diante da penteadeira...

GEORGE
Que ator? Que cicatriz?

MARTAi
Ora bolas, sei lá o nome dele! Como é o nome do filme? O que me interessa é o nome do filme. Ela se senta diante da penteadeira. . . está com peritonite. . . tenta passar baton nos lábios mas não consegue e . . . acaba espalhando tudo pela cara... mas decide ir para Chicago, de qualquer maneira, e. . .

GEORGE
Chicago! Chamava-se Chicago!

MARTA
Hein? . . . O que é que. . .?

GEORGE
A fita . . . chamava se Chicago. . .

MARTA
Que Chicago! Você não sabe nada! Chicago foi um musicado da década dos 30, e quem estrelava era Alice Fayes. Você não sabe mesmo nada!

GEORGE
Evidentemente não era do meu tempo. . .

MARTA
Olha aqui, não enche, ouviu? No filme. . .Bette Davis volta para casa depois de passar um dia estafante numa mercearia. . .

GEORGE
Ela trabalha na mercearia?

MARTA
Ela é dona de casa. Gasta dinheiro. . . volta para casa com as compras. . . e entra no modesto *li*ving de um modesto chalé que o modesto Joseph Cotten instalou para ela. . .

GEORGE
Eles são casados?

MARTA (impaciente)

São. São sim, seu bobo! Um com o outro Ela entra, larga as compras, olha em volta e diz: "isso é uma espelunca!"

GEORGE *(pausa)*
Anh!

MARTA (pausa)
Com ar de descontentamento!

GEORGE *(pausa)*
Anh!

MARTA (pausa)
Então, qual é o nome do filme?

GEORGE
Sinceramente, Marta. . . não sei..

GEORGE
Estou cansado . . .é tarde . . . além disso. . .

MARTA
Não sei por que você está tão cansado. . .não fez nada o dia todo. Não deu aula, nem. . .

GEORGE
É, mas estou cansado. Se. pelo menos, seu pai não me viesse com essas malditas festinhas aos sábados. . .

MARTA
Ora, azar o seu, George. . .

GEORGE *(resmungando)*
Talvez. . . mas não tem jeito. . .

MARTA
Você não faz nada, nunca faz nada, nunca participa. Fica sentado, falando, falando. . .

GEORGE
E o que é que você quer? Que eu faça como você? Que eu fique circulando pela sala a noite inteira, matracando como você?

MARTA (imitando uma matraca)
Eu não matraco!

GEORGE *(com calma)*
Está bem . . .Você não matraca.

MARTA (ferida)
Eu não matraco!

GEORGE
Está certo. Eu disse que você não matraca.

MARTA (amuada)
Me dá um drinque.

GEORGE
O que?

MARTA (ainda em voz baixa)
Eu disse: me dá um drinque.

GEORGE *(dirigindo-se ao bar portátil)*
Bem, um trago antes de dormir não mata ninguém.

MARTA
Antes de dormir? Você está brincando! Vamos ter visita!

GEORGE *(sem acreditar)*
Vamos ter o que?

MARTA
Visita! Visita!

GEORGE
Visita?

MARTA
É. . . Gente . . . Visita! Vai chegar visita!

GEORGE
Quando?

MARTA
Agora.

GEORGE
Meu Deus!. . . mas Marta você sabe que horas . . .Quem são esses?

MARTA
Os fulanos.

GEORGE
Quem?

MARTA
Os fulanos.

GEORGE
Fulano de que?

MARTA
Sei lá, George! Você foi apresentado a eles hoje, à noite. . . é gente nova aqui . . . ele veio para o Departamento de Matemática . . . ou coisa parecida. . .

GEORGE
Mas . . . quem é esta gente?

MARTA
Você os conheceu. hoje, à noite, George.

GEORGE
Não me lembro de ter sido apresentado a ninguém, hoje à noite. . .

MARTA
Mas foi. . . Quer fazer o favor de me dar um drinque? . . . Ele veio para o Departamento de Matemática . . . uns trinta anos, louro e. . .

GEORGE
. . .bonitão.

MARTA
. . .e bonitão.

GEORGE
Já entendi.

MARTA
. . .a mulher dele é um tipinho insignificante que não tem cadeiras, nem nada.

GEORGE *(vagamente)*
Anh!

MARTA
Lembrou, agora?

GEORGE
É, acho que sim . . . Diabo, mas por que eles vêm aqui, agora?

MARTA (com voz de quem não admite discussão)
Porque papai mandou a gente tratar bem deles, só por isso!

GEORGE *(dando-se por vencido)*
Ah! Meu [)eus!

MARTA
Cadê meu drinque? Papai mandou a gente tratar bem deles,ouviu? Obrigada.

GEORGE
Mas tem que ser agora? São mais de duas horas da manhã. . .

MARTA
Papai mandou a gente tratar bem deles!

GEORGE
Já ouvi. Mas seu pai não pretende que a gente fique acordado a noite inteira com essa gente. Bastava convidá-los para passar um domingo. . . acho eu.

MARTA
Bem, não tem importância . . .Além disso, já é domingo . . .madrugada de domingo.

GEORGE
Mas . . . é um absurdo!

MARTA
Agora esta feito!

GEORGE. *(resignado e irritado)*
Está bem. E . . . onde estão eles? Já que vamos ter convidados, onde se meteram esses convidados?.

MARTA
Já vão chegar.

GEORGE
Foram tirar urna sonequinha antes de vir?

MARTA
Daqui a pouco eles estão aqui.

GEORGE
Você não poderia, de vez em quando, me informar sobre as coisas e acabar com essa sua mania de surpresas? O tempo todo?

MARTA
Eu não tenho mania de surpresas. . .

GEORGE
Tem sim. . . se tem. . . você está, constantemente, me preparando dessas surpresas.

MARTA (tom amigável e maternal)
Ora, George!

GEORGE
Constantemente.

MARTA
Pobre Georginho! Coitadinho! *(Vendo que ele está amuado)* Que é isso? De cara feia? Hum. . . olha pra mim. . . está zangado? tá mesmo?

GEORGE *(muito baixo)*
Não tem importância, Marta.

MARTÁ
Aaaaah!

GEORGE *(muito baixo)*
Não tem importância. . .

MARTA

Aaaah! *(Nenhuma reação da parte dele.)* Ei! *(O mesmo.)* Ei! *(George olha para ela, aborrecido.)* Ei! *(Marta canta)*

Quem tem medo de Virginia Woolf,
Virginia Woolf,
Virginia Woolf. . .

Há, há, há. . . *(Nenhuma reação.)* O que há? Não achou gozado? Eu achei gozadíssimo uma verdadeira pândega! Você não achou, não é?

GEORGE

Não estava mau, Marta. . .

MARTA

Você morreu de rir na festa quando ouviu esta canção.

GEORGE

Sorri. Não morri de rir sorri, percebeu? não estava mau

MARTA (olhando fixo para o copo)

Você quase estourou de rir.

GEORGE

Não estava mau.

MARTA (provocante, ofensiva)

Foi gozadíssimo

GEORGE *(com paciência)*

É. foi muito gozado.

MARTA (depois de considerar um momento)

Você me dá vontade de vomitar!

GEORGE

O quê?

MARTA

Você. . . me dá vontade de vomitar!

GEORGE *(pensa no que ela diz e, então)*

Não é muito delicado o que você disse, Marta.

MARTA
Não é o quê?

GEORGE
. . .muito delicado, o que você disse.

MARTA
Eu gosto da sua maneira de zangar-se. Acho que *é* a coisa de que eu mais gosto em você. . . da sua maneira de zangar-se Você é tão. . . tão banana. . . não tem o que mesmo?

GEORGE
. . .tripas.

MARTA
Fazedor de frase! *(Pausa;* em *seguida, ambos riem.)* Ponha mais gelo no meu copo. Você nunca põe gelo no meu copo. Por quê? hein?

GEORGEi. *(apanha o copo dela)*
Eu sempre ponho gelo no seu copo. É que você mastiga. . . você tem esse hábito de roer gelo. . .parece até um *cocker spaniel*. Vai acabar rachando os dentões.

MARTA
Os dentões são meus!

GEORGE
Alguns. . .alguns são.

MARTA
Tenho mais dentes do que você.

GEORGE
Dois.
.
MARTA
E dois dentes, ë muito dente!

GEORGE
Não deixa de ser. Não deixa de ser um fato notável. . .considerando a sua idade.

MARTA
Pare com isto! Você, também, não é tão jovem assim.

GEORGE *(cantarolando em tom jovial)*
Tenho menos seis anos que você. Sempre tive e sempre terei.

MARTA (de mau humor)
É. . . mas está ficando careca.

GEORGE
Você também. *(Ambos riem depois de uma pausa.)*. . . . Querida?

MARTA
Querido? Venha cá dar um a beijoca na sua mamãe..

GEORGE
. . .ah!

MARTA
Quero uma beijoca bem boa!

GEORGE *(preocupado)*
Não quero saber de beijos, Marta. Onde estão esses camaradas que você convidou?

MARTA
Ficaram conversando com papai . . . já vão chegar. . . Por que você não quer me dar uma beijoca?

GEORGE *(muito prosaicamente)*
Olhe, querida, se eu beijá-la vou ficar todo excitado. Perco a cabeça e pego você,. a força, aqui mesmo no tapete da sala e, então, os nossos amiguinhos chegam e você pode imaginar o que seu pai não diria. . .

MARTA
Seu porco!

GEORGE *(com (desdém, imita um porco duas vezes)*
Oink! Oink!

MARTA
Há, há, há. Me dá um outro drinque. . . amoreco.

GEORGE *(apanhando o copo de Marta)*
Puxa, como você sabe entornar, hein?

MARTA (imitando criança pequena)
Tô cim sêdi!

GEORGE
Credo!

MARTA (voltando se)
Olha aqui, velhinho, em matéria de bebida, eu bato você longe. Deixe de marcação comigo!

GEORGE
Há muitos anos que eu lhe passei essa taça. Tudo quanto é prêmio de coisa ruim é você quem ganha.

MARTA
Juro que se você. . . existisse, eu me divorciaria de você. . .

GEORGE
Bem, pelo menos, procure aguentar-se em pé. . . são seus convidados e. . . você sabe que. . .

MARTA
Mas nem vejo você. . . há anos que não consigo ver você. . .

GEORGE
. . .se desmaiar, vomitar ou coisa do gênero. . .

MARTA
. . .porque você é um nada, um. . . zero a esquerda.

GEORG 1
. . .e, também, procure não se despir. Não há espetáculo mais nauseabundo do que você, depois de ter virado uns copos, com a saia na cabeça. . .

MARTA
. . . uma nulidade. . .

GEORGE
. . .nas cabeças, melhor dizendo. . .

(Soa a campainha da porta de entrada.)

MARTA
Festa! Festa!

GEORGE *(enfurecido)*
Era exatamente disso que eu estava precisando. . .Marta.

MARTA (no mesmo tom)
Vá a porta.

GEORGE *(sem mover-se)*
Vá você.

MARTA
Vá abrir aquela porta, seu . . *(Ele não* se *mexe.)* você me paga.

GEORGE *(imitando uma cusparada)*
. . . toma. . .

(A campainha soa de novo.)

MARTA (gritando para a porta)
Já vai! Eu mandei você abrir a porta.

GEORGE *(move-se, um pouco, em direção a entrada, sorrindo levemente)*
Está bem, amor . . . farei tudo o que meu amor quiser. Mas uma coisa . . não comece daquele pedaço.

MARTA
Que pedaço? Que pedaço? Que raio de linguagem é esta? Do que é que você está falando?

GEORGE
Do pedaço. Só não me venha com aquele pedaço.

MARTA
Que negócio é este? Está querendo imitar um dos seus alunos? O que é que voeê quer dizer? Que pedaço é este?

GEORGE
Não me venha com a história do menino, ouviu?

MARTA
O que é que você pensa que eu sou?

GEORGE
Prefiro não dizer.

MARTA (realmente enfurerecida)
Ah e? Pois falarei do menino quando bem entender!

GEORGE
Não meta o menino no meio.

MARTA (ameaçando)
Ele é tão meu quanto seu. Falarei dele se eu quiser.

GEORGE
Estou lhe avisando, Marta.

MARTA
Pois dane-se *(Batidas na porta.)* Já vai! Vá abrir a porta!

GEORGE
Você está avisada!

MARTA
Tá certo. Vá abrir!

GEORGE *(encaminhando-se para a porta)*
Bem . . . farei tudo o que meu amor quiser. É de admirar como ainda existem pessoas educadas na nossa época, não é? Admirável que elas não entrem pela casa adentro mesmo quando ouvem um monstro sub-humano grunhindo do outro lado!

MARTA
Ora, vá tomá. . .

(Ao mesmo tempo em que Marta está falando, George abre, violentamente , a porta de entrada. Benzinho e Nick estão parados no limiar. Há um momento de silêncio e. . .)

GEORGE *(fingindo receber com prazer Benzinho e Nick, mas, na realidade, satisfeito porque eles ouviram a explosão de Marta)*
A . . .h!

MARTA (em voz um pouco alta demais, para disfarçar)
Salve! Salve! Vamos entrando!

BENZINHO E NICK. (intercalando-se.)
Alô!. . . chegamos!. . . ah!. . .

GEORGE *(prosaicamente)*
Vocês devem ser os nossos convidadinhos!

MARTA
Há, há, há. Não tomem conhecimento desse gorila aí na porta, não! Entrem, meninos! Entreguem os casacos e o resto ao gorila.

NICK *(inexpressivo)*
Eu não sei se fizemos bem em vir. . .

BENZINHO
É. . .é tarde. . . e. . .

MARTA
Tarde! Você está brincando? Larguem as coisas por aí e entrem.

GEORGE *(em tom vago, afastando-se.)*
Em qualquer lugar. . . em cima dos móveis. . . no chão. . . Não faz a menor diferença nessa casa. . .

NICK *(para Benzinho)*
Não lhe disse que era melhor não vir?

MARTA
Eu mandei vocês entrarem. . . Então, entrem!

BENZINHO (dando uma risadinha enquanto ela e Nick avançam para dentro da sala)
Ah! não sei. . . se. . .

GEORGE *(imitando a risadinha de Benzinho)*
Hi, hi, hi!

MARTA (voltando-se para George)
Olha aqui, seu boca suja. . . quieto, ouviu?

GEORGE *(fingindo inocência; e ofendido)*
Marta! *(para Benzinho e Nick)* Marta é fogo em matéria de palavreado! É mesmo!

MARTA
Bem, meninos. . . sentem-se.

BENZINHO (enquanto se senta)
Que linda sala, não é?

NICK *(sem convicção)*
É. . . muito elegante.

MARTA
Obrigada.

NICK *(apontando para um quadro abstrato)*
Quem. . . quem pintou aqui. . .

MARTA
Aquilo? Ah!. . . é de um. . .

GEORGE
. . .grego de bigodes com quem Marta se. . . atracou. . . uma noite. . .

BENZINHO (para salvar a situação)
Hi, hi, hi.

NICK
Tem uma. . . uma. . .

GEORGE
. . . uma intensidade tranqüila?

NICK
É. . . não. . . uma. . .

GEORGE
Ah! *(Pausa.)*. . . talvez . . . a qualidade de uma certa turbulência repousante?

NICK *(percebendo o jogo de George mas mantendo-se inflexível e friamente cortes)*
Não, o que eu queria dizer era que. . .

GEORGE
Que acha de. . . uma intensidade tranqüilamente turbulenta e repousante?

BENZINHO
Querido, estão zombando de você!

NICK *(friamente)*
Já percebi.

(Silêncio breve e incômodo.)

GEORGE *(com sinceridade)*
Desculpem-me *(Nick assente, condescendente, com um movimento de cabeça.)* Na verdade, é a representação do estado mental de Marta.

MARTA
Há, há, há. Ofereça um a bebida aos meninos, George. O que é que vocês querem beber, bem?

NICK
Benzinho, o que é que você quer beber?

BENZ!NHO
Não sei, querido. . . talvez um pouco de conhaque. "Quem não mistura não faz vexame."

GEORGE
Conhaque? Só conhaque? Nada mais fácil *(Dirige-se ao bar portátil.)* E você, hum ?

NICK
Uísque, *on the rocks*, se não se importar.

GEORGEi
Importar? Não, não me importo. Acho que não me importo. Marta, álcool puro para você?

MARTA
Claro. Quem não mistura não faz vexame.

GEORGE
O paladar de Marta, em matéria a de bebida, foi-se moderando. . . simplificando com o correr dos anos. . . cristalizou-se. Antigamente, quando eu cortejava Marta – não sei se é esta, exatamente. a palavra que serve – mas, antigamente, quando eu cortejava Marta. . .

MARTA (alegremente)
Enfia no. . .queridinho.

GEORGE *(aproximando-se com os copos de Benzinho* e *Nick)*

Em todo o caso, na época em que eu estava cortejando Marta, ela pedia as coisas mais estrambólicas. Vocês nem acreditariam. . . Entrávamos num bar, vocês sabem, um desses barzinhos que vendem uísque e cerveja, e ela fechava a cara, se concentrava e saia com. . . conhaque Alexanders, *frappé* de creme, *gimlets*, taça de ponche flamejantes. . . e um negócio com sete bebidas misturadas.

MARTA

Era bom. . .eu gostava.

GEORGE

Beberagens para mocinha!

MARTA

E onde é que está meu álcool puro?

GEORGE *(voltando para junto do bar portátil)*

Os anos, porém, deram a Marta o sentido do essencial. . . a compreensão de que creme de leite se põe no café, que suco de limão é para limonada, *(trazendo o copo de Marta)* o álcool puro e simples. . . aqui está, meu anjo, para os puros e simples! *(Ergue o próprio copo.)* Para cegar a mente, abrandar o coração e empapar o fígado. Todo o mundo junto ! Traçar!

MARTA (para todos)

Viva, todo o mundo! *(Todos bebem.)* Você tem uma natureza poética, George.. Algo que me faz lembrar Thomas Dylon e que me toca nos órgãos vitais.

GEORGE

Moça vulgar ! Na frente das visitas!

MARTA

Há, há, há. *(Para Benzinho)* Ei, ei! *(Canta marcando tempo com o copo que tem na mão. Benzinho, quse no fim, canta também.)*

Quem tem medo de Virginia Woolf,
Virginia Woolf,
Virginia Woolf,
Quem tem medo de Virginia Woolf. . .

(Marta e Benzinho riem, Nick sorri.)

BENZINIIO

Foi engraçado, não foi? Achei tão engraçado. . .

NICK *(despertando para a conversa)*
Foi . . . muito.

MARTA
Pensei que tivesse arrebentado as tripas. No duro. . .pensei que tivesse arrebentado as tripas de tanto rir. George não gostou. . . George não achou nada engraçado.

GEORGE
Santo Deus, Marta! Não vai começar tudo de novo, não é?

MARTA
Estou tentando chateá-lo para pôr você de bom humor. Só isso, meu anjo.

GEORGE *(com excessiva paciência dirigindo-se a Nick e a Benzinho)*
Marta acha que eu não ri bastante alto. Segundo Marta – a sua maneira elegante de falar – quem não ri até arrebentar as tripas não se diverte. Vocês sabem como é, quem não berra feito cabra não está se divertindo.

BENZINHO
Bem, eu me diverti, mesmo. . . a festa estava ótima.

NICK *(tentando mostrar-se entusiasmado)*
Estava sim.

BENZINHO (para Marta)
E o seu pai. . . então! Que homem maravilhoso!

NICK *(como antes)*
É. . .mesmo.

BENZINHO
Se é!

MARTA (com sincero orgulho)
Ele é um sujeito formidável, não é? Formidável!

GEORGE *(para Nick)*
É bom você acreditar!

BENZINHO (admoestando George)
Ooh! É sim, formidável!

GEORGE
Não estou querendo depreciá-lo. Ele é um Deus, todos nós sabemos disso.

MARTA
Deixe meu pai em paz!

GEORGE
Está bem, amor. *(Para Nick)* O que eu queria dizer era. . . que quando você tiver ido a tantas destas festas da universidade, como eu . . .

NICK *(cortando a associação de idéias que George estava tentando fazer)*
Eu gostei muito, isto é, além do fato de me ter divertido muito. O senhor sabe, quando se é novo num lugar. . . *(George olha para ele com desconfiança.)* Conhecer todo o mundo, ser apresentado a um e a outro. . .encontrar colegas. . . Quando eu lecionando em Kansas. . .

BENZINHO
Talvez vocês não acreditem, mas tivemos de nos arranjar sozinhos. . . não é verdade, bem?

NICK
É sim. . .nós. . .

BENZINHO
. . .Tivemos de nos arranjar sozinhos. . .Eu é que fui procurar as outras senhoras... na biblioteca ou no supermercado. . . e disse: com licença, eu sou novata aqui. . . a senhora deve ser a madame Fulana de Tal, esposa do Dr. Fulano de Tal. Ah! foi um bocado desagradável!

MARTA
Bem, papai sabe como fazer as coisas.

NICK *(sem muito entusiasmo)*
É um homem notável!

MARTA
Garanto que é mesmo!

GEORGE *(para Nick em confidência mas não ao ouvido)*
Vou lhe contar um segredo, menino. Há coisas bem mais fáceis neste mundo, quando se é professor numa universidade, do que ser casado com a filha do diretor. Há coisas bem mais fáceis.

MARTA (em voz alta. . . sem dirigir-se a ninguém)
Para *certos* homens seria uma oportunidade extraordinária. . . uma verdadeira sorte grande!

GEORGE *(a Nick. . . com uma piscadela significativa)*
Acredite no que lhe digo. Há coisas bem mais fáceis no mundo.

NICK
Bem, compreendo que isto, às vezes possa causar certos embaraços. . . o que é compreensível, mas. . .

MARTA
Certos homens dariam o braço direito por uma oportunidade como essa.

GEORGE *(calmamente)*
Infelizmente, Marta, são outros membros, bem mais íntimos da anatomia, que, na verdade ficam sacrificados.

MARTA (mostra os dentes em atitude de quem põe ponto final no assunto, com certo desprezo)
. . . nha. . . â!

BENZINHO (levantando-se rapidamente)
Será que você pode me dizer onde é o . . . *(Arrasta a voz na última palavra.)*

GEORGE *(a Marta, indicando Benzinho)*
Marta. . .

NICK *(a Benzinho)*
Está se sentindo bem?

BENZINHO
Claro, querido. Eu quero. . . pôr um pouco de panqueique.

GEORGE *(vendo que Marta não se levanta)*
Marta, você não quer mostrar à moça onde fica o . . . eufemismo?

MARTA
Hum? O quê? Ah! Claro. *(Levanta-se)* Desculpe-me, vamos, vou lhe mostrar a casa.

BENZINHO
Acho que eu preciso é de. . .

MARTA

. . .lavar as mãos? Pois não. . . venha comigo. *(Leva Benzinho pelo braço. Dirigindo-se aos homens)* Enquanto isso vocês conversem aí entre homens.

BENZINHO

Já volto, querido.

MARTA

Sinceramente, George, você me enfurece.

GEORGE *(satisfeito)*

Muito bem.

MARTA

Enfurece mesmo.

GEORGE

Tá, Marta. . . Tá bem. E agora. . . vá dando o fora!

MARTA

Enfurece mesmo, George.

GEORGE

E bico calado. . . a respeito daquilo. . .

MARTA (surpreendentemente violenta)

Falarei daquilo que eu bem entender, George!

GEORGE

Está bem. . . está bem. Desapareça!

MARTA

Daquilo que eu bem entender, ouviu? *(Praticamente arrastando Benzinho para fora da sala)* Vamos. . .

GEORGE

Desapareça *(Saem as mulheres.)* Então, o que é que você quer beber agora?

NICK

Não sei. . .acho que continuarei com uísque.

GEORGE *(toma o copo de Nick e dirige-se ao bar portátil)*

Era isso que você bebia no Parnaso?

NICK
No. . . onde?

GEORGE
Parnaso.

NICK
Não entendi.

GEORGE
Esqueça, então. *(Entrega-lhe a bebida.)* Seu uísque.

NICK
Obrigado.

GEORGE
É uma brincadeira íntima entre minha velha e eu. *(Sentam-se.)* Então. . .*(Pausa.)* Então. . . você está no Departamento de Matemática?

NICK
Não. . . não. . .

GEORGE
Marta me disse que você estava.. Acho que isso que ela me falou. *(Pouco afável)* Por que você decidiu ser professor?

NICK
Bem. . . suponho que pelas mesmas razões que o induziram.

GEORGE
E quais foram?

NICK *(formal)*
Perdoe-me?

GEORGE
Eu disse: quais foram? Quais as razões que o induziram ?

NICK *(rindo forçado*
Bem. . .realmente, não sei.

GEORGE
Você acaba de dizer que as razões que o induziram foram as mesmas que me induziram.

NICK *(com ligeiro gesto de irritação)*
Eu disse que supunha que. . .

GEORGE *(descortesmente)*
Ah! Disse? *(Pausa.)* Bem. . . *(Pausa.)* Você gosta daqui?

NICK *(passando os olhos pela sala)*
É. . . é simpático.

GEORGE
Estou falando da Universidade.

NICK
Anh!. . . Pensei que se referisse. . .

GEORGE
É. . . já percebi. *(Pausa.)* Mas eu estava me referindo a universidade.

NICK
Bem. . . eu. . . eu gosto *(Enquanto George limita-se a fitá-lo.)* Gosto bastante. *(A mesma situação)* O senhor está aqui há. . . muito tempo, não é verdade?

GEORGE *(aparentando ausência)*
O quê?. . . Anh!. . . estou. Sempre. Desde que me casei com. . . hum. . . como é o nome dela?. . . Anh! Marta. Mesmo antes. *(Pausa.)* A vida toda. *(Para si mesmo)* Esperanças frustradas e boas intenções. Bom, melhor, o melhor. ultrapassado. *(Dirigindo-se, novamente, a Nick)* Que tal essa maneira de declinar, jovem?

NICK
O senhor me desculpe, mas se nós. . .

GEORGE *(provocante)*
Você não respondeu minha pergunta.

NICK
Como, senhor?

GEORGE
Nada de formalismos comigo! *(Divertindo-se dele)* Perguntei-lhe o que achava desta maneira de declinar: bom., melhor, o melhor, ultrapassado, ahn?

NICK *(mostrando enfado)*
Não sei. de fato, o que dizer.

GEORGE
Não sabe o que dizer! De verdade?

NICK *(vociferando)*
Muito bem. . . o que é que o senhor quer que eu diga? Que eu diga engraçado para me contradizer e dizer que é triste? Ou quer que eu diga que é triste e assim pode se virar e dizer: é alegre? Este diabo de jogo, como o senhor sabe, pode ser jogado do jeito que o senhor quiser!

GEORGE *(simulando atitude respeitosa)*
Muito bem. Muito bem.

NICK *(mais zangado ainda)*
E quando minha senhora voltar, eu acho melhor. . .

GEORGE *(com sinceridade)*
Ora. . . acalme-se, menino. Acal. . .me. . .-se *(Pausa)* Passou? *(Pausa)* Quer outro drinque? Dá aqui o copo!

NICK
Ainda tenho. Acho mesmo que quando minha senhora voltar. . .

GEORGE
Passe o copo, vá. . .para reforçar.

NICK
Acho que os dois. . .o senhor e sua esposa. . . estão querendo fazer uma espécie de. . .

GEORGE
Marta e eu não estamos fazendo. . . nada. Marta e eu estamos apenas nos exercitando . . . só isso. . . Estamos apenas exibindo o que resta das nossas faculdades mentais. Não ligue pra isso não!

NICK *(indeciso)*
Mesmo assim. . .

GEORGE *(mudando abruptamente de atitude)*
Vamos sentar e conversar um pouco?

NICK *(friamente ainda)*
É que eu não gosto de me. . . intrometer. . . *(pensando antes de falar)* em problemas alheios.

GEORGE *(como se confortasse uma criança)*
Isso vai passar. . . universidade provinciana e tudo o mais. O esporte preferido aqui da universidade é rangido de cama.

NICK
Como, senhor?

GEORGE
Eu disse que rangido de cama é. . . Deixe isso pra lá. . . Mas eu gostaria que você não continuasse com esse "Senhor". . .acabando em ponto de interrogação. . . entendeu. . . assim: Senhor? Concordo que seja um tratamento de respeito devido aos. . . *(estremece)* mais velhos. . . hum. . . mas a sua maneira de dizer "Senhor? . Madame?"

NICK *(sorriso ligeiro, sem querer comprometer-se)*
Não quis desrespeitar ninguém.

GEORGE
Quantos anos você tem, aliás?

NICK
Vinte e oito.

GEORGE
Eu tenho quarenta e pouco. *(Espera uma reação de Nick; nada.)* Surpreendido? Não acha que eu pareço mais velho? Será que de tanto me esconder na penumbra não acabarei desaparecendo na fumaça de cigarro, hem?

NICK *(procurando um cinzeiro)*
Acho que o senhor está. . .ótimo!

GEORGE
Sempre fui magro. . . Não engordei nem dez quilos desde quando tinha sua idade. Não tenho barriga, tampouco. Só tenho esta pequena distensão, logo abaixo da cintura. . . mas *é* dura . . não *é* carne flácida. Eu jogo *handball*. E você, quanto pesa ?

NICK
Eu. . .

GEORGE
Uns setenta quilos, não e? Você joga *handball?*

NICK
Eu . . . jogo. . . não. . .quer dizer. . . não muito bem.

GEORGE
Ah! Então vamos jogar um dia desses. Marta tem mais de cem. . . anos de idade. E deve pesar quase isso. E a sua mulher?

NICK *(um pouco confuso)*
Vinte e seis.

GEORGE
Marta é uma mulher fabulosa. Ela deve ter uns cinquenta quilos.

NICK
Sua senhora . . . pesa. . .

GEORGE
Não, meu caro, a sua. Sua mulher. Minha mulher é Marta.

NICK
Eu sei . . . disso.

GEORGE
Se você fosse casado com Marta saberia o que isso significa. *(Pausa.)* Por outro lado, se eu fosse casado com a sua mulher, também, saberia o que isso significa . . não é?

NICK *(como se dissesse pela centésima vez)*
É.

GEORGE
Marta me disse que você é do Departamento de Matemática ou coisa parecida.

NICK
Não . . . não sou.

GEORGE
Marta raramente se engana. . . você devia ser do Departamento de Matemática.

NICK
Sou biologista. Sou do Departamento de Biologia.

GEORGE *(depois de uma pausa)*
Anh! (Como se se *lembrasse de alguma coisa.)* Anh!

NICK
Como, senhor?

GEORGE
Anh! É você! Você que vai arranjar toda essa confusão de igualar as pessoas dando nova ordem aos cromossomos ou coisa parecida!

NICK *(com um leve e breve sorriso)*
Mas exatamente. . .cromossomos.

GEORGE
Eu sou muito desconfiado. . . Você acredita. . . *(Mexendo-se na poltrona)* Você acredita que não se aprenda nada de História? Não digo que não haja nada a aprender, veja bem. . . mas que não se aprenda. Eu sou o Departamento de História.

NICK
Sim. . .

GEORGE
Sou doutor e tenho os títulos Prof. . . Cat. . . Profcatlid. . .profcatlid vem sendo apresentada, ora como uma moléstia que consome aos poucos o lobo frontal e ora como uma droga milagrosa. Na verdade, é ambas as coisas. Eu sou, realmente, muito desconfiado. Biologia, anh? *(Nick não responde, acena com a cabeça. . . fica olhando.)* Li, não me lembro onde, que a ficção científica não é ficção coisa nenhuma. Que vocês estão ordenando meus genes e que todo o mundo vai ser igual a todo o mundo. Mas eu não quero saber disso! Seria uma. . . pena! Olhe só para mim! Você acha que é, de fato, uma boa idéia que todo o mundo de quarenta e poucos anos tenha aparência de cinqüenta e cinco? Você não respondeu aquela minha pergunta sobre a História.

NICK
Esse problema de genética a que o senhor se referia. . .

GEORGE
Ah! isso? *(Encerra* o *assunto com um aceno de mão.)* É muito perturbador. . . muito. . . decepcionante. Mas a História e ainda mais decepcionante. Eu sou do Departamento de História.

NICK
É. . .o senhor já me disse.

GEORGE
Eu sei que já lhe disse. Provavelmente, ainda lhe direi muitas vezes mais. Marta

afirma sempre que eu sou do Departamento de História. . . em vez de ser o próprio Departamento de História. . . no sentido de dirigir o Departamento de História. Eu não dirijo o Departamento de História. . .

NICK
Eu não dirijo o Departamento de Biologia.

GEORGE
Mas você tem vinte e um!

NICK
Vinte e oito!

GEORGE
Vinte e oito. Talvez quando tiver uns quarenta e pouco, aparentando cinquenta e cinco, esteja dirigindo o Departamento de História.

NICK
. . . Biologia.

GEORGE
. . .o Departamento de Biologia. De fato, eu dirigi o Departamento de História durante quatro anos, no período da guerra. Mas foi porque todo o mundo tinha partido. Depois. . . todos voltaram. . . porque todos sobreviveram. . . Na Nova Inglaterra é assim. Incrível, né? Nenhum homem sequer desta região teve a cabeça estourada por uma bala. Fantástico! *(Pensa um pouco.)* Sua mulher *é* mesmo sem quadris, hein?

NICK
O quê?

GEORGE
Não quero dizer que eu seja um desses fanáticos por quadris. Não sou desses homens de. . . 78, 55 e 130 centímetros. Não senhor. . . eu não! Tudo deve ser proporcional. O que eu queria dizer *é* que sua mulher é. . . esbelta de quadris.

NICK
E. . .é mesmo.

GEORGE *(contemplando* o *teto)*
Que estarão fazendo as duas lá em cima? Será que estão lá mesmo?

NICK *(com falsa jovialidade)*
O senhor sabe como são as mulheres.

GEORGE *(fixa longamente Nick e finge incredulidade. Em seguida, desvia a atenção dele)*
Nenhum filha da puta morreu. É verdade que ninguém bombardeou Washington. Não. . . isso não é justo! Vocês têm filhos?

NICK
Hum, não. . .ainda não. *(Pausa.)* E o senhor?

GEORGE
Cabe a mim saber e a você descobrir.

NICK
Ah!. . . é?

GEORGE
Não tem filhos, hum?

NICK
Ainda não.

GEORGE
As pessoas costumam ter filhos. Foi isso que eu quis dizer quando falei da história. Vocês vão fabricá-los em tubos de ensaio, não é verdade? Vocês os biologistas. Bebês! Depois, os outros, nós. . .os que quiserem. . . poderão copular até não poder mais. Como se fará a dedução do imposto de renda? Alguém já pensou nisso? *(Nick, não encontrando nada melhor para fazer, sorri de leve.)* Mas. . . de qualquer jeito. . . vocês vão ter filhos. A despeito da História.

NICK *(evitando uma resposta direta)*
É. . .vamos sim. Mas. . . queremos esperar . . . um pouco. . .um pouco. . . até nos adaptarmos aqui.

GEORGE
E isto. . . *(fazendo um movimento com a mão como se quisesse abranger não apenas a sala, a casa, mas toda a região campestre)*. . . é o seu sonho: Ilíria. . . Ilha dos Pinguins. . . Gosmorra. . . Vocês acham que vão ficar satisfeitos aqui, em Nova Cartago?

NICK *(um pouco na defensiva)*
Esperamos ficar aqui.

GEORGE

E toda definição tem seus limites, não é? E quanto a isto, não acho que esta universidade seja ruim. Isto é . . . é passível. Não é como a de Michigan, ou a de Los Angeles. . . nem uma Sorbonne, nem tampouco a Universidade de Moscou.

NICK

Não quero dizer. . . para sempre.

GEORGE

Olhe, não deixe que esta notícia se espalhe. O velho não gostaria. O pai de Marta espera lealdade e devoção da. . . equipe dele . . . ia empregar outra palavra. . . o pai de Marta espera que a equipe dele se grude aos muros deste lugar como a hera . . . que venha para cá e envelheça aqui. . . que sucumba no cumprimento do dever. Aliás, um dia, na hora do almoço, um professor de latim e dicção sucumbiu, exatamente, na fila da cantina. Foi enterrado, como muitos já foram e como muitos ainda serão, sob os arbustos que circundam a capela. Dizem. . .e não duvido. . . que somos excelente adubo. Mas o velho não vai ser enterrado debaixo dos arbustos. . . O velho não vai morrer. O pai de Marta tem a resistência daquela tartaruga da Micronésia. Contam por aí. . . e você não deve nem sussurrar isso diante de Marta porque ela fica espumando da raiva. . .mas contam que a velho, o pai dela, já passou dos duzentos anos. Evidentemente há uma certa ironia em tudo isto mas não estou bastante bêbado para descobri-la. Quantos filhos vocês vão ter?

NICK

Eu. . . não sei. . . minha mulher é. . .

GEORGE

. . .estreita de quadris. *(Levanta-se.)* Mais um drinque?

NICK

Aceito.

GEORGE

Marta *(Nenhuma resposta.)* Diabo! *(Para Nick)* Você me perguntou se eu conhecia as mulheres. Pois uma coisa que ainda não consegui descobrir é do que elas falam enquanto os maridos conversam. *(Vagamente)* Um dia descobrirei.

VOZ DE MARTA

Que que você qué?

GEORGE *(para Nick)*

Que som maravilhoso, não é? Você não se interessa por isso ou tem uma idéia do que elas conversam, exatamente?

NICK
Delas mesmas, suponho. . .

VOZ DE MARTA
George!

GEORGE *(para Nick)*
Você acha as mulheres enigmáticas?

NICK
Bem. . .sim e não.

GEORGE *(com ar de quem conhece* o *assunto)*
Hum. . .*(Dirige*-se *para o corredor quase tropeçando em Benzinho que vai entrando.)* Ah! Pelo menos, uma reapareceu!

(Benzinho dirige-se para perto de Nick e George vai para o corredor.)

BENZINHO (a George)
Ela já vai descer. *(Para Nick)* Você precisava ver esta casa, querido. . . é um amor de casa antiga.

NICK
É, eu. . .
.
GEORGE
Marta!

VOZ DE MARTA
Oh! Péra um pouco, tá?

BENZINHO (para George)
Ela já vai descer . . . Está se trocando.

GEORGE *(incrédulo)*
Esta o quê? Se trocando?

BENZINHO
É.

GEORGE
Trocando de roupa ?

BENZINHO
De vestido.

GEORGE *(desconfiado)*
Por quê?

BENZINHO (com risinho nervoso)
Acho que é. . . porque ela quer se sentir. . . à vontade.

GEORGE *(lançando um olhar de ameaça na direção do corredor)*
Ah! Então é isso?

BENZINHO
E o que poderia ser, meu Deus!

GEORGE
Você não a conhece!

NICK *(quando Benzinho começa a falar)*
Está se sentindo bem agora?

BENZINHO (tranquilizadora mas no tom de queixume habitual)
Estou, coração. . .perfeitamente bem.

GEORGE *(com raiva, falando para si mesmo)*
Ah! Ela quer ficar à vontade, ne? Muito bem, veremos.

BENZINHO (para George, um pouco forçado)
Acabo de saber, neste instante, que vocês têm um filho.

GEORGE *(voltando-se como se tivesse sido atacado pelas costas)*
Como?

BENZINHO
Um filho! Eu não sabia.

NICK
Cabe ao senhor saber e a mim descobrir. Bem, ele deve ser, agora, um rapagão.

BENZINHO
Vinte e um. . . vinte e um, amanhã . . . Amanhã é o aniversário dele.

NICK *(com um sorriso vitorioso)*
Então!

GEORGE *(para Benzinho)*
Ela falou dele?

BENZINHO (agitada)
Bem . . .falou sim. Quer dizer. . .

GEORGE *(semblante fechado)*
Ela falou dele com você?

GEORGE *(calculando o que vem depois)*
Você disse que ela esta mudando de roupa?

BENZINHO
Disse. . .

GEORGE
E ela mencionou. . .?

BENZINHO (alegre mas um pouco surpreendida)
foi . . . o dia do aniversário dele.

GEORGE *(um pouco consigo mesmo)*
Muito bem. Marta. . . muito bem.

NICK
Você está pálida, Benzinho . . . quer um . . .?

BENZINHIO
Quero, amor . . . um pouco mais de conhaque, talvez. Uma gotinha só.

GEORGE
Muito bem. Marta.

NICK
Posso me servir . . . do . . . bar?

GEORGE
Hum? . . . claro . . . claro. . .vá bebendo. A medida que os anos passam a gente precisa disso. *(Olha para Maria como se ela estivesse na sala.)* Sua maldita destruidora!

BENZINHO (em voz alta, para disfarçar)
Que horas são, querido?

NICK
Duas e meia.

BENZINHO
Já? Então temos que ir embora!

GEORGE *(brutal, mas tão preocupado que não se dá conta de como fala)*
Por que? Tá na hora da mamadeira?

NICK *(meio ofendido)*
Já lhe disse que não temos filhos.

GEORGE
Hum? *(Percebendo o que fez)* Oh! desculpe-me. Não está mais aqui quem falou *(Fazendo um floreado com uma das mãos).* . . aceito a desculpa que achar melhor.

NICK *(em voz baixa para Benzinho)*
Vamos embora daqui a pouco.

GEORGE. *(insistente)*
Ah! Não! Agora . . .vocês não podem ir! Marta está trocando de roupa e . . não é para mim que está fazendo isso. Há anos que Marta não troca de roupa para mim. E se Marta esta trocando de roupa quer dizer que vamos ficar aqui por muitos... dias. É uma homenagem a vocês que não devem esquecer que Marta é a filha do nosso adorado patrão . . .o testículo direito dele . . por assim dizer.

NICK
Talvez o senhor não compreenda o que eu vou dizer. . . mas gostaria que não falasse desta maneira diante de minha esposa.

BENZINHO
Ora. Nick!

GEORGE
Ah! é? Tem razão, tem toda razão. . . vamos deixar esta maneira de falar para Marta.

MARTA (entrando)
Que maneira de falar? *(Trocou de roupa, parece agora mais à vontade e, o que é mais importante, mais voluptuosa.)*

GEORGE
Vejam só a minha dondoquinha!

NICK *(impressionado, levantando-se)*
Oooh. . .!

GEORGE
Mas Marta. . . seu vestido de domingo!

BENZINHO (com ligeiro tom de desaprovação)
Oh! muito bonito!

MARTA (exibindo-se)
Você acha? Ótimo! *(Para George*) Que maneira de me chamar gritando é essa, hein?

GEORGE
Estávamos com saudades, querida. . . saudades do suave ronron da sua vozinha.

MARTA (sem aceitar o desafio)
Ora, então era só dá um pulinho até o bá'zinho. . .

GEORG E *(continuando no mesmo tom dela)*
. . .e prepará um d'incão pra mamãezinha.

MARTA (risadinha)
Acertou. *(Para Nick)* Bateram um bom papinho? Resolveram os problemas da humanidade como os homens costumam fazer?

NICK
Bem, não. . . nós. . .

GEORGE *(rapidamente)*
O que nós fizemos, se você quer mesmo saber, o que nós fizemos foi tentar adivinhar o que vocês duas estavam conversando.

(Benzinho da uma risadinha, Marta ri.)

MARTA (para Benzinho)
Eles são o máximo, não é? Esses homens. . . *(alegremente e com desdém)* são mesmo o fim *(Para George)* Por que vocês não subiram, de mansinho, as escadas pra escutar atras da porta?

GEORGE
Eu não teria só escutado, Marta, eu teria . . . espiado.

(Benzinho da uma risadinha, Marta ri.)

NICK *(para George, em falso tom de jovalidade)*
É um complô.

GEORGE
Que nós nunca descobriremos. Azar o nosso!

MARTA (para Nick, enquanto Benzinho se mostra radiante)
Ih! você devia ser um rapaz e tanto! Conseguir ser doutor com . . . quantos anos?... Doze? Ouviu essa George?

NICK
Doze e meio! . . .não. . . dezenove. *(Para Benzinho)* Benzinho, por que você foi contar isso? É. . .

BENZINHO
Mas. . . eu me orgulho de. . .

GEORGE *(com seriedade forçada)*
É. . .impressionante!

MARTA (agressiva)
É, é mesmo!

GEORGE *(entre dentes)*
Eu disse que estava impressionado, Marta. Não aguento mais de inveja. Que mais quer que eu faça? Que vomite? *(Para Nick)* De fato, e muito impressionante. *(Para Benzinho)* Seu orgulho é muito justificável.

BENZINHO (com falsa modéstia)
Ele é um sujeito formidável!

GEORGE *(para Nick)*
Eu não ficaria surpreendido se você chegasse, um dia desses, a dirigir o Departamento de História.

NICK
O Departamento de Biologia.

GEORGE
O Departamento de Biologia. . . é claro. A História me preocupa! Ah! que frase! *(Põe-se em pose, a mão sobre o coração, ergue a cabeça e fala declamando) "*A História me preocupa!"

MARTA (ri francamente enquanto Nick e Benzinho sorriem, furtivamente)
Há, há, há, há!

GEORGE *(com aparente desgosto)*
Acho que estou precisando de um trago.

MARTA
Não é a História que preocupa George. . .George está preocupado com o Departamento de História. E George está preocupado com o Departamento de História. . .

GEORGE
. . .porque ele não é o Departamento de História mas apenas do Departamento de História. Olhe, Marta, nós já analisamos o assunto enquanto vocês estavam lá em cima, enfeitando-se. É bom não começar tudo de novo.

MARTA
Está bem, filhinho. . .nada de sujeiras. *(Dirigindo-se aos outros)* O que o George realmente é. . . é o mofo do Departamento de História. . . a lama. . . o lodaçal . . . George se atolou no Departamento de História. É um atoleiro diplomado. Há! Há! Há! Um atoleiro! Olá, atoleiro! a . . . to. . .lei. . .ro!

GEORGE *(controlando-se com grande esforço, como se ela tivesse dito simplesmente "querido?"*
Heim, Marta? Você quer alguma coisa?

MARTA (divertindo-se com o jogo)
Hum. . . quero. . . quero que você acenda o meu cigarro, se estiver com disposição.

GEORGE *(considera e depois se afasta)*
Não. . . para tudo há um limite. Isto é, um homem pode chegar ao ponto de descer um ou dois degraus da escala evolutiva. . . *(voltando-se, rápido para Nick)*. . . que é a sua especialidade. . . *(de volta para Marta)*. . .além disso, cai, Marta. E essa escada é engraçada. . . você não pode retroceder depois que começou a descer.
(Marta lhe atira um beijo de menosprezo)
Olhe . . . segurarei sua mão no escuro, quando você tiver medo de lobisomem, só levarei pro quintal as garrafas de gim que você beber, depois da meia noite, para que os vizinhos não vejam. . . mas não acenderei o seu cigarro e, como se costuma dizer, tenho dito. *(Breve silêncio)*

MARTA (a meia voz)
Credo! *(Dirige-se, imediatamente, a Nick.)* Você sabe jogar futebol?

BENZINHO (para Nick que parece entregue aos próprios pensamentos)
Querido.

NICK
Anh! Sei . . . *é* . . . eu joguei . . . de centro médio. . . mas, na verdade . . sempre me dediquei mais ao boxe.

MARTA (com grande entusiasmo)
Boxe? Ouviu essa, George?

GEORGE *(resignadamente)*
Ouvi, Marta.

MARTA (falando com entusiasmo e com singular interesse)
Você deve jogar um bocado bem . . . Pelo visto ninguém conseguiu lhe acertar um soco na cara.

BENZINHO (com orgulho)
Ele foi campeão de peso-médio das universidades estaduais.

NICK *(embaraçado)*
Benzinho. . .

BENZINHO
Você foi mesmo. . .

MARTA
E, até agora, seu corpo está em muito boa forma . . . Não está?

GEORGE *(com veemência)*
Marta. . .o decoro não permite.

MARTA (para George mas fixando-se em Nick)
Cala a boca! *(Falando agora com Nick)* Então, não é verdade?. . . que você conserva seu corpo em boa forma?

NICK *(com desembaraço quase encorajando Marta)*
Conservo sim. Faço sempre ginástica.

MARTA (com um meio sorriso)
Ah! Faz?

NICK
Faço.

GEORGE
É mesmo. . . ele tem um corpo. . . muito firme.

MARTA (conservando o mesmo sorriso. . . uma maneira de entrar em intimidade com Nick)
Firme, é? Que otimo!

NICK *(narcisista, sem dirigir-se diretamente a Marta)*
Nunca se sabe *(movimento de ombros).* . . não é?. . .desde que se tem. . .

MARTA
Pois é, um dia poderá ser útil. . .

NICK
O que eu ia dizer é. . . por que desistir antes do tempo?

MARTA
Você nunca disse uma coisa tão certa. *(Ambos riem e se estabelece um contato espontâneo entre eles.)* Nunca disse uma coisa tão acertada.

GEORGE
Marta, seu tom obsceno é mais do que. . .

MARTA
O Georginho não topa muito essas conversas do corpo. . . não é, querido? *(George não responde.)* George não fica muito feliz quando se fala em musculatura. . . barriga chata. . . e peitorais. . .

GEORGE *(para Benzinho)*
Você quer dar uma volta no jardim?

BENZINHO (em tom de repreensão)
Ora. . .

GEORGE *(incrédulo)*
Anh! Está se divertindo. *(Dá de ombros.)* Tanto melhor.

MARTA
O barrigudinho aqui não fica muito feliz quando a conversa é sobre musculatura. Quanto você pesa?

NICK
Uns setenta e pouco.

MARTA
Sempre no limite de um peso-médio, hein? Isso é ótimo! *(Voltando-se para George)* George, conte a eles aquela nossa luta de boxe.

GEORGE *(batendo com o copo e encaminhando-se na direção do corredor)*
Lá vem você!

MARTA
George, vá, conte!

GEORGE *(com expressão de desgosto)*
Conte você, Marta. Você sabe contar tão bem! *(Sai.)*

BENZINHO
Ele não está se. . . sentindo bem?

MARTA (ri)
Ele? Claro que está! George e eu tivemos uma luta de boxe. . .puxa! Há vinte anos atrás. . . pouco depois que nos casamos.

NICK
Luta de boxe? Entre vocês dois?

BENZINHO
No duro?

MARTA
É. . .nós dois no duro.

BENZINHO (sacudindo o corpo como se fosse rir)
Anh!. . . imagino!

MARTA
Pois, como já disse, foi há vinte anos atrás e não era num ringue,. nem nada disso. Foi durante a guerra e papai tinha aquela mania de cultivar o físico. . . Papai sempre teve admiração pelas aptidões físicas . . . ele diz que o homem é formado em parte apenas de cérebro mas que tem, também, um corpo e deve se dedicar à conservação de ambos . . . compreenderam?

NICK
Sei, sei.

MARTA
Ele garante que o cérebro só trabalha se o corpo trabalhar, também.

NICK
Bem, não é exatamente. . .

MARTA
É, talvez ele não tenha dito assim. . . mas alguma coisa parecida . . . Então . . era no tempo da guerra e papai cismou que todos os homens deveriam aprender a jogar boxe . . . autodefesa. Eu acho que a idéia dele era a seguinte: se os alemães desembarcassem na costa, toda a universidade saía ao encontro deles e eliminava todos a socos . . . Devia ser isso.

NICK
Provavelmente era uma qustão de princípio.

MARTA
Não brinca! Em todo o caso, num domingo, papai escolheu um grupo, e foram todos para o quintal e . . ele mesmo enfiou umas luvas . . . Papai é um homem forte. . . vocês sabem. ..

NICK
É . . .

MARTA
. . . e convidou o George para lutar com ele. E. . . George, nada! . . . talvez não quisesse sujar de sangue o salão da cantina.

NICK
Hum. . .

MARTA
Bem, George dizia que não queria e papai continuava: "Vamos. rapaz, que diabo de genro eu arranjei?". . . e outras Coisas.

NICK
Compreendo. . .

MARTA
Enquanto isso, eu não sei por que. . . enfiei um par de luvas, também. . . . sem amarrar . . . sem nada . . . vocês sabem como é. . e. de mansinho, pulei atrás de George e gritei: "aqui George, ao mesmo tempo que preparava um soco com a mão direita . . . assim, de brincadeira.

MARTA
George virou-se rapidamente, e recebeu em cheio, no maxilar. . . PUM *(Nick ri)* Não fiz de propósito . . sinceramente. Fez PUM, direto no maxilar! Ele já estava

sem equilíbrio quando se virou . . . foi cambaleando para trás e . . . Tibum . . . caiu . . . esborrachou-se numa moita de urtigas.

(Nick ri. Benzinho estala a língua várias vezes e acaba embalançando a cabeça.)

Foi horrível. Gozado mas horrível. *(Pensa. Ri abafado 1embrando*-se *com pesar do acidente.)* Acho que isso marcou para sempre nossa vida, Foi sim. De qualquer forma serve corno pretexto.

(George entra neste momento com as mãos escondidas atrás das costas. Nenhum dos presentes o vê.)

Pelo menos, é esse que ele alega para justificar a própria decadência. . . a razão pela qual não chegou a ser coisa alguma. . .

(George avança. Benzinho o vê.)

E foi por acidente! Um verdadeiro e maldito acidente!

(George levanta uma espingarda de cano curto e, calmamente, faz pontaria, por trás, contra a cabeça de Marta. Benzinho solta um grito . . . levanta-se. Nick levanta-se ao mesmo tempo em que Marta se vira e defronta-se com George. George puxa o gatilho.)

GEORGE

PUM!!!

(Do cano da espingarda surge uma sombrinha chinesa, vermelha e amarela. Benzinho grita de novo; mais baixo desta vez pois se sente aliviada e confusa.)

Morreu! PUM! Esta morta.

NICK *(rindo)*

Puxa!

(Benzinho está fora de si. Marta ri muito. . . quase abafada com uma estrondosa gargalhada. George adere à risada geral e a confusão. Tudo cessa, finalmente.)

BENZINHO

Puxa vida!

MARTA (alegremente)

Onde *é* que você arranjou isso, seu filho da mãe?

NICK *(estendendo a mão para pegar a arma)*

Posso ver?

(George lhe passa a espingarda.)

BENZINHO

Ai! Nunca levei tamanho susto na minha vida!

GEORGE *(um pouco abstraído)*
Faz tempo que a tenho. Gostou da brincadeira?

MARTA (risadinha)
Seu filho da mãe!

BENZINHO (querendo que lhe dêem atenção)
Nunca levei um susto como esse, nunca!

NICK
É bem engenhoso.

GEORGE *(curvando-se sobre Maria)*
Você gostou, hum?

MARTA
É. . . *(arrastado).* . . foi boa! *(Mais suave a voz)* Me dá um beijo. . .vá!

GEORGE *(indicando Nick* e *Benzinho)*
Depois, florzinha. *(Marta, porém, insiste. Beijam*-se. *George levanta-se e recosta-se na poltrona de Marta. Ela segura a mão dele* e *a coloca em cima do seio que fica para o lado dos bastidores. George se solta.)* Anh! é isto que você está querendo, hein? Patifarias pras visitas verem, não é?

MARTA (zangada e *ressentida)*
Seu. . .fresco!

GEORGE *(vendo que o tiro saiu pela culatra)*
Cada coisa no seu lugar, Marta . . cada coisa no seu tempo oportuno.

MARTA (ameaçando xingar)
Seu . . .

GEORGE *(aproximando-se de Nick que ainda está com a espingarda na mão)*
Com licença, vou lhe mostrar. . .ela entra assim. *(Fecha a sombrinha* e *introduz, de novo, na espingarda.)*

NICK
E bem bolado!

GEORGE *(repousa a espingarda)*
Agora, beber! Bebida para todo mundo *(Apanha o copo de Nick sem perguntar se ele quer e dirige-se para Marta.)*

MARTA (ainda zangada e magoada)
Ainda tenho.

BENZINHO (enquanto George estende a mão para pegar o copo dela)
Ah! bem que estou precisando de algo. . .

(George apanha o copo dela e volta para o bar portátil.)

NICK
É japonesa?

GEORGE
Provavelmente.

BENZINHO (para Marta)
Nunca levei tamanho susto na minha vida! E você. . . não? Nem um pouquinho?

MARTA (reprimindo a raiva com que está de George)
Não me lembro.

BENZINHO
Confesse. . . aposto que sim.

GEORGE
Você pensou que eu fosse matá-la. Marta?

MARTA (com desprezo)
Você me matar? Essa é boa!

GEORGE
Olha. . .um dia desses. . quem sabe?

MARTA
Duvido muito!

NICK *(quando George lhe devolve o copo)*
Onde *é* o. . .

GEORGE
Lá no fim do corredor. . .a sua esquerda.

BENZINHO
Não vá voltar com um revólver ou coisa parecida, ouviu?

NICK *(rindo)*
Nada disso.

MARTA
Você não precisa de petrechos, não é, bem?

NICK
Anh, anh . . .

MARTA
Aposto que não. Pistola falsa não é com você, não é?

NICK *(sorri para Marta. Para George, apontando o aparador perto do corredor)*
Posso deixar meu copo aqui?

GEORGE *(enquanto Nick* sai *sem esperar por resposta)*
Pode . . . é claro. . . por que não? Em todos os cantos desta casa há copos servidos . . . Ficam onde Marta se esquece deles. . . No armário de roupas. . . nas bordas da banheira. Eu já encontrei um dentro do fogão. . .

MARTA (achando graça a contragosto)
Encontrou nada!

GEORGE
Foi sim!

MARTA
Foi nada!

GEORGE *(dando conhaque a Benzinho)*
Encontrei sim. *(Para Benzinho)* Conhaque não dá ressaca?

BENZINHO
Eu nunca misturo . . . nem bebo demais, também.

GEORGE *(fazendo caretas por detrás dela)*
Anh! Isso é muito bom. O seu . . seu marido esteve me falando a respeito dos . . . cromossomos.

MARTA (desagradável)
De quê?

GEORGE
Cromossomos, Marta . . . dos genes, sabe? *(Para Benzinho)* Você tem um marido que. . . mete medo.

BENZINHO (como se ele estivesse zombando dela)
Oh!

GEORGE
É sério. Ele dá medo com aqueles cromossomos e. . . tudo mais.

MARTA
Ele é do Departamento de Matemática.

GEORGE
Não, Marta ele é biologista.

MARTA (levantando a voz)
Ele é do Departamento de Matemática!

BENZINHIO (timidamente)
Não. . .é biologista.

MARTA (não convencida)
Você tem certeza?

BENZINHO (risadinha curta)
Bem, eu devo ter. *(Pensando para falar)* Devo ter.

MARTA (irritada)
Ah, então é isso mesmo. Alguém me disse que ele era do Departamento de Matemática.

GEORGE
Você mesma, Marta.

MARTA (levada pela irritação, mas explicando)
Bem, vocês não vão querer que eu me lembre de tudo. Fui apresentada a quinze professores novos e às chatas das mulheres. . .excluída a presente, é claro. . *(Benzinho aprova com um aceno de cabeça e sorri estupidamente.).* . . e vocês querem que eu me lembre de tudo? *(Pausa.)* Então, ele é biologista? Melhor ainda. A Biologia é muito melhor. E menos abstrusa.

GEORGE
Abstrata.

MARTA

Abstrusa! No sentido de obscura. *(Puxa a língua para George.)* Deixe de querer me ensinar a falar! A Biologia é ainda melhor. Vai bem à. . . *essência* das coisas. *(Nick entra.)* Você vai bem à *essência* das coisas, benzinho!

NICK *(apanhando o copo que deixou no aparador)*

Anh?

BENZINHO (com a risadinha habitual)

Eles pensavam que você fosse do Departamento de Matemática.

NICK

Bem, quem sabe eu não devia ser.

MARTA

Você deve ser, exatamente, o que é! . . .deve ficar com a essência das coisas.

GEORGE

Você esta obcecada por esta palavra, Marta. . .que coisa!

MARTA (ignorando George, dirigindo-se a Nick)

Você deve ficar, exatamente, onde está. *(Ri.)* Até que você pode dirigir o Departamento de História daí como de qualquer outro lugar. Um dia . . . alguém vai ter que tomar conta do Departamento de História e não vai ser o Georginho aqui. . . com toda certeza. Vai, *atoleiro?*

GEORGE

Para mim, Marta, você está enterrada em cimento até o pescoço. . . *(Marta dá uma risadinha)* não, até o nariz . . .é mais seguro.

MARTA (para Nick)

O Georginho aqui diz que você mete medo. Por que é que você mete medo?

NICK *(sorriso curto)*

Ah! eu não sabia.

BENZINHO

É por causa dos cromossomos, querido.

NICK

Anh ! o negócio dos cromossomos. . .

MARTA

Que negócio de cromossomos é esse?

NICK
Bem, os cromossomos são. . .

MARTA
Eu sei o que são cromossomos, doçura. Sou louca por eles.

NICK
A. . .h!

GEORGE
Marta toma cromossomos. . . de manhã no café. . .e esparge cromossomos em cima dos legumes. *(Para Marta)* É muito simples, Marta. Este jovem, é mais um ou dois que conspiram com ele, está elaborando um sistema em que os cromossomos podem ser alterados . . . em que se pode modificar a ordenação genética da célula de um esperma e. . . então você pode, por encomenda, ordenar que os cabelos e os olhos sejam de tal cor e, também, o limite de estatura e da potência. Assim . . .cabelos, saúde e . . . inteligência. O mais importante . . . inteligência. Todos os desequilíbrios serão corrigidos, peneirados . . . desaparecerá a predisposição a várias moléstias e teremos longevidade garantida. Uma raça de homens fabricados em tubos de ensaio . . . nascida em incubadeiras... soberba e sublime!

MARTA (impressionada)
Hum. . .!

BENZINHO
Formidável

GEORGE
Porém, todos terão a tendência a se parecerem. Todo mundo igual e. . . acho que não me engano,. . . todos quererão ser iguais a este jovem *aqui.*

MARTA
O que não é má idéia!

NICK *(com impaciência)*
Muito bem, e então?

GEORGE
Aparentemente será muito bonito. Será muito divertido. Mas, naturalmente, há o outro lado da medalha. Para regular um pouco a coisa, para que a experiência dê resultado um certo número de canais espermáticos será cortado.

MARTA
Oh!

GEORGE
Milhões e milhões deles milhões de cortes cirúrgicos que deixarão apenas minúsculas cicatrizes na raiz do escrote *(Marta ri)* mas que assegurarão a esterilidade dos mal formados. . . dos feios, dos imbecis dos incapazes.

NICK *(irritado)*
Escute aqui. . .

GEORGE
. . .e assim, no futuro, teremos uma raça de homens maravilhosos.

MARTA
Hum. . .!

GEORGE
Imagino que não haverá muita música, muita pintura, mas teremos uma civilização de homens brancos e louros e, exatamente, dentro dos limites dos pesos-médios. . .

MARTA
Oh!

GEORGE
. . .uma raça de cientistas e matemáticos, cada um empenha do e trabalhando para dar maior esplendor à supercivilização.

MARTA
Hum! Que bom!

GEORGE
Haverá uma certa perda. . . de liberdade, imagino eu, como resultado da experiência. . . mas a variedade não mais constituirá um objetivo. As culturas e as raças, finalmente, desaparecerão . . . e as formigas se apossarão do universo.

NICK
O senhor acabou?

GEORGE *(sem dar-lhe atenção)*
E eu, é claro, me oponho a tudo isso. A História, que é minha especialidade, a História, de quem sou um dos mais famosos . . . atoleiros . .

MARTA
Há, ha. há!

GEORGE
. . .perderá a sua magnífica versatilidade e a possibilidade de predizer. Eu, e comigo a . . . variedade, a complexidade, o ritmo ondulante da . . . História serão eliminados. Vigorará a ordem e a constância e . . . eu me oponho, firmemente, a isto. Não entregarei Berlim!

MARTA
Você vai entregar Berlim, querido. Não é com essa barriga que você vai defendê-la!

BENZJNHO
O que que Berlim tem a ver com tudo isso?

GEORGE
Na parte ocidental de Berlim, existe um bar onde os bancos têm sete pés de altura. E a terra . . . o chão . . . fica tão distante . . . lá embaixo de você. Não desistirei de coisas como essas. Não e não. Brigarei com você, rapaz . . . com uma das mãos em cima dos meus testículos para me defender e com a outra livre me baterei com você até a morte!

MARTA (troçando e rindo)
Bravo!

NICK *(para George)*
Muito bem ! E eu serei a mola do futuro.

MARTA
Garanto que você é, pãozinho!

BENZINHO (completamente bêbeda, para Nick)
Não entendo por que você quer dizer tudo isso, querido. Você nunca me falou nada.

NICK *(contrariado)*
Oh! Pelo amor dc Deus!

BENZINHO (chocada)
Oh!

GEORGE
O sintoma mais sério de uma doença social maligna. . . a falta de senso de humor.

Nunca houve um monólito que gostasse de gracejos. Leiam a História. Conheço um pouco de história.

NICK *(para George, numa tentativa de levar a coisa na brincadeira)*
O senhor, de ciência não conhece muita coisa não é?

GEORGE
Conheço muita coisa sobre história. Sei quando estou sendo ameaçado.

MARTA (com lascívia, dirigindo-se a Nick)
Com que então, todo o mundo vai se parecer com você?

NICK
É mesmo. Vou me transformar numa máquina fornicadora!

MARTA
Oba!

BENZINHO (tapando as orelhas com as mãos)
Oh! Querido. . . você não deve. . . não. . .

NICK *(impaciente)*
Desculpe, Benzinho.

BENZINHO
Essa linguagem. . . é. . .

NICK
Desculpe me, esta bem?

BENZINHO (de mau humor)
Está bem. *(Dá uma risada; de repente, sem razão, acalma-se* e *falando para George)* Quando é que seu filho? *(Risadinha.)*

GEORG E
O quê?

NICK *(aborrecido)*
Está perguntando pelo seu filho.

GEORGE
Filho!

BENZINHO
Quando *é* . . . que seu filho . . . vai chegar? *(Risada.)*

GEORGE
Ah! *(Formalíssimo.)* Marta? Quando *é* que nosso filho vai chegar?

MARTA
Não é da sua conta.

GEORGE
Não, não . . . quero saber. . ..foi você que tocou no assunto. Quando é que ele vai chegar, Marta?

MARTA
Já disse que não *é* da sua conta. Desculpe me ter falado nisso.

GEORGE
Nele . . . não nisso. Você falou *nele.* Bem, não importa, quando é que este veadinho vai aparecer por aqui. Hum? O aniversário dele não é amanhã?

MARTA
Não quero falar nesse assunto!

GEORGE *(com falsa inocência)*
Mas Marta. . .

MARTA
Não quero falar nesse assunto!

GEORGE
Garanto que não! *(Para Benzinho e Nick)* Marta não quer falar nesse assunto . . dele . . . Marta sente ter tocado no assunto)

BENZINHO (com estupor)
Quando e que o tal veadinho vai chegar? *(Risada.)*

GEORGE
É, Marta . . já que você tocou no assunto em primeiro lugar. . quando é que o veadinho vai chegar?

NICK
Benzinho, eu acho que. . .

MARTA
George fala dele assim, ofendendo. . . “veadinho” . . bem porque ele tem problemas.

GEORGE
Ah! O veadinho tem problemas! E que problemas são esses que o veadinho tem?

MARTA
Veadinho não!. . . pare de chamá-lo desse jeito. Você. . . voce é que tem problemas.

GEORGE *(simulando desdém)*
Nunca ouvi coisa mais absurda na minha vida.

BENZINHO
Nem eu tampouco.

NICK
Querida!. . .

MARTA
O grande problema de George em relação ao vea . . . (há, há, há,). . . em relação ao nosso filho, ao nosso maravilhoso filhão é que, lá no fundo, nas profundezas das vísceras, ele acha que o filho não é dele.

GEORGE *(profundamente sério)*
Meu Deus, como você é perversa!

MARTA
E eu já lhe disse, milhões de vezes, benzinho, que eu. . . nunca teria um filho que não fosse seu . . . você sabe disso, não é, amor.?

GEORGE
Terrivelmente perversa.

BENZINHO (ébria, mergulhada em profunda tristeza)
MeuDeus... Oh!... meu...

NICK
Não sei se este é um assunto para. . .

GEORGE
Marta está mentindo. Quero que vocês fiquem sabendo disso desde já. Marta está mentindo. *(Marta ri.)* De muito pouca coisa nesse mundo eu tenho certeza. . .

fronteiras nacionais, nível das águas dos oceanos, lealdade política, moral cotidiana . . não daria mais um dedo por nada disso. . mas a única coisa de que tenho certeza neste mundo que se afunda é da minha colaboração, da minha colaboração cromossômica, que contribuiu para criar o nosso filho de olhos louros e cabelos azuis.

BENZINHO
Ah! que alívio!

MARTA
Que discurso bonito, Georginho!

GEORGE
Obrigado, Marta.

MARTA
Você foi grande, hoje. . . está de parabéns.

BENZINHO
Muito bem. . . mesmo.

NICK
Benzinho. . .

GEORGE
Marta sabe muito bem . . - não é tao boba quanto parece.

MARTA
Não sou tao boba quanto pareço. Tive na universidade como todo mundo.

GEORGE
É, Marta teve na universidade. Teve, também, num convento quando era um pedacinho de gente.

MARTA
E eu era ateísta *(sem muita convicção)* . . . e ainda sou.

GEORGE
Ateísta não, Marta pagã. *(Para Benzinho e Nick)* Marta *é* a única pagã de verdade que existe aqui na costa atlântica.
(Marta ri.)

BENZINHO
Ah! bacana! Você não acha, querido?

NICK *(gracejando com ela)*
É. .. bacana!

GEORGE
E Marta costuma fazer uns círculos azuis em volta dos balangandãs dela.

NICK
É mesmo?

MARTA (na defensiva, mantendo o tom de brincadeira) Às vezes. *(Chamando-o com a mão.)* Qué vê?

GEORGE *(chamando a atenção dela)*
Oh! Oh! Oh!

MARTA
Oh, oh, oh o quê. . . seu marafona!

BENZINHO
Ele não é marafona. . . homem marafona? Marafona é você!

MARTA
Ei ! cuidado com a língua ! Hein?

BENZINHO (alegre)
Está bem. Eu queria uma gotinha de conhaque, por favor. . .

NICK
Benzinho, você já bebeu bastante, e. . .

GEORGE
Bobagem! Todos estao precisando de outro gole. *(Apanha os copos.)*

BENZINHO (fazendo eco com George)
Bobagem!

NICK *(sacode os ombros)*
Está bem!

MARTA (para George)
Nosso filho não tem nem cabelos azuis nem olhos azuis tampouco. Os olhos dele são verdes como. . . os meus.

GEORGE
Ele tem olhos azuis, Marta.

MARTA (com determinação)
Verdes.

GEORGE *(condescendente)*
Azuis, Marta.

MARTA (com raiva)
Verdes. *(Para Benzinho e Nick)* Uns amores de olhos verdes. . não são assim pontilhados de castanho e cinza, sabem?. . .cor de avelã. . . não, são verdes, de verdade. . . escuros e puros como os meus.

NICK *(observando)*
Mas os seus olhos são castanhos, não são?

MARTA
Verdes *(Um pouco rápido demais)* Bem, conforme a luz, eles *parecem* castanhos, mas são verdes. Não tão verdes quanto os dele. . . mais castanhos, Os olhos de George são azul aguado. . . azul leitoso.

GEORGE
Decida-se, Marta.

MARTA
Estava lhe oferecendo a vantagem da dúvida. *(Para* os *outros)* Papai também tem olhos verdes.

GEORGE
Tem nada, seu pai tem olhos vermelhos e redondinhos. . . como um rato branco. E, na realidade, ele é um rato branco.

MARTA
Você não ousaria dizer nada disso, se ele estivesse presente. Covarde!

GEORGE *(para Benzinho e Nick)*
Imaginem uma vasta cabeleira branca e aqueles olhinhos feito contas, vermelhos . . . um enorme rato branco.

MARTA
George detesta papai . . . não porque papai lhe tenha feito alguma coisa. . . mas por causa da. . .

GEORGE *(concordando com a cabeça* e *acabando a frase para ela)*
. . .incapacidade de George.

MARTA (alegre)
Exatamente. Acertou. . . bem no alvo. *(Vendo que George vai sair)* Onde é que você pretende ir?

GEORGE
Estamos precisando de mais combustível, meu anjo.

MARTA
Anh! Então pode ir.

GEORGE *(saindo)*
Obrigado.

MARTA (depois que George sai)
É um otimo *barman* . . . excelente babá de bêbedo. Esse filho da p. . . detesta meu pai, vocês sabiam?

NICK *(levando o assunto para a brincadeira)*
Qual nada!

MARTA (ofendida)
Vocé acha que eu estou brincando? Que estou contando uma piada? Não gosto de piadas nao tenho senso de humor. *(Quase fazendo beicinho)* Tenho um apurado senso de ridículo, mas não de humor. *(Afirmando)* Não tenho senso de humor!

BENZINHO (alegremente)
Nem eu, tampouco.

NICK *(sem convicção)*

Tem sim. Benzinho um tanto reprimido.

BENZINHO (com orgulho)
Obrigada.

MARTA
Vocês querem saber por que o filho da. . . p. . . detesta meu pai? Posso contar? Muito bem. Então, agora, eu vou contar a vocês por que o filho da p. . . detesta meu pai.

BENZINHO (tentando prestar atenção)
Ah! Ótimo!

MARTA (com severidade, para Benzinho)
Há pessoas que vivem das desgraças alheias.

BENZINHO (escandalizada)
Não é verdade!

NICK
Benzinho. . .

MARTA
Calem a boca! Os dois! *(Pausa.)* Agora sim. . . Minha mãe morreu cedo, entenderam? Fui criada por meu pai. *(Pausa. Pensa)* Frequentei colégio e tudo o mais. . . mas, na verdade, cresci em companhia dele. E como admirava aquele camarada! Adorava-o . . . tinha verdadeira adoração por ele. E ainda tenho. E ele gostava de mim também. . . sabem? Havia entre nós uma compreensão. . . autêntica.

NICK
Ah! sei . . .

MARTA
E papai fez esta universidade. . . isto é, transformou-a do que era no que é hoje . . pôs a vida dele toda aqui. Ele é a universidade.

NICK
Hum. . . hum. . .

MARTA
A universidade é ele. Você sabe que doações ela recebia quando meu pai tomou a direção e quanto recebe agora? Procure informar-se um dia.

NICK
Eu sei. . .já li *a* respeito disso. . .

MARTA
Cale-se e ouça. . . *(pensando).* . . bonitão. Entao, depois que saí da universidade, e tudo mais, voltei para casa e fiquei assim, girando por aí, durante algum tempo. Ainda não era casada, nem nada. Be . . m, eu *já tinha* sido casada. . . por assim dizer. . . durante uma semana quando estava no segundo ano da Academia para Mocinhas de Miss Muff. . . a tal universidade. Este casamento foi uma espécie de versão juvenil da Ladv Chaterley. *(Nick ri.)* Ele costumava ficar sentado no alto de

uma potente segadeira, todo pelado, durante horas, cortando a relva de Miss Muff. Mas papai e Miss Muff se puseram de acordo e resolveram acabar com a história. . . de uma hora para *a* outra. . . anulado. . . o que foi gozado. . . porque, teoricamente, não se pode conseguir anulação quando a gente dá entrada! Há! De qualquer forma, me restituiram a pureza, acabei o curso da Miss Muff onde passou a ter um jardineiro a menos. . .o que foi, de fato. . . uma pena. . . Depois voltei para cá e fiquei solta por aí. Fazia as vezes de anfitriã para papai e tomava conta dele. . . e era. . . bom. Era muito bom.

NICK
Sei... sei...

MARTA
O que é que você quer dizer com esse "sei, sei"? Como é que você podia saber? *(Nick sacode os ombros, desamparado.)...* amoreco. *(Nick sorri um pouco.)* Foi então que veio a idéia de casar com alguém da universidade. . . O que não me parecia tão cretino naquela época quanto agora. Quero dizer. . .papai tinha o sentido da História. . . da continuidade. . . Por que é que você não se senta aqui ao meu lado?

NICK *(indicando Benzinho, que segue muito vagamente a conversa)*
Acho que. . . não fica. . . eu. . .

MARTA
Como quiser. O sentido da continuidade . . . da História e ele sempre teve essa idéia na cabeça: preparar alguém para. . . um dia. . . ficar com a direção quando ele se aposentasse. Um sucessor, entenderam, não é?

NICK
Entendi.

MARTA
O que, aliás, é natural. Quando você constrói alguma coisa quer sempre deixá-la para alguém. Então, eu passei a observar, por alto, quais eram as perspectivas entre os novatos. Um possível herdeiro. A idéia de, necessariamente, me casar com o camarada não foi do papai. Isto é, eu não era uma isca ou coisa parecida. . . para ganhar o prêmio não era preciso ficar comigo. *Eu* é que alimentava essa idéia. E, naturalmente, a maioria dos novatos era de homens casados.

NICK
Claro.

MARTA (com um estranho sorriso)
Como você, benzinho.

BENZINHO (eco automático)
Como você, benzinho.

MARTA (irônica)
Mas, então, George apareceu. . . apareceu o George.

GEORGE *(entrando; de novo com as bebidas)*
Mas, entào, apareceu o George, carregando as bebidas. O que você anda fazendo, agora, Marta?

MARTA (imperturbável)
Contando uma história. Sente-se. . . vai aprender muito.

GEORGE *(fica de pé, põe as bebidas em cima do bar portátil)*
Está be . . .m!

BENZINHO
Você voltou!

GEORGE
Exatamente.

BENZINHO
Querido, ele voltou!

NICK
Eu vi . . .eu vi.

MARTA
Onde é que eu estava?

BENZINHO
Estou me sentindo tao feliz!

NICK
Psiu!

BENZINHO (imitando)
Psi. . .u!

MARTA
Ah! é! Então, apareceu George. Exato. Que era jovem . . .inteligente. . . vasta cabeleira e de um certo modo, bonitão . . se é que voces podem imaginá-lo como.

GEORGE
. . . e mais moço do que você.

MARTA
. . . e mais moço do que eu. . .

GEORGE
. . .uns seis anos. . .

MARTA
. . . uns seis anos. Eu não ligo para isso. E, então. . .o George apareceu, olhar vivo, no Departamento de História. E vocês sabem o que eu, besta quadrada, fiz? Sabem? Me apaixonei por ele.

BENZINHO (sonhadora)
Que lindo!

GEORGE
Foi mesmo. Vocês deviam ver! De noite, ela se sentava do lado de fora, no gramado, perto do meu quarto, e ficava uivando e arrancando a grama com as unhas. Eu não podia trabalhar.

MARTA (ri, abertamente, divertida)
É verdade. Me apaixonei por ele. . . por isto. . . por isso, por aquilo.

GEORGE
No fundo. Marta é uma sentimental.

MARTA
Sou mesmo. Então, me apaixonei por ele, naquela ocasião. E o casamento me pareceu, também . . .prático, não é? Papai estava procurando alguém que. . .

GEORGE
Um momento, Marta.

MARTA
. . . assumisse a direção quando ele se decidisse a. . .

GEORGE
Marta, um momento.

MARTA
. . .aposentar-se e, por isso, eu pensei. . .

GEORGE
Pare com isso, Marta!

MARTA (irritada)
o que é que você tem?

GEORGE
Pensei que você fosse contar a história do nosso namoro, Marta. . . não sabia que ia começar com o outro negócio.

MARTA (desafiando)
Pois bem, eu vou!

GEORGE
Se eu fosse você, não começaria.

MARTA
Ah!. . .não começaria? Mas eu não sou você!

GEORGE
Você já soltou a língua sobre aquilo que você sabe.

MARTA (esquivando-se)
O quê? Aquilo, o quê?

GEORGE
. . .sobre a nossa pérola . . . o nosso rebento . . . o veadinho. . . *(cuspindo a palavra)*. . . nosso filho. . . e se você começar este outro negócio, Marta. . . fica prevenida que vou me zangar!

MARTA (rindo-se dele)
Ah,é? é?

GEORGE
Você está prevenida.

MARTA (incrédula)
Você está o quê?

GEORGE
Prevenida. . .

NICK
Vocês acham que é preciso levar isso até o fim?

MARTA

Estou prevenida. *(Pausa. Em seguida a Benzinho e Nick)* Então, eu me casaria com o filho da puta e o resto se encaixava no plano. Ele era o noivo e deveria ser preparado. . . algum dia seria o diretor. . . primeiro começaria pelo Departamento de História e depois, quando papai se aposentasse, passaria a dirigir a universidade. . . compreenderam? Assim foi tudo planejado. *(Para George que está junto ao bar portátil, de costas para ela)* Está ficando zangado, bem? Hum? *(Voltando a falar com os outros)* Assim foi tudo planejado. Muito simples. E papai também tinha a impressão de que ia dar certo. Por algum tempo, deu. Mas, depois, os anos foram passando. *(Para George, de novo)* Está mais zangado ainda? *(Volta-se para os outros.)* Até que depois de uns anos de observação, ele começou a pensar que, talvez, não tivesse sido uma idéia tao brilhante assim . . . que, talvez, o Georginho nao tivesse. . . dentro dele. . . a fibra necessária. . .

GEORGE *(sempre de* costas *para todos)*

Marta, pare!

MARTA

Uma ova! Estão entendendo, não *é?* George não tinha o . . .dinamismo que era preciso . . . nem era bastante agressivo. Na verdade, era uma espécie de. . . *(Atira as palavras contra George que está de costas.).* . . FRACASSO! Um grande, enorme. . . completo. . . FRACASSO!

(Pancada seca, imediatamente apás a palavra fracasso. George quebra uma garrafa de encontro ao bar portátil e permanece, onde está, imóvel, de costas para os outros, segurando o que resta da gar rafa, pelo gargalo. Silêncio. Todos ficam paralisados.)

GEORGE *(quase suplicando)*

Eu disse: pare, Marta!

MARTA (depois de refletir sobre que atitude tomar)

Espero que tenha sido uma garrafa vazia, George. Ganhando o que você ganha, não vai querer desperdiçar um bom uís que. . .

(George deixa cair o caco no chão, sem mover-se.)

Com seu ordenadinho de professor assistente! *(Para Benzinho e Nick)* O que estava dizendo, era que nos jantares para angariar fundos, ele não funcionava. . . nao tinha personalidade. . .vocês sabem o que eu quero dizer. E como podem imaginar. isso foi uma decepção para meu pai. E. . .pronto! Eis-me aqui, amarrada a esse fracasso. . .

GEORGE *(voltando-se)*

Não Continue. Marta.

MARTA

. . .a esse atoleiro do Departamento de História. . .

GEORGE

Marta, chega!

MARTA (elevando a voz até alcançar a de George)

. . .que é casado com a filha do reitor. . . que deveria ser *alguém* em vez de um simples joão ninguém, um rato de biblioteca um maldito contemplativo, incapaz de fazer o que quer que seja, um tipo tão sem fibra que ninguém pode se orgulhar dele. . . está bem, George.

GEORGE *(mais baixo, depois ultrapassando a* voz *dela ate abafá-la)*

Eu disse chega. Está bem. . . está bem. *(Canta)*

Quem tem medo de Virvinia Woolf.
Virginia Woolf.
Virginia Woolf.
Quem tem medo de Virginia Woolf.

GEORGE E *BENZINHO (esta última se junta a George, com voz de ébria)*

Quem tem medo de Virginia Woolf,
Virginia Woolf,
Virginia Woolf. . . (etc.)

MARTA

Parem!

(Breve silêncio.)

BENZINHO (levantando-se e indo para o corredor)

Estou enjoada. . . enjoada. . . vou vomitar. . . *(Sai)*

NICK *(seguindo-a)*

Ah! Pelo amor de Deus!

MARTA (saindo atrás dele, volta-se para George com desdém)

Puxa vida!

(George está no no palco)

P A N O

A T O I I

A NOITE DE VALBURGA

George está só no no palco; Nick entra, de novo.

NICK *(depois de momento de silêncio)*
Ela. . . já. . . está melhor, agora. *(Nenhuma resposta.)* Ela. . . não devia beber tanto. *(Nenhuma resposta.)* É. . .frágil *(nenhuma resposta)* . . . esbelta de quadris, como diz o senhor. *(George sorri vagamente.)* Sinto muito o que aconteceu.

GEORGE *(em voz baixa)*
Onde está meu querubim? Onde está Marta?

NICK
Fazendo café. . . na cozinha. Ela adoece com muita facilidade. . .

GEORGE *(absorto)*
Marta? Nunca ficou doente na vida dela A não ser que você conte como doença o tempo que ela passa nas clínicas de repouso.

NICK *(muito baixo, também)*
Nào. nào a *minha* mulher *minha* mulher adoece tacílmen te. Sua mulher é Marta.

GEORGE *(com um pouco de arrependimento)*
Ah, é!. . .eu sei.

NICK *(simples declaração)*
Na verdade, ela não freqüenta clínicas de repouso.

GEORGE
Sua mulher?

NICK
Não, a sua.

GEORGE
Ah! A minha! *(Pausa.)* É, não freqüenta não. Eu. . . é que deveria. . . isto é, se eu fosse. . . ela. . . eu deveria. Mas não sou ela e. . . por conseguinte, não freqüento. *(Pausa.)* Bem que eu gostaria! De vez em quando isto aqui pega fogo.

NICK *(friamente)*
É . . . sem dúvida.

GEORGE
Você já teve uma pequena amostra.

NICK
Procuro não me. . .

GEORGE
. . .intrometer, não é isso?

NICK
É. . . isso mesmo.

GEORGE
Pois eu diria o contrário.

NICK
Acho... embaraçoso.

GEORGE *(sarcástico)*
Acha mesmo?

NICK
Acho. Muito. Realmente.

GEORGE *(imitando os gestos de Nick)*
Acho. Muito. Realmente. *(Depois em voz alta para si mesmo)* Nojento!

NICK
Escute aqui, eu nao tive nada. . .

GEORGE
Nojento! *(Em voz baixa, com grande intensidade, porém)* Você acha que gosto de ser ridicularizado por essa. . . não sei o quê de ser arrasado diante de. . . *(Sacode a mão num* gesto *de repúdio e desdém.)* Você? Acha que eu viso suspirando por isso?

NICK *(friamente* e *hostil)*
Eu não! Suponho que isto nao lhe agrade nem um pouco.

GEORGE
Ah! Você supõe que não, nao é?

NICK *(provocante)*
É. Suponho. Suponho que não lhe agrade!

GEORGE *(desarmando o outro)*
Sua solidariedade me desarma. . . a sua. . . sua compaixão me leva às lágrimas. Enormes, salgadas lágrima anticiêntíficas

NICK *(com grande desdém)*
Não consigo perceher por que o senhor quer sempre envover *outra* pessoa nessa história.

GEORGE
Eu?

NICK
Se o senhor e sua. . . mulher . . querem se atracar como dois. . .

GEORGE
Quem, eu?

NICK
. . . animais, não entendo por que não fazem isso quando nao tem. . .

GEORGE *(rindo de raiva)*
Ora, seu. . .

NICK
Cuidado, doutor!

GEORGE
. . . cientistazinho presunçoso, e. . .

NICK
Vamos parar com isso, doutor!

GEORGE
. . . hipócrita!

NICK
Não costumo bater em pessoas mais velhas do que eu!

GEORGE *(considerando o que Nick disse)*
Ah! *(Pausa.)* Então você só bate em pessoas mais moças. . . em crianças. . . mulheres. . . em passarinhos. *(Vendo que Nick não acha graça)* Bem, você tem razão, aliás. Como espetáculo, não é dos melhores. . . ver um casal de meia-idade, cara vermelha e esbaforida, se atacando, a mutuamente, e falhando a metade dos golpes.

NICK

Ah, não! Vocês dois não falham. . . ambos são afiadíssimos. Impressionantes!

GEORGE

E as coisas impressionantes o impressionam, não é? Você se deixa. . . facilmente impressionar. . . uma espécie de. . . idealismo pragmático.

NICK *(sorriso forçado)*

Não, é que, às vezes, me interesso por coisas que nãoi me interessam. Mas esse negócio de flagelação, para mim, não serve como divertimento, porém. . .

GEORGE

. . .porém, você é capaz de se interessar por um bom flagelador. . . um profissional.

NICK

É.. . sou.

GEORGE

Sua mulher vomita um bocado, não é verdade?

NICK

Eu não disse isso . . eu disse que ela ficava, facilmente, doente.

GEORGE

Ah, eu pensei que com doente você quisesse dizer. . .

NICK

Bem, de fato . . . ela . . . vomita frequentemente. Quando começa. . . nao há nada que a faça parar . . durante horas. Não é sempre. . . mas regularmente.

GEORGE

Com a pontualidade de um relógio, não é?

NICK

Mais ou menos. . .

GEORGE

Um drinque?

NICK

Por que não? *(Sem nenhuma emoção, apenas leve expressão de fastio enquanto George apanha o copo dele e se dirige para* o *bar.)* Casei-me com ela porque ela estava grávida.

GEORGE *(pausa)*

Anh! *(Pausa.)* Mas você disse que não tinha filhos. . . Quando lhe perguntei, você me disse. . .

NICK

É, na realidade, ela. . . não estava. Foi uma gravidez histérica. Foi enchendo e depois esvaziou.

GEORGE

E enquanto ela estava enchendo você se casou com ela.

NICK

E, então, ela esvaziou.

(Ambos riem e se surpreendem porque riem.)

GEORGE

Uísque?

NICK

É. .. uísque.

GEORGE

Quando eu tinha dezesseis anos e frequentava a escola preparatória, durante as Guerras Púnicas, nossa turma costumava ir a Nova York no primeiro dia de férias, antes de voar para os respectivos lares e, de noite, íamos todos a um bar clandestino que pertencia a um gangster, pai de um da turma – porque era a época da Grande Experiência ou mais comumente chamada Proibição, época dura para os donos de botequins, mas esplêndida para os tiras e escroques – e lá no bar clandestino bebíamos como os adultos e ouvíamos *jazz.* Na nossa turma havia um rapaz que tinha dezesseis anos e que havia matado a própria mãe, alguns anos atrás, com um tiro de revólver, por acidente, inteiramente acidental, sem qualquer motivação inconsciente, não tenho dúvida, nenhuma dúvida – e certa vez, numa daquelas noites, esse rapaz foi conosco e nós pedimos o que quisemos e quando chegou a vez dele, ele disse: quero uma birgin. . . me traga, por favor, uma birgin com tônica. Bem, nós todos rimos e ele enrubesceu e ficou também com o pescoço vermelho e o ajudante do escroque que estava nos servindo contou o que o menino tinha pedido para as pessoas das mesas vizinhas e, então, elas riram e depois outras pessoas souberam da história e a gargalhada aumentou e outras pessoas e mais gargalhadas e ninguém ria mais do que nós do grupo e ninguém mais do que o menino que tinha matado a própria mãe. Rapidamente, todos no bar perceberam o motivo das gargalhadas e cada um começou a pedir birgin e a rir quando o encomendava. Em seguida, é claro, o riso deixou de ser geral mas não cessou de todo, durante muito tempo, porque sempre em alguma mesa alguém

pedia birgin e uma nova onda de riso se levantava. Bebemos, livremente, naquela noite e o gerente e o gângster, pai de um da turma, nos ofereceram champanha. E, naturalmente, no dia seguinte, cada um de nós cozinhou sozinho, dentro de um trem que se afastava de Nova York, uma ressaca *adulta* mas foi o dia mais fabuloso da minha. . . juventude. *(Estencle o copo a Nick ao pronunciar esta última palavra.)*

NICK *(muito baixo)*
Obrigado. E o que. . . que aconteceu com o rapaz. . . o rapaz que havia matado a mãe?

GEORGE
Não digo.

NICK
Então, nao diga.

GEORGE
No verão seguinte, com o diploma no bolso e o pai sentado à direita, ele desviou o carro da estrada para evitar um porco espinho e foi bater, em cheio, numa árvore enorme.

NICK *(em tom de leve súplica)*
Não!

GEORGE
Mas ele não morreu, é claro. E me contaram que quando voltou a consciência e ficou fora de perigo e lhe disseram que o pai estava morto, ele começou a rir e. . . as gargalhadas foram crescendo, não podia parar de rir e assim foi até que lhe enfiaram uma agulha no braço; não parou logo, só quando perdeu a consciência é que as gargalhadas cessaram. E quando ele estava bastante melhor dos ferimentos e pôde ser transportado do hospital sem perigo de reação, foi internado num manicômio. Isso aconteceu há uns trinta anos.

NICK
E ele. . . continua lá?

GEORG E
Continua! E eu soube que durante esses trinta anos, ele não emitiu. . . um som. *(Silêncio bastante prolongado.)* Marta! *(Pausa.)* Marta!

NICK
Esta fazendo café.

GEORGE
Para a histérica da sua mulher que enche e esvazia.

NICK
Enchia. Para fora e para dentro.

GEORGE
Enchia? Nunca mais?

NICK
Nunca mais. Nada.

GEORGE *(depois de uma pausa por complacência)*
A coisa mais triste em relação aos homens . . . bem, não uma das coisas mais tristes a respeito dos homens é a maneira pela qual eles envelhecem . . . alguns deles. Você sabe o que se passa com os loucos? Sabe? . . com os pacíficos?

NICK
Não.

GEORGE
Não mudam. . . nao envelhecem.

NICK
Mas deveriam.

GEORGE
Bem, ocasionalmente é provável que sim. Mas não. . . no sentido usual. Mantêm uma serenidade. . . insensível. . . a. . . a atividade reduzida de todo o organismo deixa-os. . . quase incólumes.

NICK
Está querendo receitar isso?

GEORGE
Não, mas há coisas que são tristes, né? *(Imitando um animado de programas) É*, mas o negócio é não dar bola e tocar para a frente! Vamos, anime-se. Marta nunca teve gravidez histérica.

NICK
Minha mulher só teve uma.

GEORGE
Sei. Marta nunca ficou grávida.

NICK
Bem, agora. . . eu acho que não. Você não tem outros filhos? Não tem uma filha, por exemplo?

GEORGE *(como se dissesse uma piada)*
Uma o quê?

NICK
Uma outra. . . quero dizer, vocês só têm um . . . filho, só. . . aquele filho.

GEORGE *(com particular intenção)*
Só. . só um . . .um rapaz. . . o nosso filho.

NICK
Ah ! *(Dá de ombros.)*. . . dá prazer, não?

GEORGE
Há, há! Se dá Ele é um consolo, uma mina.

NICK
Uma o quê?

GEORGE
Uma mina. Mina. Fácil de entender, não é? *(Reforçando)* Mi. . .na.

NICK
Já ouvi. . .Eu não disse que era surdo. . . Eu disse apenas que não tinha entendido.

GEORGE
Absolutamente, você não disse isso.

NICK
Eu quis dizer que estava implícito que eu não tinha entendido. *(Baixo)* Caramba!

GEORGE
Você está ficando irritado.

NICK
Desculpe-me

GEORGE
O que eu disse foi que o nosso filho. . . a menina dos nossos três olhos, pois Marta é um ciclope. . . que o nosso filho é uma mina. . . Nada mais. E você está

ficando irritado.

NICK
Desculpe-me! Já é tarde, estou cansado, desde as nove horas que estou bebendo, minha mulher está vomitando e há um bocado de confusão por aqui.

GEORGE
E por causa disso você está irritado. É natural. Não se. . . preocupe, todo o mundo que vem cá acaba ficando. . . irritado. Já é de esperar. Não fique perturbado.

NICK *(irritado)*
Não estou perturbado!

GEORGE
Mas está irritado.

NICK
É.

GEORGE
Eu queria esclarecê-lo sobre uma coisa. . . enquanto as mocinhas estão longe daqui. . . queria esclarecê-lo sobre aquilo que Marta disse.

NICK
Não costumo. . . julgar ninguém . . . por isso não é necessario, realmente, a menos que o senhor.

GEORGE
Bem, eu faço questão. Sei que você não gosta de se envolver em. . . sei que você gosta de conservar uma. . . indiferença científica diante da, já que não existe palavra melhor, diante da vida e. . . de tudo o mais, mesmo assim quero lhe contar isso.

NICK *(com um sorriso forçado e formal)*
Bem, sou seu. . . convidado. Pode falar.

GEORGE *(apreciação zombeteira)*
Ah! Muito bem! Obrigado. Isso me conforta e me mexe todo lá por dentro.

NICK
Se o senhor vai começar. . .

VOZ DE MARTA
Uuuh! Uuh!

NICK
. . .se o senhor vai começar, de novo, com essa maneira de. . .

GEORGE
Ouça! Rumores de selva.

NICK
Hum?

GEORGE
Grunhidos animais!

MARTA (enfiando a cabeça pela porta)
Uuuh!

NICK
Oh!

GEORGE
Chegou a ama-seca!

MARTA (para Nick)
Estamos lá sentadas. . . tomando café e voltamos logo.

NICK *(sem levantar-se)*
Ah ! . . . posso ajudar em alguma coisa?

MARTA
Nã. . . o! Fique onde está ouvindo as estórias de George. Chateie-se à vontade.

GEORGE
Monstre!

MARTA
Cochon!

GEORGE
Bête!

MARTA
Canaille!

GEORGE
Putain!

MARTA (com um gesto de absoluto desdém)
Uuuuuuh! Divirtam-se! Bobões, daqui a pouco, nós voltamos. *(Enquanto sai)* Você se limpou da sujeira que fez, George?

GEORGE *(Marta sai, George fala para o corredor vazio)* Não, Marta, não me limpei da sujeira que fiz. Há anos que estou tentando limpar-me da sujeira que eu fiz.

NICK
É mesmo.

GEORGE
Hum!

NICK
Está tentando mesmo!

GEORGE *(depois de uma longa pausa, olhando para Nick)*
Boa vontade, maleabilidade e acomodação. . assim deve ser a seqüência das coisas, não é?

NICK
Não procure enquadrar-me na mesma classe que a sua.

GEORGE *(pausa)*
Anh! *(Pausa.)* Claro que não. As coisas com voce são mais simples. . . você se casou com uma mulher enquanto ela se estava enchendo, enquanto eu, com este meu jeito bronco e antiquado. . .

NICK
Não foi só por isso!

GEORGE
Claro que não ! Aposto como também ela tem dinheiro!

NICK *(mostra-se ofendido e, depois de uma pausa, com firmeza)*
Tem.

GEORGE
Tem? Tem, hein? *(Alegremente)* Quer diier que eu tinha razão? Que acertei em cheio!

NICK
O senhor compreende . . .

GEORGE
Puxa, que pontaria ! Logo no primeiro tiro ! Sensacional !

NICK
O senhor compreende. . .

GEORGE
Havia outra coisa.

NICK
Havia.

GEORGE
Uma compensação.

NICK
É.

GEORGE
Sempre há. *(Vendo que Nick reage mal)* Tenho certeza que há. Não estou querendo tesar você. Há *sempre* circunstâncias compensadoras. . . Como no meu caso e de Marta. . . Agora, aparentemente. . .

NICK
O senhor sabe, nós crescemos, mais ou menos, juntos.

GEORGE
Parece ser um negócio barulhento e arrastado, aparentemente.

NICK
Nos conhecemos, sei lá, desde a idade de seis anos ou sete. . .

GEORGE
. . . porém, lá para trás, no começo da coisa, exatamente quando cheguei a Nova Cartago, naquela época. . .

NICK *(com irritação)*
. . . desculpe me. . .

GEORGE
Hum? Oh! Não. . . eu é que peço desculpas.

NICK
Não. . . está bem. . . está bem. . .

GEORGE
Não... fale você. . .

NICK
Ora . . . por favor.

GEORGE
Faço questão. . . você é meu convidado. Pode falar.

NICK
Bem, agora perdeu a. . . graça.

GEORGE
Tolice *(Pausa.)* Mas se você tinha seis anos ela devia ter quatro.

NICK
Talvez eu tivesse oito e ela . . . seis. Nós costumávamos. . .brincar de. . . médico.

GEORGE
Como iniciação heterossexual, era bem sadia.

NICK *(rindo)*
Pois é.

GEORGE
Cientista, já naquele tempo, hein?

NICK *(ri.)*
É E a coisa foi sempre . . . levada a sério . . . sabe como é. . . pelas nossas famílias e acho que por nós, também. E assim. . . fizemos.

GEORGE *(pausa)*
Fizeram o quê?

NICK
Nos casamos.

GEORGE
Você, com oito anos.

NICK
Claro que não. Muito depois.

GEORGE
Logo vi.

NICK
Não posso dizer que estivéssemos particularmente apaixonados um pelo outro, mesmo no princípio. . . do nosso casamento.

GEORGE
Naturalmente, depois da brincadeira de médico e tudo mais, não podia haver muitas surpresas ou descobertas de fazer tremer a terra.

NICK *(inseguro)*
Não. . .

GEORGE
Não há mesmo muita variação . . . apesar do que dizem das japonesas.

NICK
O que *é* que dizem?

GEORGE
Deixe-me reforçar isso. *(Toma o copo de Nick.)*

NICK
Ah! Obrigado. Depois de um certo ponto não se fica mais bêbado, não é?

GEORGE
Ficar, fica. . . mas é diferente . . .tudo amortece. . . você se sente empapado, a não ser que. . . bote para fora como a sua mulher e aí, de certo modo,. pode recomeçar tudo de novo.

NICK
Bebe-se muito aqui no leste do país. Bebe-se muito no centro também.

GEORGE
Neste país se bebe um bocado e suspeito que se beberá muito mais ainda. . . se sabrevivemos. Deveríamos ser árabes ou italianos. Os árabes não bebem e os italianos não se embriagam com facilidade, salvo nos dias santos. Deveríamos habitar a ilha de Creta ou um lugar parecido.

NICK *(sarcástico, como quem termina uma charada)*
E assim, evidentemente seríamos cretinos.

GEORGE *(leve surpresa)*
Isso mesmo. *(Estende a Nick o copo com a bebida)* Conte-me de onde vem o dinheiro da sua mulher.

NICK *(repentinamente de sobreaviso)*
Por quê?

GEORGE
BEM. . . então não conte

NICK
E por que o senhor quer saber de onde vem o dinheiro de minha mulher? *(Atrevidamente)* Hein?

GEORGE
Porque pensei que seria interessante.

NICK
Não é nada disso.

GEORGE
Está bem. Quero saber de onde vem o dinheiro de sua mulher. . . bem, porque a metodologia. . . a acomodação pragmática com que vocês, as molas do futuro, vão tomar o poder, me fascinam.

NICK
O senhor está recomeçando. . .

GEORGE
Eu? Não. Não estou não. Olhe aqui. . .a Marta também tem dinheiro. Isto é, há anos que o pai dela vem roubando, às escondidas, esta cidade, e. . .

NICK
Não! Ele não faz isso, não faz isso.

GEORGE
Ah, não?

NICK
Não!

GEORGE *(sacode* os *ombros)*
Está bem. . . o pai de Marta não rouba, há anos, às escondidas, essa cidade e Marta não tem dinheiro nenhum. Tá?.

NICK
Estávamos falando do dinheiro da *minha* mulher. . . não da sua.

GEORGE
OK. . . . então fale.

NICK
Não *(Pausa)* Meu sogro era um. . . homem de Deus e muito rico.

GEORGE
De que seita?

NICK
Meu sogro. . . foi chamado por Deus quando tinha seis anos, mais ou menos, e, então, começou a pregar, a batizar gente e a salvar as pessoas; viajou muito e tornou-se bastante famoso. . . e quando morreu tinha um bocado de dinheiro.

GEORGE
Dinheiro de Deus.

NICK
Não. . . do meu sogro.

GEORGE
E onde foi parar o dinheiro de Deus?

NICK
Meu sogro gastou o dinheiro de Deus e. .. economizou o dele. Construiu hospitais e organizou expedições missionárias, botou as latrinas para dentro das casas e tirou as pessoas para fora, para apanhar sol, e construiu três igrejas ou coisa do estilo, sendo que duas delas pegaram fogo e. . . acabou um bocado rico.

GEORGE *(depois de pensar)*
É . . . muito interessante.

NICK
É. *(Pausa; dá umas risadinhas)* Daí é que veio o dinheiro de minha mulher.

GEORGE
Que não é de Deus.

NICK
Não, dela mesma.

GEORGE

Interessante. . . muito interessante. *(Nick dá outras risadinhas.)* Marta tem dinheiro porque a segunda mulher do pai dela – não a mãe de Marta, mas depois que a mãe de Marta morreu – era uma senhora muito velha, com verrugas e muito dinheiro.

NICK

Era uma bruxa.

GEORGE

Era uma *boa* bruxa e se casou com o rato branco. . . *(Nick começa a dar risadinhas.)*. . . de olhos vermelhos *e* redondos. . . e ele deve ter dado umas mordidas nas verrugas dela, ou coisas do gênero, porque ela sumiu como a baforada de um cigarro, quase instantaneamente. Pfuu!

NICK

Pfuu!

GEORGE

Pfuu! E tudo que sobrou, afora alguns remédios para verrugas, foi um testamento colosso. . . uma grossa bolada. . . uma parte para a cidade de Nova Cartago, um pouco para a universidade, um pouco para o pai de Marta e o outro tanto para Marta.

NICK *(completamente fora de si)*

Meu sogro e a bruxa das verrugas deveriam ter se encontrado. . . porque ele também era um rato branco.

GEORGE *(instigando Nick)*

Ah! era?

NICK

Se era!. . . um rato de igreja! *(Ambos riem muito; gargalhadas nostálgicas que finalmente cessam e os dois caem em silêncio.)* Sua mulher nunca falou dessa madrasta.

GEORGE *(pensando)*

É. . . talvez não seja verdade.

NICK *(com malícia)*

Ou talvez seja.

GEORGE

Deve ser. . . deve ser. Bem, mas eu eu acho que a sua história é muito mais

interessante. . . uma mulherzinha que foi enchida e um sogro que era padre. . .

NICK
Ele não era padre, era um homem de Deus.

GEORGE
Sei.

NICK
E minha mulher não foi enchida, ela. . .encheu.

GEORGE
Sei, sei.

NICK *(risadinhas)*
Para deixar as coisas bem claro.

GEORGE
Desculpe-me. . . Vou deixar. Desculpe-me.

NICK
Está bem.

GEORGE
Naturalmente, você já percebeu que não o fiz despejar essas sujeiras por simples interesse pela sua desagradável vida conjugal e sim porque você representa uma ameaça direta e intencional à minha vida doméstica e eu quero tirar as coisas a limpo.

NICK
Claro . . . claro.

GEORGE
Eu quero dizer que. . . estou lhe prevenindo. . .que você está prevenido.

NICK
Estou prevenido. *(Ri.)* Mas o que me preocupa são vocês, gente sorrateira. . . inúteis filhos da puta . . . vocês, sim, são os piores.

GEORGE
É . . . somos mesmo. Um cisco nos seus olhos azuis-acinzentados. . . uma sensação de peso no seu estomago de aço . . nós, nós somos os piores.

NICK
É.

GEORGE
Bem, estou contente porque você não acredita em mim. . . sei que História está do seu lado e tudo . .

NICK
Hum, hum! A História está do seu lado. . . a Biologia do meu. História, Biologia.

GEORGE
Sei qual é a diferença.

NICK
Mas não age assim.

GEORGE
Não é? Penseu que tivesse ficado decidido entre nós que, em primeiro luigar, você tomaria conta do Departamento de História e, em seguida, de todo o negócio. Entendeu?. . . Um pouco de cada vez.

NICK *(espreguiçando-se, deliciando-se, aceitando a parada)*
Não. . . O que eu pensei foi. . . insinuar-me, assim, aos poucos, aqui e ali, fazendo o jogo durante um certo tempo, descobrindo os pontos fracos, conservando-os mas com meu nome gravado em cada um deles. . . ser um fato presente, depois, tornar-me o. . .o . . .como se diz?

GEORGE
. . .o imprescindível.

NICK
Exatamente! . . . o imprescindível. Você compreendeu, não é?. . . tirar do velho algumas classes, formar grupos especiais para mim mesmo . . . estimulando especialmente algumas esposas.

GEORGE
Isso sim! Pode ficar com quantos cursos quiser, e reunir uma elite de jovens, a seu gosto, no ginásio, mas enquanto não começar a estimulat certas esposas, não estará, realmente, trabalhando. É através da barriga da mulher que se pode chegar a coração do respectivo marido. Não se esqueça disso.

NICK *(continuando o jogo)*
É. . . eu sei disso.

GEORGE
E as mulheres por aqui não são melhores do que as putas. Você já ouviu falar, não é? Das mariposas da América do Sul? E você sabe o que elas fazem, lá na América do Sul?. . . no Rio? Essas tais putas? Sabe? Elas assobiam, imitando marrecas. Ficam vagando pelas ruas e assobiam para você como um. . . bando de marrecas.

NICK
Rebolada.

GEORGE
Hum?

NICK
Rebolada. . . uma rebolada de marrecas. . . bando, não. . . rebolada.

GEORGE
Ah! bem, se você pretende se engraçar nesse terreno, dando uma de ornitólogo, estão é revoada. . . rebolada não. . . revoada.

NICK
Revoada em vez de rebolada?

GEORGE
É, revoada.

NICK *(desarmado)*
Ah!

GEORGE
É isso mesmo. . . Pois bem, elas ficam vagando pelas ruas e assobiam para você como um bando de marrecas. Todas as mulheres dos professores da universidade ficam, no centro de Nova Cartago, no supermercado, assobiando como um bando de marrecas. É este o caminho para o poder. Trate de estimulá-las!

NICK *(sempre dentro do jogo)*
Parece que você tem razão.

GEORGE
Tenho mesmo.

NICK
E aposto que sua mulher é uma das melhores marrecas da revoada, hein?. . . com um pai reitor e tudo o mais. . .

GEORGE
Aposto nela a sua imprescindibilidade histórica.

NICK
Pois não, doutor! *(Esfregando as mãos)* Bem, então agora é só levá-la para um canto e juntar com ela como se fosse uma cdela qualquer, não é?

GEORGE
É o melhor que você faz.

NICK *(encara George, um momento, com leve expressão de nojo)*
Olha, eu acabo levando você a sério.

GEORGE
Não, filhinho. . . você acaba se levando a sério e isso o apavora.

NICK *(exageradamente incrédulo)*
A mim?

GEORGE *(com calma)*
É. . . a você.

NICK
Você está brincando!

GEORGE *(tom paternal)*
Quem me dera. . . Se você não se incomodar, dar-lhe-ei um bom conselho. . .

NICK
Você dando conselhos? Essa não! *(Começa a rir.)*

GEORGE
Ah! você ainda não aprendeu. . . Tire proveito de onde quer que ele venha. . . e agora, ouça.

NICK
Despeje, vá!

GEORGE
Vou lhe dar, agora, um bom conselho.

NICK
Vamos lá!

GEORGE
Por aqui há areias movediças e você vai ser tragado antes. . .

NICK
Não diga!

GEORGE
. . .mesmo de se dar conta. . . chupado. *(Nick ri, menosprezando)* Em princípio, você me enoja e não pasa de um presunçoso filho da puta, mas estou tentando dar-lhe uma tábua de salvação. Ouviu bem?

NICK
Você está berrando.

GEORGE
Muito bem!

NICK
Benzinho!

GEORGE
Muito bem. . . Deixe estar! Você quer tocar de ouvido, hein? Tudo vai dar certo, de qualquer jeito, porque a história não pode falhar, não é?

NICK
É isso. . . isso mesmo. Vai fazendo tricô, vovó, que eu me viro sozinho.

GEORGE *(depois de um silêncio)*
Eu procurei. . . procurei aproximar-me de você. . . entrar em. . .

NICK
. . . contato?

GEORGE
É.

NICK
Comunicar-se?

GEORGE
Exatamente.

NICK
Ah! Comovente. . . positivamente, comovente. . . não há dúvida *(Com repentina*

violência) Vá tomar no. . . !

GEORGE *(pausa breve)*
Hum?

NICK *(ameaçador)*
Você bem que ouviu!

GEORGE *(para Nick sem dirigir-se a ele)*
Você se dá ao trabalho de construir uma civilização sem princípios. . . de retidão você se empenha em tirar da ordem natural um sentimento de compreensão da terrível desordem da mente humana, uma moralidade. . . você cria Governos e a Arte e percebe que ambos são, que devem ser, a mesma coisa. . . você leva as coisas aos extremos mais tristes. . . àquele ponto em que se deve perder alguma coisa. . . então, chega, de repente, trazido por toda a musicalidade, por todos os rumores da criação e do empreendimento humano, o *Dies Irae.* E o que é isso? O que soam as trombetas? Vá tomá! Deve haver justiça em tudo isso depois de tantos anos. . . Vá tomá no. . .

NICK *(breve pausa. Depois aplausos)*
Há, há, há!. . . bravo! Há, há, há! *(continua rindo)*

(E Marta volta à cena conduzindo Benzinho que, apesar de lívida, sorri corajosamente.)

BENZINHO (majestosa)
Obrigada. . . obrigada!

MARTA
Pronto, estamos de volta! Um pouco trôpegas, mas de pé.

GEORGE
Ótimo!

NICK
O que foi!. . . Ah! Alô, Benzinho. . . está melhor?

BENZINHO
Um pouquinho, querido. . . mas acho melhor me sentar, sabe?

NICK
É sim. . . vem cá. . . pra perto de mim.

BENZINHO
Obrigada, querido.

GEORGE *(entre dentes)*
Comovente. . . comovente.

MARTA
Muito bem, você não vai se desculpar?

GEORGE *(com os olhos semiserrados)*
Por que, Marta?

MARTA
Por ter feito a mocinha vomitar! Por que deveria ser?

GEORGE
Não fui eu que fiz a mocinha vomitar.

MARTA
Claro que foi!

GEORGE
Eu não!

BENZINHO (gesto papal)
Oh! não!. . . agora não!

MARTA (para George)
Então, quem você acha que foi?. . . o gostosão? Você acha que ele ia fazer a mulherzinha dele vomitar?

GEORGE *(obsequioso)*
Você é que me dá vontade de vomitar.

MARTA
Isso é diferente!

BENZINHO
Olhe aqui, eu. . . botei pra fora. . . isto é. . . vomitei, assim. . . sem nenhum motivo.

GEORGE
Realmente?

NICK
Você é. . . você é tão frágil, Benzinho!

BENZINHO (com orgulho)
Sempre me acontece isso.

GEORGE
Como o Big Bem.

NICK *(com advertência)*
Faça o favor!

BENZINHO
E os médicos dizem que não tenho nada. . . organicamente, sabe?

NICK
E não tem mesmo.

BENZINHO
É. Pouco antes de me casar, tive uma. . . apendicite. . . quer dizer, todo mundo pensou que fosse apendicite. . . mas acontece que foi um *(rápida risadinha)*. . . falso alarme.

(George e Nick se entreolham)

MARTA (para George)
Me dá um drinque. *(George dirige-se ao bar.)* George dá vontade de vomitar a todo o mundo. . . Quando o nosso filho ainda era guri, costumava. . .

GEORGE
Pare, Marta!

MARTA
. . . costumava vomitar constantemente por causa do George. . .

GEORGE
Eu disse, pare!

MARTA
Chegou a tal ponto que bastava o George entrar no quarto que ele começava a ter ânsias e. . .

GEORGE
. . . o que, de fato, fazia *(Atirando as palavras)* nosso filho vomitar o tempo todo, querida esposa e amante, era muito simplesmente o não poder suportar você

mexendo nele o tempo todo, entrando pelo quarto dele com aquele seu quimono esvoiaçante, mexendo nele o tempo todo, aquele seu bafo de bebida na cara dele e suas mãos em cima do. . .

MARTA
Ah, é? E deve ser por isso também que ele fugia de casa duas vezes por mês! *(Dirigindo-se aos convidados)* Duas vezes por mês. Seis vezes por ano!

GEORGE *(também para os convidados)*
Nosso filho fugia de casa duas vezes por mês porque a dona Marta costumava imprensá-lo nos cantos.

MARTA (berrando)
Nunca imprensei o filho da puta, na minha vida!

GEORGE *(entregando o copo a Marta)*
Toda vez que eu voltava para casa, ele vinha correndo me contar: "Mamãe está sempre me agarrando". Era sempre assim.

MARTA
Mentiroso!

GEORGE *(sacudindo os ombros)*
Pois era assim mesmo. . . você estava sempre agarrango o menino. Eu achava isso muito embaraçoso.

NICK
Se você achava embaraçoso, por que falar no assunto?

BENZINHO (advertindo)
Querido. . .!

MARTA
É claro! *(Para nick)* Obrigada, coração.

GEORGE *(para todos)*
Não fui eu, absolutamente, que quis falar dele. . . ficaria até muito contente se não tivesse que discutir a respeito desse assunto. . . Eu não quero falar dele, nunca.

MARTA
Quer sim.

GEORGE
Quando estamos a sós, talvez.

MARTA
Pois estamos a sós!

GEORGE
Oh, não, amor!. . . temos visitas!

MARTA (com um olhar cobiçoso para Nick)
Claro que temos.

BENZINHO
Será que eu posso tomar um pouco de conhaque? Acho que um golinho me faria bem.

NICK
Você vai aguentar?

BENZINHO
Vou. . . vou sim, querido.

GEORGE *(indo ao bar de novo)*
Ora! Vamos enchê-la outra vez!

NICK
Benzinho, é melhor você. . .

BENZINHO (perdendo a petulância anterior)
É só para me equilibrar, *querido.* Estou me sentindo um pouco desequilibrada.

GEORGE
Bolas, com meia garrafa você não pode andar desequilibrada. . . tem que ir até o fim.

BENZINHO
Pois é. *(Para Marta)* Adoro conhaque. . . adoro mesmo.

MARTA (meio distraída)
Melhor para você.

NICK *(desistindo)*
Bem, se você acha bom. . .

BENZINHO (bastante irritada)
Sei o que me faz bem, querido.

NICK *(não menos irritado)*
É. . . eu sei que você sabe.

BENZINHO (George lhe entrega o copo)
Ah! que bom! Obrigada. *(Para Nick)* Claro que sei, querido.

GEORGE *(pensativo)*
Eu costumava beber conhaque.

MARTA (a meia-voz)
Você costumava beber birgin também.

GEORGE *(cortando)*
Cale a boca, Marta!

MARTA (leva a mão a boca num gesto infantil)
Na. . . nh!

NICK *(como quem entende algo, vagamente)*
Hum?

GEORGE *(encerrando o assunto)*
Nada. . . nada.

MARTA (com a mesma intenção)
Vocês dois andaram fazendo confidências enquanto nós estávamos lá fora? George contou as coisas ao modo dele e não lhe arrancou lágrimas, hein?

NICK
Bem. . . Não. . .

GEORGE
Não, nós demos foi uma espécie de. . . baile, um no outro.

MARTA
Ah! É? Que gracinha!

BENZINHO
Ih! Eu adoro dançar!

NICK
Benzinho, ele não está falando disso.

BENZINHO
E nem pensei que estivesse. Imagine. . . dois homens adultos dançando. . .

MARTA
Você quer dizer, então, que ele não lhe contou como teria sido alguém na vida se não fosse o papai? Que, por causa de um elevado senso moral, não pôde nem *tentar* progredir um pouquinho? Não contou?

NICK *(com propriedade)*
Não. . .

MARTA
E também não contou que ele fez uma tentativa de publicar um maldito livro e que papai não deixou?

NICK
Um livro? Não!

GEORGE
Marta, por favor. . .

NICK *(instigando-a)*
Livro? Sobre o quê?

GEORGE *(suplicando)*
Por favor, um simples livro.

MARTA (com falsa incredulidade)
Um simples livro!

GEORGE
Marta, por favor!

MARTA (um pouco desapontada)
Ah! então, não lhe contou toda a triste história dele? O que é que há com você, George? Entregando os pontos?

GEORGE *(com calma, sério)*
Não. . . não. . . estou apenas tentando descobrir uma nova maneira de lutar contra você, Marta. Talvez a tática de guerrilhas. . . subversão intestina. . . não sei ainda. Alguma coisa no gênero.

MARTA
Bem, então, descubra e me avise depois.

GEORGE *(cordial)*
Combinado, amor.

BENZINHO
Vamos dançar? Eu queria dançar um pouco.

NICK
Benzinho. . .

BENZINHO
Queria mesmo. . . dançar um pouquinho.

NICK
Benzinho. . .

BENZINHO
Eu quero! Quero dançar um pouco.

GEORGE
Muito bem. . . Por que não? Dancemos um pouquinho.

BENZINHO (para Marta)
Ah! que bom! Eu adoro dançar. E você?

MARTA (lançando um rápido olhar a Nick)
É. . . nada mal como idéia.

NICK *(realmente nervoso)*
É.

GEORGE
É.

BENZINHO
Eu danço como o vento.

MARTA (sem comentário)
É?

GEORGE *(apanhando um disco)*
Uma vez, puseram um daguerreótipo de Marta no jornal. . . isso já tem uns vinte anos . . . Parece que ela tinha ganho o segundo prêmio num desses concursos de dançar sete dias seguidos. . . esse negócio de bíceps saltados e de jogar a parceira para cima. . .

MARTA
Você vai pôr o disco e calar a boca, ou não vai?

GEORGE
Já vou, já, amor. *(Para todos)* E como vai ser? Salada mista?

MARTA
É evidente. Não vai querer que eu dance com você, não é?

GEORGE *(considerando a pergunta)*
Naaaão!. . . tendo ele aí?. . . não se assuste! Nem tampouco com a pezinhos tremulantes aqui.

BENZINHO
Eu danço com qualquer um. . . danço sozinha.

NICK
Benzinho. . .

BENZINHO
Eu danço como o vento.

GEORGE
Muito bem, meninos. . . escolher o parceiro e começar a bater coxas.

(Começa a música. . . segundo movimento da Sétima Sinfonia de Beethoven.)

BENZINHO (de pé, dançando só)
Lá, lá, lá, lá, lá – lá, lá, li – lá, lá li, lá, formidável. . .!

NICK
Benzinho. . .

MARTA
Olhe aqui, George. . . pare com isso!

BENZINHO
Um, lê, lê, lá, lá lê, um lê lá lá lá . . . Uuuuuuuu!

MARTA
Pare com isso, George!

GEORGE *(fingindo não ouvir)*
O quê, Marta? O quê?

NICK
Benzinho. . .

MARTA (enquanto George aumenta o volume)
Pare com isso, George!

GEORGE
O quê?

MARTA (levanta-se e vai na direção de George, ameaçando-o)
Olhe aqui, seu filho da puta.

GEORGE *(desliga, imediatamente, com calma)*
O que foi que você disse, amor?

MARTA
Seu filho da. . .

BENZINHO (parada na posição em que dançava)
Você parou? Por que você parou?

NICK
Benzinho. . .

BENZINHO (para Nick, abruptamente)
Não amole!

GEORGE
Pensei que servisse, Marta.

MARTA
Pensou, é?

BENZINHO
Você sempre dá o contra quando estou me divertindo.

NICK *(tentando manter-se educado)*
Deculpe-me, Benzinho.

BENZINHO
Ora. . . me deixe em paz!

GEORGE
Bem, por que é que você não escolhe Marta? *(Afastando-se da vitrola. . . deixa-a*

para Marta.) Marta é quem vai se encarregar da coisa. . . a madama é que vai dirigir a banda.

BENZINHO
Eu gosto de dançar e você não deixa.

NICK
Eu gosto que você dance.

BENZINHO
Ora. . . me deixe em paz! *(Senta-se. . . toma um drinque.)*

GEORGE
Marta vai pôr um ritmo que ela sente. . . talvez o *Sacré du Printemps. (Anda, senta-se ao lado de Benzinho.)* Alô, gostosa!

BENZINHO (uma risadinha aguda)
Hi, hi, hi, hi!

GEORGE *(ri zombando)*
Há, há, há! Escolha bem, Marta, hein? Escolha bem!

MARTA (concentrando-se no aparelho)
Você vai ver!

GEORGE *(para Benzinho)*
Quer dançar comigo, teta de anjo?

NICK
Como foi que você chamou minha mulher?

GEORGE *(zombeteiro)*
Ora, rapaz!

BENZINHO
Não, se não posso interpretar como eu quero, então, não danço com ninguém. Fico sentado aqui e . . . *(Dá de ombros. . . bebe.)*

MARTA (põe um disco. . . uma melodia popular e lenta de jazz)
Então, coiso, vamos! *(Agarra Nick)*

NICK
Oi!

MARTA
Oi! *(Dançam, agarradinhos, lentamente.)*

BENZINHO (espichando-se)
Nós ficamos sentados, observando.

GEORGE
Exatamente!

MARTA (para Nick)
Hum, você é um bocado forte!

NICK
Ahn, ahn!

MARTA
Assim é que é bom.

NICK
Ahn, anh!

BENZINHO
Até parece que eles já dançaram juntos antes.

GEORGE
É uma dança familiar. . . ambos a conhecem bem. . .

MARTA
Não se acanhe.

NICK
Eu não. . . sou. . .

GEORGE *(para Benzinho)*
E um ritual muito antigo, bolinar. . . antiquíssimo.

BENZINHO
Não estou entendendo. . . o que você quer dizer.

(Nick e Marta se separam e se colocam, cada um de um lado, de onde George e Benzinho estão sentados. Ficam olhando um para o outro e enquanto movem apenas os pés, com o corpo fazem movimentos ondulantes e harmônicos, como se estivessesm colados um ao outro)

MARTA
Você mexe bem.

NICK
Você mexe também.

GEORGE *(para Benzinho)*
Eles acham que mexem bem.

BENZINHO (um pouco ausente)
É bonito.

MARTA (para Nick)
Estou estranhando que George não lhe tenha contado as coisas ao modo dele.

GEORGE *(para Benzinho)*
São uns amores, não é?

NICK
Ele não contou, não.

MARTA
Estou estranhando.

(As palavras de Marta deveriam ser ditas, mais ou menos, no ritmo da música.)

NICK
Está, é?

MARTA
É. . . ele sempre conta. . . quando tem oportunidade.

NICK
Bem, você é que sabe.

MARTA
Na verdade, é uma história muito triste.

GEORGE
Você tem qualidades horríveis, Marta.

NICK
É mesmo?

MARTA
Que fariam você chorar.

GEORGE
Dons monstruosos.

NICK
Tanto assim?

GEORGE
É melhor não provocá-la.

MARTA
Provoque-me, vá!

NICK
Continue

(Aproximam-se, ondulando os corpos e depois voltam ao lugar de antes.)

GEORGE
Estou lhe avisando. . . não a provoque.

MARTA
Ele está avisando. . . não me provoque.

NICK
Já ouvi. . . conte mais.

MARTA (propositalmente fala rimando)
Bem, o Georginho era um bocado ambicioso. . .
Apesar de umas coisas estranhas do passado. . .

GEORGE *(avisando com calma)*
Marta. . .

MARTA
Que o Georginho aqui transformou numa novela,
Primeiro esforço dele, logo fracassado. . .
Oba! Consegui rimar! Consegui!

GEORGE
Estou lhe prevenindo, Marta.

NICK
É. . . conseguiu. Que mais, que mais?

MARTA
Porém, papai passou os olhos pela novela de George. . .

GEORGE
Está querendo levar um soco na cara. . . Você sabe disso, Marta.

MARTA
Não diga!. . . e ficou chocado com o que leu.

NICK
Foi?

MARTA
Foi sim. . . A novela era toda a respeito de um garoto perverso. . .

GEORGE *(levantando-se)*
Isso eu não tolero!

NICK
Ora, cale a boca!

MARTA
Há, há, há. . . garoto perverso que assassinou a mãe e matou o pai.

GEORGE
Pare com isso, Marta!

MARTA
E papai disse. . .fique sabendo que não vou deixar você publicar tal coisa. . .

GEORGE *(corre para a vitrola, arranca o disco)*
Pronto, acabou o baile! Acabou. E agora, continue!

NICK
Você pensa que pode fazer o que quer, é?

BENZINHO
Violcência! Violência!

MARTA (alto, num pronunciamento)
E papai disse. . . olha aqui, rapaz,. não se iluda porque não o deixarei publicar

essa crapulice, ouviu? Enquanto você estiver lecionando aqui, filhinho. . . não pense nisso. Se publicar essa porcaria de livro vai para a rua. . . com um pontapé no rabo!

GEORGE
Não insista! Não insista!

MARTA
Há, há, há!

NICK *(rindo)*
Nao insis. . .ta!

BENZINHO
Violência!. . . Violência!

MARTA
Imagine que idéia! Um professor de uma instituição respeitável e conservadora como essa, numa cidade como Nova Catargo, publicar um livro semelhante! Se você preza sua posição aqui, jovem senhor ilustre desconhecido. . . Rasgue esse manuscrito.

GEORGE
Não permito que zombem de mim!

NICK
Vejam só, ele nao permite que zombem dele! *(Ri.)*

(Benzinho ri com ele, sem saber muito bem por quê.)

GEORGE
E não permito mesmo! *(Os três lhe riem na cara. Enfurecido)* Acabou a brincadeira!

MARTA (insistindo)
Você já pensou numa coisa dessas? Um livro sobre rapaz que assassina a mãe e o pai, como se fosse um simples acidente?

BENZINHO (fora de si, contentemente)
Simples acidente!

NICK *(lembrando-se de algo relacionado com o fato)*
Ué!. . . um momento. . .

MARTA (falando, agora, em tom natural)
E vocês querem saber da melhor? Aquilo que o valentão do George respondeu a papai?

GEORGE
Não! Não! Não! Não!

NICK
Espere aí. . .

MARTA
George respondeu. . . mas papai. . . isto é. . . há, há, há. . . mas senhor isso não é, absolutamente, uma novela. . .*(Com outro tom de voz)* Não é uma novela? *(Imitando a voz de George)* Não senhor. . . não é, absolutamente, uma novela. . .

GEORGE *(avançando para Marta)*
Não se atreva a dizer isso!

NICK *(pressentindo o perigo)*
Olha!

MARTA
Digo se quiser. E não chegue perto de mim, seu degenerado *(Recua* um *pouco. . . faz a voz de George, outra vez.)* Não senhor, não é, absolutamente, uma novela é a verdade. . . tudo isso aconteceu mesmo. . . Comigo!

GEORGE
Eu mato você! *(Agarra-a pela garganta. Os dois lutam.)*

NICK
Ei! *(Acode para separá-los.)*

BENZINHO (ferozmente)
Violência! Violência!

(George, Marta e Nick lutam entre si. . . gritos, etc.)

MARTA
Aconteceu mesmo. . . comigo! Comigo!

GEORGE
Sua puta diabólica!

NICK
Parem com isso! Parem!

BENZINHO
Violência! Violência!

(Os outros três lutam ainda. George segura, com ambas as mãos, a a garganta de Marta. Nick agarra e puxa-o para separá-lo de Marta. Atira-o ao chão. George caído no chão e Nick em cima dele; Marta dos lados, com as mãos na garganta.)

NICK
Agora chega!

BENZINHO (com voz de desapontamento)
Oh!. . . oh!. . . oh!

(George se arrasta até uma cadeira; está ferido, mas é mais uma humilhação do que um ferimento físico.)

GEORGE *(os outros observam. . . Pausa)*
Muito bem. . . muito bem. . . agora muita calma. . . Vamos todos. . . ficar calmos.

MARTA (baixinho, abanando, um pouco, a cabeça)
Assassino! A-ssa-ssi-no!

NICK *(baixo, para Marta)*
Bem, agora. . . chega!

(Um breve silêncio. Todos se movem um pouco em cena, constrangidos como lutadores que flexionam o corpo depois de uma derrota.)

GEORGE *(aparentemente recobrando a compostura; perdura, no entanto, um acentuado nervosismo)*
Bem, essa foi uma das brincadeiras. E agora, o que é que vamos fazer, hum? *(Marta e Nick riem, nervosamente.)* Vamos . . . vamos pensar numa outra coisa qualquer. Acabamos com o jogo de "estragar festa". . . fizemos tudo até o fim. . . e agora?

NICK
Olhe aqui. . .

GEORGE
Olhe aqui! *(Falando em tom choroso)* Oooolhe. . . aaquiiii! *(atento)* Ora vamos!

Será que catedráticos como nós não conhecem outros jogos?. . . o nosso vocabulário. . . não acaba aí. . . será que acaba?

NICK
Talvez fosse. . .

GEORGE
Vejamos. . . que mais a gente pode fazer? Existem outros jogos. Que tal. . . que tal o de. . . Trepar com a Dona da Casa! *(para Nick)* Então, você topa? Brincar de Trepar com a Dona da Casa? Hum? Hum?

NICK *(um pouco amedrontado)*
Calma, calma. . . *(Marta ri, baixinho.)*

GEORGE
Ou é melhor mais tarde. . . pegá-la como se fosse uma cadela qualquer?

BENZINHO (brindando a todos, rudemente.)
Trepar com a Dona da Casa!

NICK *(para Benzinho, bruscamente)*
Vai calar a boca. . . ou não vai?

(Benzinho se cala. . . fica com o corpo parado no ar.)

GEORGE
Ahn! Então vocês não querem brincar disso agora? Querem deixar para depois? Muito bem, e então do que é que vamos brincar agora? Temos que brincar de alguma coisa.

MARTA (calmamente)
O retrato de um homem que se afoga.

GEORGE
Eu não estou me afogando.

BENZINHO (para Nick chorosa e ofendida)
Você me mandou calar a boca!

NICK (impaciente)
Sinto muito.

BENZINHO (entre dentes)
Sente nada.

NICK *(para Benzinho mais impaciente ainda)*
Desculpe-me.

GEORGE *(bate* as *mãos, uma vez, com força)*
Achei! Já sei do que nós vamos brincar. Acabamos com a brincadeira de "estragar a festa" . . . uma rodada, pelo menos. . . jogamos, e ainda não vamos brincar de Trepar com a Dona da Casa. . . ainda é cedo. . . por isso, já sei o que vai ser! Vamos jogar uma rodada de Pegar as Visitas. Que que acham? Que tal o joguinho de Pegar as Visitas?

MARTA (virando o *rosto, um pouco enojada)*
Oh George!

GEORGE
Linguaruda!

BENZINHO
Nao gosto desse tipo de jogo.

NICK
É. . .acho que chega dc brincar agora. . .

GEORGE
Não, não. . . nada disso! Só jogamos um. . . agora, vamos brincar de outra coisa. Você não vai dar o fora depois de um jogo só.

NICK
Eu acho que talvez. . .

GEORGE
Silêncio! *(É obedecido)* Bem, então como é que vamos brincar de Pegar as Visitas?

MARTA
George, pelo amor de Deus!

GEORGE
Você, quietinha! *(Marta sacode os ombros.)* Vamos. . . vamos. . . *(Como quem deslinda um problema. . . Depois)* Já sei! Bem. . . Marta, indiscreta como é. . . bem, na realidade ela não é indiscreta porque Marta, no fundo, é uma ingênua. . . mas, não importa. . . Marta contou tudo à vocês a respeito do meu primeiro romance. Certo ou falso? Hum? Isto é, certo ou falso que tenha mesmo existido tal coisa? Ah, Marta, porém, falou-lhes do livro. . . meu primeiro romance, minhas. . . memórias , o que, de certa forma, eu teria preferido que ela não tivesse

feito, mas, diabo, são misérias passadas! No entanto, o que ela não fez. . . o que Marta não contou a vocês, não nos contou a todos, foi a respeito do meu segundo romance. *(Marta olha para ele com intrigada curiosidade.)* Você não sabia dessa, não é, Marta? A respeito do meu segundo romance, certo ou falso? Certo ou falso?

MARTA (com sinceridade)
Não sabia.

GEORGE *(começa a falar, suavemente, mas, à medida que prossegue, o tom de voz se torna ríspido e alto)*
Pois é uma alegoria, realmente, provavelmente, mas pode ser tomada como uma prosa simples e fácil e. . . se refere, toda ela, a um belo casal de jovens que vem de Kansas. Trara-se de uma pastoral, como vocês estão vendo. E deste belo par de jovens que vêm do interior, ela é loura e tem uns trinta anos e ele e cientista, professor, cientista. . . cuja cobaia é um negocinho parecido com uma mulher que gargareja com conhaque o tempo todo. . . e. . .

NICK
Um momento. . .

GEORGE
. . .que se conheceram quando tinham, apenas, uns dez aninhos e que costumavam ir para debaixo da penteadeira para se bolinar e. . .

NICK
Um momento, eu disse!

GEORGE
Agora é a minha vez. Vocês tiveram a sua . . . os dois. Agora e a minha!

BENZINHO (sonhadora)
Quero ouvir a história. Adoro historias.

MARTA
George, por favor. . .

GEORGE
Pois bem, o pai da cobaia era um santo homem, perceberam?, que dirigia, em nome de Deus, uma singular espelunca ambulante, com todo aquele habitual mulherio, e ele papando os fiéis. . . isso mesmo . . .simplesmente, papava todos eles. . .

BENZINHO (intrigada)
Isto me é familiar. . .

NICK *(com a voz um pouco trémula)*
Chega de brincadeiras!

GEORGE
. . .e finalmente, o papaizinho da cobaia morreu e abriram-lhe a barriga e então toda a espécie de dinheiro saltou para fora. . . dinheiro de Jesus. . . dinheiro de Maria. . . uma verdadeira pilhagem!

BENZINHO (sonhadora, intrigada)
Já ouvi contar essa historia.

NICK *(com calma, mas forte. . . para despertá-la)*
Benzinho. . .

GEORGE
Tudo isso acontece no prólogo, na parte inicial do livro. Então o Lourão e a sua *fraulein* chegaram da planície. *(Ri, entre dentes.)*

MARTA
Gosadíssimo, George. . .

GEORGE
. . . Muito obrigado . . .e foram morar numa cidade parecida com a nossa Nouvelle Carthage. . .

NICK *(ameaçando)*
Eu acho que é melhor não prosseguir, senhor. . .

GEORGE
Acha, é?

NICK *(menos seguro)*
É. . . eu. . . eu achava melhor.

BENZINHO
Adoro histórias conhecidas. . .são as melhores.

GEORGE
Tem toda a razão. Mas o Lourão, na realidade, chegou disfarçado, metido na pele de um professor, porque no talão da bagagem dele estavam impressas, em letras

grandes. . . I. H. IH! Imprescindibilidade Histórica.

NICK
Acho que não há necessidade do senhor ir além. . .

BENZINHO
Deixe ele continuar.

GEORGE.
Continuaremos. Então ele carregava uma bagagem e parte dessa bagagem tinha a forma de sua cobaia. . .

NICK
Não estamos dispostos a escutar tais coisas!

GEORGE
Sua mulher é que está com a razão. E o que ninguém podia entender em relação ao Lourão era essa bagagem. . . essa cobaia, isto é, um campeão de natação de todo o Kansas, ou coisa do gênero, com uma cobaia para quem demonstrava uma solicitude que ia além dos limites da traquéia humana . . . considerando que, enfim de contas, ela nao passava de uma simplória.

NICK
Não é amável de sua parte.

GEORGE
Talvez não seja. Mas como eu estava dizendo, a cobaia dele mamava conhaque descaradamente e passava a metade da vida segurando vômito.

BENZINHO (tornando a coisa evidente)
Eu conheço essa gente. . .

GEORGE
Não diga! Mas, entre outras coisas, ela era uma mala de dinheiro. . . Dinheiro santamente arrancado dos dentes de ouro dos infiéis, uma continuação pragmática do grande sonho. . . e ela veio junto com o resto. . .

BENZINHO (um pouco assustada)
Não estou gostando dessa história. . .

NICK *(inesperadamente em tom suplicante)*
Por favor. . . por favor, não. . .

MARTA
Acho melhor parar, George. . .

GEORGE
. . . e ela veio junto com o resto. . . Parar? Há-há!

NICK
Por favor. . . por favor, não. . .

GEORGE
Implora, velhinho.

MARTA
George. . .

GEORGE
. . . e. . . ah! e aqui voltamos para trás para contar Como Eles se Casaram.

NICK
Não!

GEORGE *(triunfante)*
Sim!

NICK *(quase soluçando)*
Mas para quê?

GEORGE
Como Eles se Casaram. E eles se casaram da seguinte maneira. . . A cobaia, um dia, amanheceu toda inchada e, então, foi a casa do Lourão e exibiu a protuberância e disse: olha só como eu estou ! .

BENZINHO (empalidecendo. . . agora, de pé)
Não . . estou . . . gostando disso.

NICK *(para George)*
Chega!

GEORGE
Olha só como eu estou . . . Toda inchada. Ai, meu Deus!. . . disse o Lourão . . .

BENZINHO (como se estivesse ausente)
. . . e, então, eles se casaram. . .

GEORGE
. . . e, então, eles se casaram. . .

BENZINHO
. . .e depois. . .

GEORGE
. . . e depois. . .

BENZINHO
O quê?. . . e depois, o que?

NICK
Não! Nao!

GEORGE *(como se falasse a uma criança)*
. . .e depois, a inchação sumiu. . .por encanto. . . Pffu!

NICK *(enojado)*
Meu Deus.. . .

BENZINHO
. . . a inchação sumiu. . .

GEORGE *(baixinho)*
. . .Pffu!

NICK
Benzinho. . . minha intenção não foi,. . . sinceramente, não foi de. . .

BENZINHO
Você . . . contou a eles. . .

NICK
Benzinho. . . não tive a intenção de. . .

BENZINHO (com horror grotesco)
Você . . .você contou tudo! Contou a eles! Ooooooh! Oh, não, não, não, não! Você não devia ter contado. . . oh! nã. . . o!

NICK
Benzinho. . . eu não quis. . .

BENZINHO (segurando o ventre)
0ooooooooh!. . . nã. . .o!

NICK
Benzinho. . . meu bem. . . perdoe-me. . . eu não quis. . .

GEORGE *(abruptamente e com certa repugnância)*
E assim é que se brinca de Pegar as Visitas!

BENZINHO
Eu vou. . . eu vou. . . vomitar. ..

GEORGE
Naturalmente!. . .

NICK
Benzinho. . .

BENZINHO (histérica)
Não me amole. . . eu vou. . . vo. . .mi. . .tar *(Sai correndo da sala.)*

MARTA (sacudindo a cabeça enquanto observa o vulto de Benzinho que se retira)
Santo Deus!

GEORGE *(sacudindo os ombros)*
Os padrões da história.

NICK *(ligeiramente agitado)*
Você não devia ter feito isso. . . de maneira nenhuma deveria ter feito isso.

GEORGE *(com calma)*
Odeio a hipocrisia.

NICK
Foi cruel. . .e vicioso. . .

GEORGE
. . . ela vai se esquecer logo. . .

NICK
. . . e prejudicial. . .

GEORGE
. . . ela vai se recuperar. . .

NICK
Prejudicial! Para mim!

GEORGE *(com surpresa)*
Para você!

NICK
Para mim!

GEORGE
Para você!

NICK
E!

GEORGE
Ah, bonito!. . . muito bonito ! Puxa vida! É preciso que um porco descubra as trufas para você. *(Com muita calma)* Olhe rapaz, basta reorganizar seus planos. Recolha os cacos que sobraram. . .olhe em volta de você e aceite as coisas como elas são. . . conseguirá se pôr de pé outra vez.

MARTA (baixo para Nick)
Vá cuidar da sua mulher.

GEORGE
Isso mesmo. . . Vá catar os cacos que sobraram e planejar uma nova estratégia.

NICK *(para (George enquanto* se *encaminha para o corredor)*
Você se arrependerá disso.

GEORGE
Provavelmente, eu me arrependo de tudo o que faço.

NICK
Não, sou eu que vou fazer você se arrepender.

GEORGE *(baixinho)*
Sem dúvida. Terrivelmente perturbado, hein?

NICK
Vou decifrar suas charadas nos termos em que você as apresentou. . . Vou jogar com a sua linguagem. . . Vou ser aquilo que você diz que eu sou.

GEORGE
Você já é . . . apenas nao sabe disso.

NICK *(agitadíssimo inferiormente)*
Não. . . não. Não é verdade. Mas vou ser, meu caro senhor. Vou ser exatamente aquilo que voce desejaria nunca ter imaginado!

GEORGE
Vá consertar essa embrulhada.

NICK *(baixo, com intensidade)*
O senhor não perde por esperar. *(Nick sai. Pausa. George ri para Marta.)*

MARTA
Muito bom. George.

GEORGE
Obrigado, Marta.

MARTA
Muito bom, mesmo.

GEORGE
Estou satisfeito que você tenha gostado.

MARTA
É. . .trabalhou bem. . . Cem por cento!

GEORGE
Unh! Unh!

MARTA
Há muito tempo que você não demonstrava tanta. . .vitalidade.

GEORGE
Você consegue tirar de mim o que eu tenho de melhor, benzinho.

MARTA
É. . . caçando pigmeus!

GEORGE
Pigmeu!

MARTA
Você é mesmo um degenerado.

GEORGE
Eu? Eu?

MARTA
Éééé. . . você.

GEORGE
Olha, meu anjo, se esse centro médio aí é pigmeu, você deve ter mudado de gosto. Atrás de quem voce anda, agora. . . de gigantes?

MARTA
Você me dá nojo.

GEORGE
Essa e boa, você pode ditar suas próprias regras. . . você pode andar por aí saltitando como um hárabe, golpeando tudo o que existe na sua frente e ferindo a metade da humanidade quando quer, mas se alguém tenta fazer o mesmo. . . ah! Isso não!

MARTA
Seu miserável. . .

GEORGE *(combatido)*
Como, querida, fiz tudo para você! Pensei que lhe agradasse, benzinho. . . Condiz com a sua sede de sangue, carne e tudo o mais. Pensei que você fosse ficar toda excitada. . . assim, com a respiração fogosa e arquejante e viesse correndo para os meus braços sacudindo seus melões.

MARTA
Você está mesmo fodido, George.

GEORGE
Pelo arnor de Deus, Marta!

MARTA
Está . . .está mesmo.

GEORGE *(contendo, com esforço, a raiva)*
Você pode ficar sentada aí nesta sua cadeira, você pode ficar sentada babando gim, pode me humilhar, me reduzir a frangalhos. . .A noite inteira. . .e isso é perfeitamente natural. . . está muito certo. . .

MARTA
Você gosta disso.

GEORGE
Eu não gosto nada!

MARTA
Gosta sim! Foi por isso que se casou comigo!

(Ficam em silêncio)

GEORGE *(baixo)*
Isso é uma mentira muitíssimo nojenta.

MARTA
Você ainda não se deu conta disso?

GEORGE *(sacudindo a cabeça)*
Oh!. . . Marta!

MARTA
Estou com o braço cansado de açoitá-lo.

GEORGE *(encara-a como se não acreditasse.)*
Você está louca.

MARTA
Há vinte e três anos.

GEORGE
Você se ilude. . . Marta, você se ilude.

MARTA
Não era isso o que eu queria!

GEORGE
Pensei que pelo menos. . .você soubesse onde pisava. Eu não sabia. . . Eu. . .não sabia.

MARTA (enraivecendo-se)
Sei onde piso.

GEORGE *(como se ela fosse um inseto)*
Não . . . não. . . você está . . . doente.

MARTA (levanta-se e grita)
Você vai ver quem está doente!

GEORGE
Está bem, Marta. . . você esáa indo longe demais.

MARTA (grita, de novo)
Você vai ver quem está doente ! Você vai ver.

GEORGE *(sacudindo-a)*
Pare com isso *! (Empurra-a para a cadeira.)* Agora basta!

MARTA (mais calma)
Você vai ser quem está doente *! (Mais calma)* Olha, rapaz, você está tendo um dia muito divertido hoje, não é? Pois bem, eu vou liquidar com você e antes de eu acabar com você. . .

GEORGE
. . . você e o seu centro médio. . .vão me liquidar, é?

MARTA
. . . antes de eu acabar com você, você vai maldizer o dia em que saiu com vida daquele automóvel, seu crápula.

GEORGE *(reforçando as palavras com o movimento do dedo indicador)*
Ah! Você se maldirá por ter falado no nosso filho!

MARTA (com ar de desprezo)
Seu. . .

GEORGE
Bem, estou lhe avisando. . .

MARTA
Estou comovida.

GEORGE
. . . para você não avançar demais.

MARTA
Esto apenas começando.

GEORGE *(calmo, prosaicamente)*
Estou bastante entorpecido. . . e não é a bebida, embora ela possa fazer parte do

processo – um gradual adormecimento das células cerebrais, à medida que passam os anos estou bastante entorpecido, agora, para suportar você quando estamos sozinhos. Não consigo mais ouvir o que você diz. . . quando a ouço, peneiro tudo, transformo tudo em respostas automáticas, portanto, não a ouço. . . É a única maneira de levar as coisas. Mas você adotou uma nova conduta, Marta, nesses últimos dois séculos – nem me lembro mais quanto tempo estou vivendo nessa casa com você – conduta que vai além dos limites. . . muito além. Não me incomodo mais com as sujeiras que você faz em público. . . me incomodo sim, mas me acostumei a elas. . . mas voc6e, agora, passou, com armas e bagagens, para um mundo de fantasias inteiramente seu e anda fazendo variações sobre suas próprias perversões e, como resultado. . .

MARTA
Merda!

GEORGE
Anda. . .sim.

GEORGE.
Bem, você pode continuar nessa trilha quanto tempo quiser. E quando estiver cansada. . .

MARTA
Você, alguma vez já prestou atenção àquilo que diz, George? Já procurou ouvir como você fala? Você é tão enfadonho . . .tão enrolado. . . É sim. Você fala como se estivesse escrevendo um daqueles seus estúpidos artigos.

GEORGE
De fato, estou muito preocupado com você. Com o seu estado mental.

MARTA
Não é preciso se preocupar, querido, deixe por minha conta.

GEORGE
Acho que vou interná-la.

MARTA
Vai o quê?

GEORGE *(calma e distintamente)*
Acho que vou interná-la.

MARTA (irrompe numa gargalhada)
Ah, meu bem! Você é o maior!

GEORGE
Tenho que encontrar uma maneira de pegá-la de jeito.

MARTA
Já conseguiu, George, não precisa fazer mais nada. Vinte e três anos com você já é mais do que suficiente.

GEORGE
Então você vai se acalmar?

MARTA
Você sabe o que aconteceu. George? Você quer *mesmo saber o que aconteceu? (Estala os dedos.)* Estalou finalmente. Não eu. . . *esse negócio.* Todo o nosso acordo. A gente vai tocando para a frente. . . sempre, e tudo se arranja. Vai dando toda espécie de desculpas. . . você sabe, a vida é assim mesmo. . . diabo, amanhã a gente pode morrer talvez amanhã *você* esteja morto. . . toda espécie de desculpas. Mas, um dia, uma noite, acontece alguma coisa e, então. . . Estala! Tudo despenca. E a gente não se importa mais com coisa alguma. Eu me esforcei com você, meu bem. . . me esforcei de verdade.

GEORGE
Deixe disso, Marta.

MARTA
Me esforcei. . . me esforcei, de fato.

GEORGE *(com certo respeito)*
Você é mesmo um. . .monstro.

MARTA
Sou espalhafatosa e sou vulgar e uso calças dentro dessa casa porque alguém tem de usá-las, mas não sou monstro. Não sou não.

GEORGE
Você é uma mal-educada, comodista, voluntariosa, boca suja e beberrona. . .

MARTA
Pum! Estalou! Olhe, nunca mais procurarei me entender com você. . .nunca mais. Há pouco, houve talvez um segundo, um segundo, foi um segundo apenas, em que eu teria podido me entender com você, em que talvea pudéssemos ter acabado Com toda essa merda. Mas passou e agora não tentarei mais.

GEORGE
Uma vei por mês, Marta! Já me acostumei a isso. . . uma vez por mês e

necessário que a incompreendida Marta, a pequena de bom coração, aquela mocinha que um gesto de bondade faz enrubescer, vá para a Berlinda. Acreditei demais nisso, tantas vezes que nem quero me lembrar para não acabar me achando um perfeito imbecil. Não acredito em você. . .simplesmente, não acredito mesmo. Não há mais momentos, nenhum momento em que ainda possamos nos... entender.

MARTA (atacando de novo)
É, talvez você tenha razão, meu bem. É impossível entender se com quem não existe e você não existe! Pum! Estalou hoje, a noite. na festa do papai. *(Demonstrando desdém sem poder disfarçar a fúria* e a *fraqueza que há por debaixo)* Durante a festa fiquei sentada observando você. . . observando você ali, sentado e observando os outros jovens que estavam em volta de você, homens que têm um objetivo na vida. E eu, dali, sentada, observava você e *você* não estava *ali!* E, então estalou! Finalmente veio o estalo! E eu vou gritar aos quatro ventos, sem me incomodar nem um pouco com o que acontecer e vou provocar um escândalo como você nunca imaginou.

GEORGE (muito *alusivo)*
Tente fazer e eu a derrotarei com suas próprias armas.

MARTA (esperançosa)
É uma ameaça hein, George?

GEORGE
É uma ameaça, Marta.

MARTA (fingindo que cospe em George)
Que você vai ter que engolir, menino!

GEORGE
Tome cuidado, Marta. . .eu a farei em pedaços.

MARTA
Você lá é homem para isso!. . . não tem peito para tanto.

GEORGE
Guerra total?

MARTA
Total.

(Silêncio. Ambos parecem aliviados, alegres. Nick volta à cena.)

NICK *(esfregando as mãos)*
Bem, ela. . . está. . . descansando.

GEORGE *(discretamente impressionado com a calma de Nick. Fala naturalmente)*
Ah!

MARTA
Ah, é? Ela está bem?

NICK
Acho que agora está. . . Sinto muitíssimo. . .

MARTA
Esqueça.

GEORGE
Aqui em casa isso acontece sempre.

NICK
Daqui a pouco, ela estará melhor.

MARTA
Está deitada? Você pôs ela numa cama lá em cima?

NICK *(preparando um drinque para si mesmo)*
Não, não. . . posso! ela está no banheiro . . deitada lá. . . no chão!

GEORGE *(considerando a situação)*
Ora. . .não é lá muito confortável!

NICK
Mas ela gosta. Diz sempre que é. . . fresco.

GEORGE
Mesmo assim, eu acho que. . .

MARTA (dominando)
Se ela quer ficar deitada no chão do banheiro, que fique. *(Para Nick, seriamente)*
Talvez fosse mais confortável dentro da banheira.

NICK
Não, ela preferiu ficar no chão. . .tirou o tapete e deitou-se em cima dos ladrilhos. Ela se deita, freqüentemente, no chão. . .é verdade

MARTA (pausa)
Anh!

NICK
Ela. . . ela tem muita dor de cabeça e outras coisas e sempre se deita no chão. *(Para George)* Ainda. . . tem gelo?

GEORGE
O quê?

GEORGE *(como se a palavra lhe fosse estranha)*
Gelo?

NICK
É. Gelo.

MARTA
Gelo.

GEORGE *(como se, de repente, tivesse compreendido)*
Gelo!

MARTA
Acertou!

GEORGE *(sem se mover)*
Claro!. . . vou buscar.

MARTA
Então vá. *(Fazendo uma careta para Nick)* Além do mais, queremos ficar a sós.

GEORGE *(vai apanhar o balde de gelo)*
Isso não me surpreende, Marta. . . não me surpreende.

MARTA (como se tivesse sido insultada)
Ah, não! Não é?

GEORGE
Nem um pouco, Marta..

MARTA (violenta)
Não?

GEORGE *(também)*
Não! *(Novamente calmo)* Você tentará tudo, Marta. *(Apanha o balde de gelo*.)

NICK *(disfarçando)*
Na verdade. . . ela é. . .muito frágil, e. . .

GEORGE
. . . esbelta de quadris.

NICK *(lembrando-se)*
É. . . exatamente.

GEORGE *(no corredor, com maldade)*
E por isso que vocês não têm filhos? *(Sai.)*

NICK *(para* George *que saiu)*
Bem, eu nao sei se isso é. . . *(Arrasta a voz.)* Se isso tem alguma coisa a ver com... o caso.

MARTA
Bem, e se tiver, pouco importa, não é?

NICK
Como? *(Marta lhe atira um beijo.)*

NICK *(ainda preocupado com a observação de George)* Eu. . . o quê?. . desculpe-me.

MARTA
Eu disse. *(Atira-lhe outro beijo.)*

NICK *(embaraçado)*
Ah. . .!

MARTA
Ei, bem!. . .me passa um cigarro. . . *(Nick procura no bolso do paletó.)* Que menino bonzinho *(Ele lhe oferece uml.)* Não. obrigada. *(Ele acende o cigarro para ela. Enquanto isso, ela enfia uma das mãos entre as pernas dele, na parte alta da coxa, passando-a para a parte traseira da perna.)* Huuuuuuuuuuuuuummmmmmmmm! *(Ele parece indeciso, mas não se move. Ela sorri, mexe um pouco a mão.)* E agora, que você se comportou como um bom menino, tem direito a me dar um beijo. Vem cá.

NICK *(nervoso)*
Olhe . . .acho melhor a . . .

MARTA
Vamos menino um beijo de camaradagem.

NICK *(ainda indeciso)*
Bem. . .

MARTA
. . . não vou machucar você, menininho.

NICK
. . . não tão "inho" assim. . .

MARTA
Aposto que não. Vem.

NICK *(cedendo)*
Mas se ele voltar e . . .ou. . .?

MARTA (durante todo esse tempo ela mexe com o mão, para baixo e para cima na perna dele)
George? Não se preocupe com ele. Além disso, quem pode condenar um beijinho amigável? Somos todos de casa. *(Ambos riem, baixinho . . . Nick, umi pouco nervosamente.)* Aqui na universidade, somos uma família muito unida. . . Papai diz sempre isso. . . Papai quer que as pessoas se conheçam bem entre si. . . foi, por isso, que ele deu festa, hoje à noite. Anda, vem. . . vamos nos conhecer um pouquinho. . .

NICK
Não é que eu não queira. . . pode crer

MARTA
Você é cientista, não é verdade? Então. . . faça uma experiência. . . faça uma pequena experiência. Experimente a velha Marta.

NICK *(entregando-se)*
Não tão velha assim. . .

MARTA
É mesmo, não tão velha assim, mas com um bocado de boas experiências. . .um bocado.

NICK
Não. . . duvido!

MARTA (enquanto se aproximam um do outro
Para você também, é bom variar um pouco.

NICK
Se é!

MARTA
E poderá voltar para a sua mulherzinha bem reanimado.

NICK *(mais junto dela, quase sussurrando)*
Ela nem notaria a diferença

MARTA
Ninguém mais vai notar, também.

(Chegam junto um do outro. Aquilo que poderia ter sido uma simples brincadeira, rapidamente, se transforma em coisa séria, por iniciativa, sobretudo, de Marta. Não há atitudes frenéticas mas um vagaroso entrelaçamento, envolvendo-os, progressivamente. Marta deve estar, mais ou menos, na cadeira dela e Nick, um pouco de lado, e sobre a cadeira.

George entra. . . pára. . . observa-os por um momento. . . sorri, ri silenciosamente, faz um movimento afirmativo com a cabeça, volta-se, sai sem ser notado.

Nick, que já estava com a mão em cima do seio de Marta, enfia-a, agora, por dentro do vestido.)

MARTA (controlando)
Ei, ei!. . . calma, rapaz. Devagar, menino. Nada de avanços, ouviu?

NICK *(ainda com os olhos fechados)*
Ora, vamos, deixe de coisas. . .

MARTA (afastando-o)
Huh! Huh! Mais tarde, menino. . . mais tarde.

NICK
Já lhe disse que sou. . . biologista.

MARTA (acalmando-o)
É eu que o diga. Mais tarde, tá?

(Fora de cena ouve-se a voz de George cantando:

Quem tem medo de Virginia Woolf?

Marta e Nick se separam. Nick esfregando os lábios, Marta examina o vestido. Depois de dar tempo, George volta com o balde de gelo.)

GEORGE
. . . de Virginia Woolf,
Virginia Woolf,.
Virginia Woolf. . .

Ah!. . . aqui está. . .gelo para despejar nos lampiões chineses e da Mandchúria. *(Para Nick)* Acho bom você ficar de olho nesses malditos amarelos, meu querido . . . eles não são nada engraçados. Por que você não passa para o nosso lado e a gente manda eles todos parar no inferno. Depois, dividimos o dinheiro e vamos morar na Rua da Facilidade. Que tal?

NICK *(sem compreender muito bem o que acaba de ser dito)*
É. . . pode ser. Ei! Gelo!

GEORGE *(com entusiasmo falso e desagradável)*
Gelo mesmo. *(A gora, para Marta, ronronando)* Alô, Marta. . . minha pombinha . você parece radiante!

MARTA (descortês)
Obrigada.

GEORGE *(muito alegre)*
Bem, aí esta o gelo que eu busquei. . .

MARTA
. . .trouxe.

GEORGE
Busquei, Marta. Busquei é perfeitamente correto. . .talvez um pouco arcaico. . . como você.

MARTA (desconfiada)
E por que você está tão alegre?

GEORGE *(ignorando a observação)*
Bem, então, agora. . . eu busquei o gelo e posso oferecer-lhes um drinque. Marta, você quer um?

MARTA (arrogante)
Por que não?

GEORGE *(apanha o copo dela)*
É verdade . . . por que não? *(Examina* copo *dela)* Marta! Você andou roendo o copo.

MARTA
Eu, não!

GEORGE *(para Nick que está perto do bar)*
Você está preparando o seu? . . . muito bem . . .faz bem. . . faz bem. Vou, apenas, paparicar um pouco aqui a Marta e depois estaremos todos prontos.

MARTA (desconfiada)
Prontos para que?

GEORGE *(pausa. . .considera)*
Bem, não sei. Estamos dando uma festinha, não é? *(Para Nick que se afastou do bar)* Passei pela sua mulher, no corredor, isto é, passei pelo banheiro e dei uma espiada nela. Calma. . . tão calma. Dorme, profundamente . . . e, aliás, chupando o dedo.

MARTA
Oooooh!

GEORGE
Enrolada como um feto, chupando dedo sem parar.

NICK *(um pouco constrangido)*
Espero que ela esteja passando bem.

GEORGE *(expansivamente)*
Claro que está! *(Passa o copo de Marta.)* Pronto.

MARTA (em guarda, sempre)
Obrigada.

GEORGE.
E, agora, um para mim. Chegou a minha vez.

MARTA
Que nada, benzinho . . .você nunca teve vez.

GEORGE *(demasiadamente alegre)*
Olhe, não diga isso, Marta!

MARTA
Você está querendo ser sinuoso como um verme? Bem, quanto ao verme não há dúvida. . . se adapta perfeitamente a você, mas o sinuoso. . . unh! Unh! Você está numa linha reta, caro rapaz, e ela não leva a lugar algum. . . *(ocorre-lhe um vago pensamento)*. . . a não ser ao cemitério, talvez.

GEORGE *(ri, disfarçadamente e pega um drinque)*
Está bem, Marta, agarre-se a esse. . . pensamento, aperte-o contra o peito. . .acaricie-o . E eu. . . vou é me sentar, se vocês me dão licença. . . Vou me sentar ali e ler um pouco. *(Dirige-se a uma cadeira que não está voltada para o centro da sala, mas, também, não muito longe da porta da frente.)*

MARTA
Vai o quê?

GEORGE *(baixo e distintamente)*
Vou ler um pouco. Ler. Ler. Você não sabe *o* que é ler *(Apanha um livro.)*

MARTA (levantando-se)
E por que é que você vai ler? Que que há com você?

GEORGE *(com demasiada calma)*
Não há nada comigo Marta,. . . vou, simplesmente, ler um pouco.

MARTA (inexplicavelmente furiosa)
Mas nós temos visitas!

GEORGE *(com exagerada paciência)*
Eu sei, querida . . . *(olha o relógio)* mas. . . são mais de quatro horas da manhã e eu costumo ler a essa hora. Olhe, você. . . *(Pede para que ela se afaste com um gesto.) Não* se preocupe comigo . . . eu vou ficar por aqui quietinho.

MARTA
Você costuma ler de tarde. Às quatro da tarde. Você nunca lê às quatro horas da manhã! Ninguém lê às quatro horas da manhã!

GEORGE *(absorvendo-se na leitura)*
Está bem, está bem. . .

MARTA (incrédula, para Nick)
Ele vai ler. Esse filho da mãe vai ler.

NICK *(sorrindo ligeiramente)*
Parece.. . .

(Vai até Marta e passa o braço em volta da cintura dela. George, é evidente, não pode ver tal coisa.)

MARTA (tendo urna idéia)
Bem, vamos nos divertir um pouco, hum?

NICK
Vamos.

MARTA
Nós vamos nos divertir um pouco, George.

GEORGE *(sem levantar os olhos)*
Hum. . . hum. Ótimo!

MARTA
Talvez você não goste muito.

GEORGE *(nunca levanta os olhos)*
Que o quê . . . vá em frente. . . entretenha suas visitas.

MARTA
Vou me entreter também.

GEORGE
Ótimo. . . ótimo.

MARTA
Há, há. . . você é um devasso, George.

GEORGE
Uhm! Uhm!

MARTA
Eu também sou uma devassa, George.

GEORGE
É mesmo, Marta.

(Nick pega a mão de Marta e puxa-a para si. Ficam parados por um momento, depois se beijam, demoradamente.)

MARTA (depois do beijo)
George, você sabe o que é que eu estou fazendo?

GEORGE
Não Marta. . . o que é?

MARTA
Estou me entretendo. . . e entretendo também uma das visitas. Estou sendo beijada e apalpada por uma das visitas.

GEORGE *(sem nunca tirar os olhos do livro, parece à vontade e interessado na leitura)*
Ah! Muito bem. Qual delas?

MARTA
Ah! Você é muito gozado!

(Afasta-se de Nick. . . caminha só pelo campo de visão lateral de George. Como não tem equilíbrio nenhum ao caminhar, vai de encontro ou roça nas sinetas da porta. Estas soam.)

GEORGE
Estão tocando, Marta.

MARTA
Não faz mal. Eu lhe disse que uma das visitas estava me apalpando.

GEORGE
Bem. . . bem. Continue.

MARTA (pára sem saber muito bem o que vai fazer)
Como, bem?

GEORGE
É, bem. . . melhor para você.

MARTA (estreitando os olhos e falando com aspereza)
Ah! já sei o que você está querendo, seu porco. . .

GEORGE
Chegar na página cento e um e. . .

MARTA
Pare com isso, ouviu? Pare, logo, com isso! *(esbarra outra vez nas sinetas da*

porta) Diabo de sinetas!

GEORGE
São sinos, Marta. Por que é que você não volta para a sua agarração e me deixa em paz? Quero ler.

MARTA
Seu miserável! Você vai ver!

GEORGE *(virando-se para encará-la. . . diz com repugnância)*
Então. . . mostre-o a ele, Marta. . . ele ainda não viu. *Talvez* ele ainda não tenha visto. *(Volta-se para Nick)* Não é verdade que você ainda não viu?

NICK *(dá-lhe as costas com ar de desagrado)*
Eu. . . não lhe tenho o menor respeito.

GEORGE
Nem a você tampouco. . . *(Indicando Marta) Não sei o que há com essa geração de agora.*

NICK
Não sabe e. . . nem se. . .

GEORGE
Incomoda? Você tem toda a razão. . . Não ligo a mínima. Por conseguinte, é só pegar nessa trouxa de roupa, aí, jogá-la em cima dos ombros e. . .

NICK
Como você é sórdido!

GEORGE
Você vai trepar com a Marta e eu é que sou o sórdido! *(Com uma gargalhada de mofa)*

MARTA (para George)
Seu frouxo! *(Para Nick)* Vai esperar por mim lá dentro, tá? Vá para a cozinha e me espere. *(Mas Nick não se move. Marta se aproxima dele e lhe passa os braços em volta do pescoço.)* Vá queridinho. . . por favor. Me espera. . . lá na cozinha. . . seja bonzinho.

(Nick aceita o beijo que ela lhe dá, olha fixo para George que se tinha virado de costas, outra vez, e. . . sai)

MARTA (voltando-se para George)
Escute aqui. . .

GEORGE
Prefiro ler, Marta, se você não se incomoda. . .

MARTA (está com tanta raiva que quase chora e sua frustração se transforma em fúria)
Pois me incomodo sim! E preste atenção ao que vou lhe dizer! Ou você sai desse seu transe ou eu juro que vou lá. Juro por Deus que vou buscar esse gajo na cozinha, levo ele para cima e. . .

GEORGE *(voltando-se para Marta outra vez. . . com nojo)*
E o quê, Marta?

MARTA (olha para ele durante um minuto, depois sacode a cabeça e recua lentamente)
Está bem. . . está bem. . .você é quem quis. . .depois nao se queixe. . .

GEORGE *(desalentado)*
Meu Deus, Marta! Se você está com tanta vontade de ir com esse camarada. . . vá, mas seja honesta com você mesma, por favor ! Não tapeie a história com toda essa. . . toda essa. . .encenação.

MARTA (desamparada)
Você vai pagar por me ter feito casar com você. *(Do corredor)* Vai se arrepender do dia em que decidiu vir para essa universidade. Vai se arrepender por ter entregado os pontos!

(Silêncio. George fica imóvel olhando fixo para a frente. Procura ouvir algum rumor mas nem um som sequer. Aparentando calma, volta a ler um momento, depois levanta os olhos e fica pensando. . .)

GEORGE
"É o Ocidente impedido, por Alianças mutilantes e por uma Moral rígida demais, a acomodar-se a marcha dos acontecimentos. . . vai. . . finalmente ruir."

(Ri rápido e tristemente. .. levanta-se segurando o livro, fica parado, quieto. . . depois, repentinamente, deixa-se tomar pela fúria que conteve até então. . . estremece.. . olha para o litro que tem em mãos e, com um grito que é um ronco e um uivo, atira-o contra as sinetas da porta. Estas batem uma contra a outra e soam, fortemente. Breve pausa, e, então, Benzinho entra.)

BENZINHO (pior aparência, mais esgotada, meio adormecida, ainda enjoada, fraca, andar um pouco cambaleante. . . ar vago como se estivesse num mundo de sonhos)

Sinos. Tocando! Eu ouvi uns sinos.

GEORGE

Nossa Senhora!

BENZINHO

Não pude dormir por causa dos sinos. Din, din, don!. . . me acordaram. Que horas são?

GEORGE *(com raiva, porém calmo)*

Va amolar o outro!

BENZINHO (confusa e amedrontada)

Eu estava dormindo e *os* sinos começaram a . . . ressoar! Sinos sinistros...eram sinos sinistros . . .Bum bum bum bum!

GEORGE

Bum!

BENZINHO

Eu estava dormindo e estava sonhando com. . . alguma coisa. . . e comecei a ouvir um som e não sabia o que era.

GEORGE *(sem nunca dirigir-se, diretamente, a ela)*

Era o barulho de corpos. . .

BENZINHO

E eu não queria acordar mas o som começou a aumentar. . .

GEORGE

. . .vá dormir de novo. . .

BENZINHO

. . .e a me dar medo!

GEORGE *(baixo, como se Marta* estivesse *perto)*

Você me paga, Marta!

BENZINHO

E fazia um. . . frio. Um vento. . . um vento tão frio. Eu estava deitada não sei onde e a coberta começou a escorregar. Mas eu também não queria ficar coberta. . .

GEORGE
De qualquer maneira, Marta.

BENZINHO
. . .e tinha alguém perto de mim. . .

GEORGE
Não tinha ninguém lá.

BENZJNHO
Eu não queria ninguém perto . . . eu estava . . . nua. . .!

GEORGE
Você não sabe o que está acontecendo aqui, sabe?

BENZINHO (ainda devaneando)
Eu não quero nenhum . . . Não . . .!

GEORGE
Não sabe o que se passou aqui enquanto você estava tirando na sonequinha!

BENZINHO
Não!. . . Não quero nenhum. . . Não quero. . . Vai embora. . . ! *(Começa a chorar.)* Eu não quero. . . saber. . . de filhos. Estou com medo! Não quero sofrer. . . pelo amor de Deus!

GEORGE *(sacudindo a caheça, fala com compaixão)*
Eu deveria ter desconfiado.

BENZINHO (despertando do sonho)
O quê? O quê?

GEORGE
Deveria ter desconfiado. . .Toda essa história de. . .dores de cabeça, de choramingar. . .de. . .

BENZINHO (terrificada)
O quê você está querendo dizer com isso?

GEORGE
Ele sabe disso? Será que. . . o garanhão com que você se casou sabe disso?

BENZINHO
Sabe o que? Não chegue perto de mim!

GEORGE

Não tenha medo, querida. . . não vou. . .Ah! Bem que seria divertido, não é? Mas não tenha medo, querida. Ei! Como é que você consegue esconder os seus crimezinhos do garanhão, hein? Pílulas? Pílulas? Você tem um estoque de pílulas ou é geléia de maçã? Força de vontade?

BENZINHO

Estou me sentindo mal.

GEORGE

Vai vomitar outra vez? Vai se deitar, de novo, no ladrilho com os joelhos encostados no queixo e o dedo na boca?

BENZINHO (em pânico)

Onde é que ele está?

GEORGE

Ele quem? Não tem ninguém aqui, doçura.

BENZINHO

Quero meu marido! Quero um drinque!

GEORGE

Pois então, arraste-se até o bar e prepare um, você mesma! *(Dos bastidores vem o som das risadas de Marta e o barulho de pratos quebrando. Gritando)* É isso mesmo. Ataquem!

BENZINHO

Quero. . . alguma coisa. ..

GEORGE

Você sabe o que está se passando lá, mocinha? Hum? Ouviu essa barulhada? Sabe o que está acontecendo lá dentro?

BENZINHO

Não quero saber de nada!

GEORGE

Há duas pessoas lá dentro. . . *(Riso de Marta, outra vez.)*. . . Eles estão lá, na cozinha logo ali, com as cascas de cebola e o pó de café. . . como se estivessem como se estivessem . . como se estivessem atirando com pólvora seca para agitar o futuro.

BENZINHO
Eu. . . não entendo. . . o que você. . .

GEORGE
É muito simples. . . Quando não se pode agüentar as coisas como elas são, quando não se pode agüentar o presente, das duas, uma. . . ou a gente. . . ou a gente se volta para a contemplação do passado, como eu faço, ou a gente dá para. . . alterar o futuro. E quando você quer alterar o futuro. Você. . . Pum! Pum! Pum! Pum!

BENZINHO
Pare com isso!

GEORGE
E você, rameira dengosa. . . não quer *filhos,* não é?

BENZINHO
Não me. . .amole. Quem tocou?

GEORGE
O quê?

BENZINHO
Que sinos eram esses? Quem tocou?

GEORGE
Você não quer mesmo saber, não é? Não quer ouvir, hum?

BENZINHO (tremendo)
Não quero ouvir nada. . .quero saber quem tocou. . .

GEORGE
Seu marido está. . .e você quer saber quem *tocou?*

BENZINHO
Quem tocou? Alguém tocou!

GEORGE *(de queixo caído. . . uma ideia o absorve)*
. . . Alguém. . .

BENZINHO
Tocou!

GEORGE
. . . alguém. . . tocou. . . é. . .. ééééééé. . .

BENZINHO
Os. . . sinos. . . tocaram. . .

GEORGE *(pensando febrilmente)*
Os sinos tocaram. . . e era alguém. . .

BENZINHO
Uma pessoa. . .

GEORGE *(conseguindo concluir)*
. . . alguém tocou. . . Era uma pessoa. . . com. . . Já sei! Já sei, Marta! Uma pessoa com uma notícia. . . notícia que era. . . o nosso filho. . . O nosso filho! *(Quase sussurrando)* Era a notícia. . . os sinos tocaram e era a notícia, uma notícia sobre. . . o nosso filho . . . e essa notícia era. .. nosso. . . filho. . . Moooorreu!

BENZINHO (quase vomitando)
Oh! Não!

GEORGE *(fixando a idéia)*
Nosso filho. . . está morto. . . E. . . Marta não sabe. . . Eu ainda não disse. . . a Marta.

BENZINHO
Não. . . não. .. não.

GEORGE *(falando devagar, de propósito)*
Nosso filho está morto e Marta não sabe.

BENZINHO
Pelo amor de Deus. . . não.

GEORGE *(para Benzinho. . . devagar, deliberadamente e sem emoção)*
E você não vai dizer nada a ela.

BENZINHO (em lágrimas)
Seu filho morreu.

GEORGE
Eu é que vou dizer a ela. . . no momento oportuno. Eu é que vou dizer a ela.

BENZINHO (quase sem voz)
Vou vomitar!

GEORGE *(afastando-se dela. Também em voz muito baixa)*
Vai é? Que bom! *(Ouve-se, de novo, a risada de Marta)* Está ouvindo isso?

BENZINHO
Eu vou morrer.

GEORGE *(agora como se falasse para si mesmo)*
Ótimo . . . muito bem. . .vá em frente. *(Bem baixo para evitar que Marta* o *ouça.)* Marta! Marta! Tenho uma. . . notícia horrível para lhe dar. *(Esboça um meio sorriso estranho)* É sobre o nosso. . . filho. Ele morreu. Está me ouvindo, Marta? Nosso filho morreu. *(Começa a rir bem baixo. . . E as lágrimas se misturam ao riso.)*

P A N O

A T O I I I

O EXORCISMO

Marta entra, falando sozinha.

MARTA
Ei! Ei! Onde é que se meteu todo o mundo?. . . *(É evidente que não se incomoda.)* AhE é assim, não é? Pois podem me largar come um trapo qualquer, como um chinelo velho. . . uma trepadeira morta, George? *(Passa os olhos em volta.)* Geoge? *(Silêncio.)* George? Onde é que você está? Escondido, hein? *(Silêncio.)* George? *(Silêncio.)* Ah! que vá pro diabo. . . *(Dirige-se ao bar, prepara um drinque e se diverte dizendo o seguinte:)* Desamparada. Abandonada. Deixada ao relento como uma gata de estimação que não presta mais. Ah! Você quer um drinque, Marta? Oh, muito obrigada, George, quanta gentileza. Qual o quê, Marta ? Eu faria qualquer coisa por você! É verdade, George? Pois eu também seria capaz de fazer qualquer coisa por você. É mesmo? É claro, George. Marta, eu fiz uma idéia errada de você. Eu também fiz idéia errada de você, George. Onde é que todo o mundo se meteu? Trepar com a Dona da Casa. *(Dá uma grande gargalhada, cai sentada na cadeira, acalma*-se, *parece vencida, diz em voz baixa.)* Não tem jeito. *(Mais baixo ainda.)* Não tem jeito. *(Falando como uma criança.)* Papai! Papai! Marta está abandonada. Entregue aos seus próprios vícios, às. . . *(consulta o relógio)* não sei quanto da madrugada. Papai Rato Branco, você tem mesmo olhos vermelhos? Tem? Deixe eu ver. Ahhhh! São

mesmo! Papai, você tem olhos vermelhos porque. . .vive chorando. Não é verdade, papai? Vive sim. Você está sempre chorando. , eu dou cinco munitos, seus filhos da mãe, para vocês aparecerem*(Pausa.)* Eu também vivo chorando, papai. Estou sempre chorando, mas por dentro, lá no fundo, assim ninguém pode ver. Estou sempre chorando, e George também está sempre chorando. Nós dois choramos o tempo todo e, depois sabe o que a gente faz? A gente pega as lágrimas e bota na geladeira, dentro daquelas malditas formas de gelo *(começa a rir)* até que elas endureçam *(ri ainda mais)* e depois. . . a gente. . . põe. . . dentro do copo outra vez. *(Risadas que denotam alguma coisa mais. Depois de um momento de sensatez)* Um gole, elas descem pelo cano, mortas, passadas e esquecidas. . . Mas elas sobcm pelo cano, não descem. Sobem, na noite de lobisomem. Sobem . . . *(Com tristeza)* Eu tenho um limpa pára-brisa nos olhos porque casei-me com você . . . querido. Marta, você ainda vai escrever letra de música. *(Sacode o gelo de dentro do copo.)* Tlim. *(faz de novo.)* Tlim. *(Sacode o copo, repete o gesto diversas vezes.)* Tlim . .. Tlim . . . Tlim.

*(Nick aparece enquanto Marta está fazendo o gelo tinir, f*ica *parado na saída do corredor, observando-a, por fim entra na sala.)*

NICK
Meu Deus, você também enlouqueceu.

MARTA
Tlim!

NICK
Vai ver, você também enlouqueceu.

MARTA
Provavelmente . . . provavelmente.

NICK
Vocês todos enloqueceram! Desço as escadas e topo com. . .

MARTA
Topa com o quê?

NICK
. . . com minha mulher no banheiro, uma garrafa de bebida na mão, piscando o olho para mim. . . me piscando olho. . .

MARTA
Ela não costuma piscar o olho para você? Que pecado. . .

NICK

Estava deitada, outra vez, no chão em cima dos ladrilhos, toda encolhida, arrancando com a unha o rótulo da garrafa, da garrafa de conhaque.

MARTA

. . . ih! Assim não se pode devolver o casco. . .

NICK

. . . e eu perguntei a ela o que estava fazendo e ela fez: shhhhiu ninguém sabe que eu estou aqui! E quando eu volto para cá dou com você sentada fazendo tlim! Deus me perdoe! Tlim!

MARTA

Tlim!

NICK

Vocês todos enlouqueceram.

MARTA

É. É triste, mas é verdade.

NICK

E o seu marido, one está?

MARTA

Evaporou! Fez pffu!

NICK

Estão todos loucos, loucos varridos

MARTA (simula um sotaque quallquer)

Oh! Este é o nosso refúgio, quando o absurdo da vida pesa demais sobre nossas minúsculas cabeças. *(voz normal, outra vez)* Relaxe os nervos. Entre na jogada. Você não é melhor do que os outros.

NICK *(com enfado)*

Acho que sou.

MARTA (levando o copo à boca)

Que o quê? Em certos departamentos você é um fracasso.

NICK*(estremecendo)*

Como?

MARTA (falando alto sem necessidade)
Eu disse que você é um fracasso em certos. . .

NICK*(também demasiadamente alto)*
Sinto tê-la desapontado!

MARTA (berrando)
Eu não disse que estava desapontada, seu bobo!

NICK
Você devia experimentar-me num dia em que não tivéssemos bebido durante dez horas seguidas, assim talvez. . .

MARTA (ainda berrando)
Mas eu nao estou falando do seu potencial. Estava falando da sua maldita maneira de ser.

NICK *(baixo)*
Hum. . .

MARTA (mais baixo ainda)
Seu potencial é ótimo. Magnífico. *(Levanta as sobrancelhas.) Cem por cento. Há muito tempo que não vejo potencial tão ótimo. No entanto, querido, você é mesmo um fracasso.*

NICK *(desabafando)*
Para você todo mundo é um fracasso. Seu marido é um fracasso. Eu sou um fracasso.

MARTA (deixando-o sem resposta)
Vocês são todos todos uns fracassos. Eu sou a Mãe Terra e vocês são todos uns fracassos. *(Um pouco para si mesma)* Tenho nojo de mim mesma. Levo a vida cometendo infidelidades mesquinhas totalmente insípidas. . . *(ri tristemente)*. . .supostas infidelidades. Trepar com a Dona da Casa! Essa é boa! Um bando de paus-d'água, de patetas, impotentes. Marta lança uns olhares e os bananas arreganham logo os dentes, reviram os olhos, relincham e mostram os dentes de novo. Marta lambe os beiços e os imbecis se atiram em cima do bar para tomar um pouco de coragem e voltam cambaleando para a velha Marta que se põe a dançar um pouquinho para eles, então eles se esquentam todos. . . mentalmente. . . e se atiram, de novo, em cima do bar para pegar mais um pouco de coragem e as mulheres ou namoradas deles levantam o nariz para cima. . . às vezes até furam o teto. . . o que empurra os imbecis de volta para as garrafas de onde tomam mais combustível enquanto a pobre Marta fica sentada assim, com a saia do vestido por

cima da cabeça. . . sufocando – você não imagina como é abafado ficar com a cabeça embaixo da saia – sufocante esperando pelos imbecis, até que, enfim, eles tomam coragem e. . . é só isso, querido. Ah, meu Deus, meu Deus, às vezes aparece um lindo potencial, mas ah, meu Deus, meu Deus, meu Deus. *(Brilhante)* Mas a sociedade civilizada é assim mesmo. *(Para si mesma, de novo)* Todos uns grandessíssimos patifes. Pobres coitados. *(Para Nick, agora com sinceridade)* Só houve um homem na minha vida que me fez sempre feliz. Você sabia desta? Um só!

NICK
Ah! O tal de. . . aquele. . . da segadeira?

MARTA
Não, já tinha me esquecido desse. Aliás, cada vez,. que penso nele é como se estivesse espreitando alguem pelo buraco da fechadura. Não, não era dele que estava falando. Estava falando de George. *(Nenhuma reação por parte de Nick.)* É. . . George, meu marido.

NICK *(incrédulo)*
Você está brincando.

MARTA
Você acha, e?

NICK
Só pode ser. Logo ele?

NICK *(como se estivesse brincando)*
Claro, claro.

MARTA
Você não acredita.

NICK *(zombando)*
Claro que acredito.

MARTA
Você sempre julga os outros pelas aparências?

NICK *(irônico)*
Ora, pelo amor de Deus . .

MARTA

George que deve estar escondido em algum lugar escuro. . .George que é bom comigo e a quem eu maltrato, que me compreende e que eu rechaço, que sabe me fazer rir e eu sufoco o riso na garganta, que me abraça, de noite, e assim me aquece, a quem eu mordo até sair sangue, que sempre aprende as brincadeiras que fazemos com a mesma rapidez com que eu mudo as a regras, que pode dar-me felicidade, mas eu não quero ser feliz e ao mesmo tempo eu quero ser feliz.. George e Marta, triste, triste, triste.

NICK *(fazendo eco, mas não acreditando)*

Triste.

MARTA

. . .que eu nunca perdoarei por ter entregado os pontos, por ter me visto e dito: ah, esta sim me serve; que cometeu o horrível, prejudicial e insultante erro de me amar e que deve pagar por isso. George e Marta. triste, triste, triste.

NICK *(intrigado)*

Triste.

MARTA

. . .que é tolerante, o que é insuportável, que é amável, o que é cruel, que entende as coisas, o que vai além da compreensão.

NICK

George e Marta, triste, triste, triste.

MARTA

Algum dia . . .ah!. . . uma noite dessas. . . numa noite estúpida de bebedeira. . . irei longe demais. . . e eu quebro a espinha dele. . . ou ele se afastara para sempre de mim. . . o que eu bem mereço.

NICK

Acho que ele já está de espinha quebrada.

MARTA

Você acha, é? Você acha mesmo? Ora, mocinho, você vive curvado em cima daquele seu microfone. . .

NICK

Microscópio.

MARTA

. . . é. . . e não vê coisa alguma, não é? Analisa tudo menos a maldita mente

humana. Enxerga manchinhas e pontinhos, mas não sabe o que é que está acontecendo ao redor, não é verdade?

NICK
Eu sei quando um homem está de espinha quebrada. Isso eu sei.

MARTA
Sabe mesmo?

NICK
Sei, sim senhora.

MARTA
Hunh!. . . você sabe tão pouco! E vai dirigir o mundo, não é?

NICK
Agora chega. . .

MARTA
Você acha que uma pessoa está de espinha quebrada só porque anda curvado e age como palhaço? É só por isso que você sabe?

NICK
Chega, já disse.

MARTA
Olhe só! O garanhão ficou furioso! Está todo agitado o capão! Há, há, há. . .

NICK *(baixo, ferido)*
Puxa! Você saca duro, hein?

MARTA
Há, há!

NICK
De qualquer modo.

MARTA
Há! Eu sou uma metralhadora! Hábábábábábábá.

NICK *(com espanto)*
Uma carnificina. . . sem propósito, sem objetivo. . .

MARTA
Oh! coitadinho do filho da mãe!

NICK
Pra você vale tudo, hein?

(As sinetas da porta soam)

MARTA
Vá abrir a porta.

NICK *(espantado)*
O que é que você disse?

MARTA
Eu disse vá abrir a porta. Você é surdo?

NICK *(tentando compreender)*
Voce quer . . .que eu . ..vá abrir a porta?

MARTA
Exatamente, seu pateta, vá abrir a porta. Pelo menos isso você deve saber fazer. Ou será que está bêbedo demais pra isso também? Vai dizer-me que não consegue nem levantar o trinco?

NICK
Olhe, não é preciso. . .

(As sinetas de novo.)

MARTA (gritando)
Vá abrir *(Mais baixo)* Bem que você pode servir de empregado por uns tempos. E vai começar agora mesmo.

NICK
Olhe aqui, minha senhora, não sou seu capacho.

MARTA (alegremente)
Caro que é! Você é ambicioso, nao é, rapaz? Não foi por violenta paixão que foi me caçar na cozinha e lá em cima, não é? Você estava pensando um pouquinho também na sua carreira, hein? Pois então tem que começar de baixo e bancar o empregado por uns tempos.

NICK
Para você não há limites, hum?

(Sinetas da port a, outra vez.)

MARTA (calma, com firmeza)
Não, querido, nenhum. Abra a porta. *(Nick hesita.)* Escute, rapaz, você se meteu nessa jogada e não pense que vai sair quando bem entender. Durante certo tempo ficará preso. E agora, obedeça.

NICK
Sem propósito. . .devasso. . . sem objetivo. . .

MARTA
Ora, ora, obedeça, vá! Mostre à velha Marta que você sabe fazer alguma coisa. Vamos. Assim é que eu gosto.

NICK *(reflete, cede e dirige-se a porta. Tocam outra vez)*
Diabo! Já vai! Já vai!

MARTA (batendo palmas)
Há, há! Formidável, maravilhoso *(Canta.)* *"* Em todo lugar que vô, encontro um gigolô, todo o mundo diz. . ."

NICK
Pare com isso.

MARTA (risada)
Desculpe, querido. E agora vamos abrir a portinha.

NICK *(com profunda tristeza)*
Meu Deus!

(Ele abre violentamente a porta e uma mão se projeta com uns ramos de bocas-de-leão. Ficam parados um momento. Nick força a vista para ver quem está atrás das flores.)

MARTA
Oh ! que lindas!

GEORGE *(aparecendo no limiar da porta, rosto coberto pelas bocas-de-leão, falando em falsete muito estridente)*
Flores, flores para los muertos, flores!

MARTA
Há, há, há, há.

GEORGE *(dá um passo para dentro da sala, abaixa as flores, vê Nick visivelmente alegre, abre os braços)*
Filhinho, Você veio passar seu aniversário em casa! Até que enfim!

NICK *(recuando)*
Não chegue perto de mim.

MARTA
Há, há, há, há! Mas esse é o criado, meu caro!

GEORGE
Como? Não é o nosso filhinho, Jim? O nosso americanozinho, todo nosso, não é não?

MARTA (risada)
Eu espero que não, pois se for está se comportando de uma maneira muito esquisita.

GEORGE *(meio como louco)*
Ohhhh! Já sei! Malandrinho, hein? *(Fingindo estar encabulado.)* Eu. . . eu "trusse" essas flo. . . Marta. . . pra ocê. . . pruquê eu queria. . . ocê sabi. . . ahhh, eh! Ih!

MARTA
Amores-perfeitos! Narcisos! Violetas! Meu buquê de noiva!

NICK *(faz menção de sair)*
Olhem, se vocês me dão licença, eu vou. . .

MARTA
Nada disso! Fique exatamente onde está. Prepare um drinque pro meu maridinho.

NICK
Não preparo nada.

GEORGE
Não, Marta, assim não; seria demais. Ele é seu empregado, querida, e não meu.

NICK
Não sou empregado de ninguém. . .

GEORGE E *MARTA*
Agora! *(Cantam)* Não sou empregado de ninguém. . . *(Ambos riem.)*

NICK
Crianças.

GEORGE *(completando a frase)*
. . .viciosas, hum? Acertei? Crianças viciosas com suas tristes brincadeiras que passam a vida jogando amarelinha, etc. etc. Não é isso?

NICK
Mais ou menos.

GEORGE
Pois então! Vá se f. . .

MARTA
Ele? Não "pode". Tá com a tavela cheia".

GEORGE
Di ve'dadi? *(Entregando as bocas-de-leão a Nick)* Tome mergulhe isso num copo de gim. *(Nick segura-as* e *joga-as no chão, a seus pés.)*

MARTA (fingindo assombro)
Ohhhhhhhhhh!

GEORGE
Mas isso não se faz com. . . as bocas-de- leão da Marta.

MARTA
Ah! isso é boca-de-leão!

GEORGE
Eeeeé. E eu é que fui colhe-las ao luar para Marta e para o nosso filhinho, para o aniversário dele amanhã.

MARTA (como quem dá uma informação)
Neo tem luar nenhum agora. Eu vi a lua se deitar, lá no quarto.

GEORGE *(fingindo jovialidade)*
Do quarto? *(Tom normal)* Pois há luar, sim.

MARTA (demasiadamente paciente, rindo um pouco)
A lua não podia estar lá

GEORGE
Pois estava e está.

MARTA
Não está coisa nenhuma, a lua se escondeu.

GEORGE
A lua está lá, a lua está lá em cima.

MARTA (esforçando -se para manter-se polida)
Acho que voce está enganado.

GEORGE *(exageradamente alegre)*
Não estuo não.

MARTA (entre dentes)
Nao tem diaho de lua nenhuma.

GEORGE
Mas, querida Marta, você acha que eu ia colher bocas-de-leão numa noite escura como breu? Que ia andar tropeçando pela estufa de seu pai na escuridão profunda?

MARTA
Acho sim. Você sempre andou.

GEORGE
Ora, Marta, eu não costumo colher flores nas trevas e nunca roubo alguma coisa da estufa sem que venha do céu um raio de luz.

MARTA (com determinação)
Não há lua nenhuma. Ela se escondeu.

GEORGE *(com muita coerência)*
Pode ser que sim, dona castidade. É bem possível que se tenha escondido. . . mas depois voltou.

MARTA
A lua não voltou. Quando a lua se esconde, fica onde está.

GEORGE *(um pouco ofensivo)*
Você nao sabe de nada. A lua se esconde e depois volta de novo.

MARTA
Zebu!

GEORGE
Quanta ignorância.

MARTA
Veja como fala, hein?

GEORGE
Certa vez. . . certa vez em que eu estava velejando perto de Maiorca e bebia no convés com um jornalista que me falava de Roosevelt, a lua se escondeu . . refletiu um pouco considerando o caso, sabe?. . . e depois . . .Pum! tornou a aparecer. No duro!

MARTA
É mentira. Uma grandessíssima mentira.

GEORGE
Para você, Marta, tudo é mentira. *(Para Niek)* Não é verdade?

NICK
Eu lá sei quando vocês estão falando sério ou não?

MARTA
E não sabe mesmo!

GEORGE
E não precisa saber!

MARTA
Exatamente.

GEORGE
Em todo caso, eu estava velejando perto de Maiorca. . .

MARTA
Você nunca velejou perto de Maiorca. . .

GEORGE
Marta. . .

MARTA
Você nunca esteve em nenhum Mediterrâneo. . . nunca. . .

GEORGE
Claro que cstive. Como prêmio de formatura, mãezinha e paizinho foram comigo até lá.

MARTA
Doido!

NICK
Isso foi depois que você assassinou os dois?

(Marta e George se *voltam e* o *encaram, depois de uma pausa breve e incômoda.)*

GEORGE *(provocante)*
Talvez sim.

MARTA
Ou. . .talvez não.

NICK
Credo!

(George agacha-se, apanha o *ramo de bocas-de-leão, esfrega-o no rosto de Nick como um espanador e* se *afasta um pouco.)*

GEORGE
Há!

NICK
Vá pro diabo!

GEORGE *(para Nick)*
Verdade e ilusão. Onde está a diferença, hein, rapaz? Hum?

MARTA
Tanto uma quanto a outra. . .verdade e ilusão . . . você nunca esteve no Mediterrâneo.

GEORGE
Se eu nunca estive no Mediterrâneo como é que fui parar no Egeu? Hein?

MARTA
Por terra!

NICK
Huuuuun!

GEORGE
Empregado não tem opinião.

NICK
Nào sou empregado de ninguém.

GEORGE
Escute aqui, o jogo é assim. Você não da no couro, dá? Então é empregado.

NICK
Nào sou empregado de ninguém.

GEORGE
Ah, não? Então você deve ter dado no couro. Deu ou não? *(Respiração um pouco pesada, comporta-se meio loucamente.)* Deu ou não deu? Alguém está mentindo aqui. Deu ou não deu? Vamos, vamos, quem está mentindo, Marta, é você?

NICK *(depois de uma pausa, para Marta, em voz baixa, tom bastante .suplicante)*
Diga a ele que não sou empregado.

MARTA (depois de uma pausa, abaixando a cabeça)
É, você não é empregado.

GEORGE *(com grande alívio, mas tristemeníe)*
Assim seja.

MARTA (litigando)
Verdade e ilusão, George, você não sabe qual é a diferença.

GEORGE
É, mas devemos fazer de conta que sabemos.

MARTA
Amém.

GEORGE *(brandindo as flores)*
Boca-de-leão morde *(Marta e Nick riem debílmente)* E então! Aqui estamos nós jogando verde para colher maduro.

NICK *(delicadamente para Marta)*
Obrigado.

MARTA
Tá bom.

GEORGE *(em voz alta)*
Eu disse que estamos aqui jogando verde para colher maduro.

MARTA
Está bem, já sabemos: boca-de-leão morde.

GEORGE *(toma uma das bocas de-leão e atira a sobre Marta, pelo cabo)*
Morde?

MARTA
Pare, George!

GEORGE *(atira uma outra)*
Rrraum. . .!

NICK
Não faça isso.

GEORGE
Boca calada, garanhão!

NICK
Eu não sou garanhão.

GEORGE *(atira uma ern cirna* de *Nick)*
Então é empregado, qual dos dois? Qual dos dois você é? Hein? Escolha. Um ou outro. . . *(Atira outra ern cirna dele.)* Rrraum! Você me dá náuseas.

MARTA
Você se importa com isso, George?

GEORGE *(atira uma ern cirna dela)*
Rrraum! Não, absolutamente. Qualquer dos dois dá na mesma pra mim.

MARTA
Pare de jogar essas porcarias em cima de mim.

GEORGE
Qualquer dos dois. *(Joga de novo uma flor ern cirna de Marta.)* Rrraum!

NICK *(para Marta)*
Quer que eu . . .dê um jeito nele?

MARTA
Não se meta.

GEORGE
Se você é empregado, pode se meter comigo . . . se é garanhão vá cuidar dos seus petrechos. Qualquer dos dois . . . qualquer dos dois. . . conforme queira!

NICK
Oh Pelo amor de. . .

MARTA (um pouco amedrontada)
Verdade e ilusão, George. Você não se. . . não se importa. . . mesmo?

GEORGE *(sem atirar coisa alguma)*
Rrraun! Já sabe a resposta, querida?

MARTA (com tristeza)
Já.

GEORGE
Prepare-se, menina, para o que der e vier. *(Vê que Nick se move em direção ao corredor.)* E agora, falta ainda um jogo e ele se chama "Criar o Bebê".

NICK *(em tom mais baixo que alto)*
Não . . . pelo amor de . . .

MARTA
George. . .

GEORGE
Não quero saber de conversa. *(Para Nick)* Será que voce esta querendo armar barulho aqui, garotão? Não vai querer estragar tudo, vai? O que lhe interessa é manter-se dentro do seu horário, nao é? Então sente-se. E você, belezoca, gosta de alegria e de brincadeiras, não e verdade? Topa qualquer parada, não é mesmo?

MARTA (baixo, cedendo)
Está bem, George, está bem.

GEORGE *(vendo que ambos se intimidam e resmungam)*
Murmurando bem, muuuuuuito bem. *(Olha em volta.)* Mas esta faltando alguém, aqui. *(Estala os dedos algumas vezes na direção de Nick.)* Ei você aí!. . . a sua... sua. . . mulherzinha nao está presente.

NICK
Escute aqui, ela já passou por maus bocados esta noite, esta lá na privada e é . . .

GEORGE
Não tem por onde. Não podemos fazer a brincadeira sem que todos estejam aqui. Precisamos da sua mulherzinha. *(Fala do corredor.)* Ô gambazinha? Gambazinha?

NICK *(vendo que Marta dó risadinhas nervosas)*
Vai parar?

GEORGE *(voltando-se* e *encarando Nick)*
Então, desgrude a bunda dessa cadeira, vá buscar aquele seu bagulho e traga-o aqui. *(Como Nick não se move.)* Vamos, como um bom cachorrinho. Vá buscar! Vai buscar! *(Nick se levanta, abre a boca para dizer alguma coisa, pensa* e *acha melhor* sair.) *Só* mais um joguinho.

MARTA (depois que Nick sai)
Não estou gostando nada do que você está tramando.

GEORGE *(surpreendentemente carinhoso)*
Você sabe *o* que é?

MARTA (patética)
Não, mas não estou gostando.

GEORGE
Talvez você acabe gostando, Marta.

MARTA
Não.

GEORGE
Pois é um jogo divertidíssimo, Marta.

MARTA (suplicando)
Não quero mais, George.

GEORGE *(com calma, mas triunfante)*
Só mais um, Marta. Unzinho só e depois cama. Todo mundo arruma as trouxinhas, embrulha as ferramentas, recolhe a bagagem e vai dudu. E você e eu. . . bem. . .vamos subir estes degraus. . . tão gastos.

MARTA (quase chorando)
Não, George, não. . .

GEORGE *(acalmando-a)*
Vamos sim, querida.

MARTA
Oh, não, George, por favor.

GEORGE
Tudo vai acabar antes que você se dê conta.

MARTA
Não, George.

GEORGE
Não quer subir esses degraus tão gastos com o Georginho?

MARTA (como uma criança, sonolenta)
Chega de jogos e brincadeiras, por favor. Não quero saber mais de brincadeiras. Chega.

GEORGE
Quer sim, Marta. . . uma menina que nasceu para o prazer. Claro que quer.

MARTA
Umas brincadeiras horríveis horríveis. . .E a próxima. Como é que é?

GEORGE *(acariciando- lhe os cabelos)*
Você vai adorar, querida.

MARTA
Não, George.

GEORGE
Vai se divertir à grande.

MARTA (delicadameníe, faz menção de acariciá-lo)
Ó George, por favor, chega de brincadeiras. Eu. . .

GEORGE *(bate com força na mão que Marta estendia)*
Não me toque. Conserve as suas patas limpas para os estudantes!

MARTA (um grito de alarme, medroso, porém)
Oooh!

GEORGE *(agarrando os cabelos dela e puxando-lhe a cabeça para trás)*
E agora ouça bem o que eu vou lhe dizer, Marta. Você teve uma noite e tanto. . . uma noite de sucessos. . . e não pense que vai encerrá-la assim de qualquer jeito só porque já sentiu na boca o gosto de sangue que queria. Vamos tocar para a frente. Vou cair em cima de você de tal maneira que a sua atuação de hoje vai parecer procissão de filha de Maria. Por isso eu quero que você fique um pouquinho mais alerta. *(Com a mão livre dá-lhe um leve tapa)* Quero que você se anime um pouco querida. *(Outro tapa.)*

MARTA (desvencilhando-se)
Me larga!

GEORGE *(bate de novo)*
Controle-se. *(Outro tapa.)* Quero ver você dc pé, lutando, meu amor, porque vou reduzi-la a frangalhos, por isso, é preciso que esteja de pé. *(Outro tapa, recua, solta-a, e ela se levanta.)*

MARTA
Muito bem, George. O que é que você quer, exatamente?

GEORGE
Um adversário a altura. Só isso.

MARTA
Voce vai ter!

GEORGE
Quero ver você furiosa.

MARTA
Estou furiosa!

GEORGE
Pois fique mais ainda!

MARTA
Deixe isso por minha conta!

GEORGE
Muito bem, menina. E agora vamos nessa jogada até a morte.

MARTA
Até a sua morte.

GEORGE
Você vai ter surpresas. Bem, chegaram os meninos. Prepare se.

MARTA (anda de um lado para outro como um pugilista)
Estou preparada.

(Nick e Benzinho voltam a cena, Nick amparando Benzinho que ainda está com o copo e a garrafa de conhaque na mão.)

NICK *(desamparado)*
Aqui estamos.

GEORGE *(alegremente)*
Oba, vamos, vamos!

NICK
Você é um coelhinho, querida?

(Benzinho ri, à solta, e se senta.)

BENZINHO
Eu sou um coelhinho, querido.

GEORGE *(para Benzinho)*
E então, como é que o coelhinho é?

BENZINHO
Um coelhinho engraçadinho. *(Ri de novo)*

NICK *(em voz baixa)*
Meu Deus!

GEORGE
Coelhinho engraçadinho! Sorte a dele.

MARTA
Vamos, George.

GEORGE *(para Marta)*
Benzinho, coelhinho engraçadinho!

(Benzinho, grita de tanto rir)

NICK
Nossa Senhora. . .

GEORGE *(batendo palmas, uma vez)*
Muito bem. Todo mundo aqui. A última brincadeira. Sentem-se *todos. (Nick se senta.)* Sente-se. Marta. Trata-se de uma brincadeira de gente civilizada.

MARTA (cerra um punho sem se voltar para dar o golpe. Senta-se)
Anda logo.

BENZINHO (para George)
Decidi que não me lembro de nada. *(Para Nick*) Alô, querido.

GEORGE
Hum? O quê?

MARTA
Pelo amor de Deus, já está amanhecendo. . .

BENZINHO
Eu não me lembro de nada e você também não. Alô, querido!

GEORGE
Você o qué? *(Começa a falr estridente.)*

BENZINHO
Você bem que ouviu. . . de nada. Alô querido!

GEORGE (para Benzinho, referindo-se a Nick)
Você sabe que esse aqui é seu marido, não sabe?

BENZINHO (com ar de grande dignidade)
É claro que isso eu sei.

GEORGE *(ao ouvido de Benzinho)*
Você não pode se lembrar de certas coisas. . . não *é?*

BENZINHO (dá uma grande gargalhada para disfarçar; depois baixo e intensamente para George)
Não posso me lembrar, não! Não me lembro. *(Para Nick, alegremente)* Alô, querido!

GEORGE *(para Nick)*
Vamos, por Deus, diga alguma coisa à sua mulherzinha, seu coelhinho!

NICK *(em voz baixa, encabulado)*
Alô, querida.

GEORGE
Assim, sim! Considerando bem, acho que. . . passamos uma noite muito agradável. Tivemos a oportunidade de nos conhecer, sentados por ai, nos divertindo, fazendo brincadeiras como. . . por exemplo deitar no chão. . .

BENZINHO
. . .no ladrilho.

GEORGE
. . .no ladrilho. . .Boca-de-leão morde.

BENZINHO
. . . descascar rótulo. . .

GEORGE
. . . descascar o que?

MARTA
Rótulos. Descascar rótulo.

BENZINHO (apologética, levantando a garrafa de conhaque)
Eu descasco rótulos.

GEORGE
Todos nós descascamos rótulos, florzinha, e depois de tirar a pele, as três camadas, passamos aos músculos e botamos de lado os órgãos, *(voltando-se para Nick)* aqueles que ainda são aproveitáveis *(para Benzinho de novo)* e chegamos aos ossos. . . e então, você sabe o que tem de fazer?

BENZINHO (interessadíssima)
Não!

GEORGE
Pois quando chegar aos ossos ainda não é o fim. Dentro deles existe uma coisa. . . a medula. . . e é até lá que você tem que ir. *(Sorri, de maneira enigmática, para Marta.)*

BENZINHO
Ah, compreendi.

GEORGE
A medula. Mas os ossos são muito elásticos, especialmente na juventude. Veja, por exemplo, o nosso filho. . .

BENZINHO (com estranheza)
Quem?

GEORGE
Nosso filho. . . esse nosso encanto, meu e de Marta.

NICK *(dirigindo-se ao bar)*
Você se importa se eu. . .

GEORGE
Absolutamente. Sirva-se a vontade.

MARTA
George.

GEORGE *(com exagerada gentileza)*
O que é, Marta?

MARTA
O que é que você quer exatamente?

GEORGE
Ora, querida, estava falando do nosso filho.

MARTA
Não toque nisso.

GEORGE
Ah, Marta é a maior. Estamos nós aqui, às vésperas da chegada do nosso filho, às vésperas do vigésimo primeiro aniversário dele, às vésperas da maioridade do rapaz. . .e Marta me pede para não tocar no assunto.

MARTA
E não toque . . . mesmo

GEORGE
Mas eu quero falar dele, Marta. É uma coisa muito importante para nós. Olha, o coelhinho e esse. . . não sei o quê, aqui, não sabem, praticamente nada a respeito do garoto, e, na minha opinião, deveriam saber.

MARTA
Não toque nesse assunto

GEORGE *(estalando os dedos para Nick.)*
Ei, você aí vai querer brincar de Criar o Bebê, não vai?

NICK *(mantendo-se polido com esforço)*
É comigo que você está falando?

GEORGE
Exatamente. *(Impondo)* Você quer saber alguma coisa sobre o nosso vigoroso rebento?

NICK *(pausa, depois cortante)*
Claro.

GEORGE *(para Benzinho)*
E você, minha cara, também quer saber, não quer?

BENZINHO (fingindo não entender)
Saber o quê?

GEORGE
Sobre nosso filho. Meu e de Marta.

BENZINHO (nervosa)
Ah, vocês têm um filho?

(Marta e Nick riem, constrangidos.)

GEORGE
É, de fato, temos um. Você quer falar sobre ele, Marta, ou quer que eu fale? Hein?

MARTA (com um sorriso sarcástico)
Nao fale nisso, George.

GEORGE
Ah, muito bem. Então, vejanlos. Trata-se na verdade de um ótimo rapaz, apesar da vida que leva aqui em casa. Quero dizer que qualquer outro teria ficado neurótico com a Marta fazendo o que ela fazia, levantando-se às quatro horas da tarde, se jogando em cima do pobre desgraçado, tentando arrombar a porta do banheiro e dar banho de banheira nele, quando o rapaz já tinha dezesseis anos, enchendo a casa de estranhos a qualquer hora do dia. . .

MARTA (levantando-se)
Olhe aqui!

GEORGE *(fingindo preocupação)*
Marta.

MARTA
Agora chega!

GEORGE
Por quê? Você quer continuar contando?

BENZINHO (para Nick)
E por que alguém há de querer dar banho num rapaz de dezesseis anos?

NICK *(bebendo o que tem no copo de uma só vez*
Ah, Benzinho, pelo amor de Deus.

BENZINHO (sussurrando, teatralmente)
Por quê? Ora!

GEORGE
Por que ele é o bebezinho adorado de alguém.

MARTA
Muito bem! *(Mecanicamente, numa espécie de recitação chorosa.)* Nosso filho. É o nosso filho que você quer? Pois aí vai.

GEORGE
Quer um drinque, Marta?

MARTA (patética)
Quero.

NICK *(gentilmente, para Marta)*
Se você não quiser contar. . . não fazemos questão.

GEORGE
Quem lhe disse? Você lá pode ditar regras aqui?

NICK *(pausa, mordendo os lábios)*
Não.

GEORGE
Assim, benzinho, rapaz, você vai longe. Muito bem, Marta, continue a declamação.

MARTA (como quem fala de longe)
O que, George?

GEORGE *(servindo de ponto)*
"Nosso filho . . ."

MARTA
Muito bem. Nosso filho nasceu numa noite de setembro, bastante parecida com essa de hoje, embora fosse amanhã e há. . . vinte e um anos atrás.

GEORGE *(começando os apartes em voz baixa)*
Viram? Eu não disse?

MARTA
Foi um parto fácil. . .

GEORGE
Nada disso, Marta. Você sofreu. . . sofreu um bocado.

MARTA
Foi um parto fácil. . . pois o tinha aceito. . . e me sentia tranqüila.

GEORGE
Ah, sei. . . melhorou.

MARTA
Foi um parto fácil porque eu tinha aceito e era jovem.

GEORGE
E eu, mais jovem que você. . . *(Ri, baixo, para si mesmo.)*

MARTA
Era jovem e ele uma criança sadia, rosada, bons pulmões, membros fortes e luzidios.

GEORGE
Marta teima que viu a criança nascendo.

MARTA
. . .membros fortes e luzidios e uma cabeça coberta de cabelos negros, finos que, ah! depois ficaram louros como o sol os cabelos do nosso filho.

GEORGE
Era uma criança sadia.

MARTA
E como eu desejara essa criança. . . ah! eu sempre quis ter uma!

GEORGE *(insuflando-a)*
Um filho ou uma filha?

MARTA
Uma criança. *(Mais baixo)* Uma criança. E acabei tendo meu filho.

GEORGE
Nosso filho.

MARTA (com grande tristeza)
Nosso filho. E o criamos . *(Ri amarga e rapidamente.)* É, criamos mesmo, nós dois o criamos . . .

GEORGE
. . .entre ursinhos e num velho berço de junco austríaco. . . e sem babás.

MARTA
. . .com ursinhos e peixes dourados transparentes flutuando e uma cama azul-pálida com cabeceira de bambu, quando ele cresceu mais um pouco, bambu que ele estragou. . .depois . . .com as próprias mãozinhas durante. . .sonhos agitados...

GEORGE
. . . pesadelos. . .

MARTA
. . . sonhos. . .Ele foi sempre uma criança inquieta. . .

GEORGE
. . .*(Ri baixo, sacudindo a cabeça com incredulidade.)* Oh não . . .

MARTA

. . . sonhos. . . naquela tenda. . . numa tenda verde-clara e aquela chaleira lustrosa silvando sob a única lâmpada acesa no quarto quando ele estava doente com crupe... quatro dias... e os busca-pés e a flecha e o arco que ele escondia debaixo da cama.

GEORGE

. . .arcos com proteção de borracha nas pontas. . .

MARTA

. . .nas pontas, que ele guardava debaixo da cama. . .

GEORGE

Por quê? Por que, Marta?

MARTA

. . . de medo. . .de medo da . . .

GEORGE

De medo. Só por isso; medo.

MARTA (desinteressada, faz um leve gesto com a mão e prossegue)

. . . e. . . os sanduiches de Domingo à noite e aos sábados. . . *(relembrando com prazcr)* e aos sábados o barquinho de banana, uma banana inteira sem casca, escavada na parte de cima, a tripulação eram uvas verdes, uma fila dupla de uvas verdes, de cada lado, presas ao barco com palitos, gomos de laranja. . . os escudos..

GEORGE

E em lugar de remo?

MARTA (incerta)

Uma. . .cenoura?

GEORGE

Ou um canudinho, o que estivesse à mão.

MARTA

Não. Era uma cenoura. E os olhos dele eram verdes. . . verdes com. . . olhando no fundo. . . bem no fundo deles, com bronzeado. . . parênteses bronzeados em volta da íris . . . como eram verdes aqueles olhos.

GEORGE

Azuis, verdes, castanhos. . .

MARTA

. . .e como ele adorava o sol . . . ficava bronzeado antes de todo o mundo, conservava a cor mais tempo . . . e ao sol os cabelos dele eram . . .tão macios.

GEORGE *(fazendo eco)*

. . . macios. . .

MARTA

. . .lindo, um lindo menino.

GEORGE

Absolve, Domine, animas amnium fidelium defunctorum ab omni vinculo delictorum.

MARTA

. . .e a escola. . . o acampamento no verão. . .os passeios de trenó. . .e a natação. .

GEORGE

Et gratia tuaiíllis succurrente, mereantur evadere judiciurn ultionis.

MARTA (rindo consigo mesma)

. . . e quando ele quebrou o braço. . . ah foi tão engraçado. . . Ah, não. . . ele sofreu muito. . . é, mas foi engraçado mesmo. . . foi lá no pasto, e a primeira vez que ele viu uma vaca. . . chegou bem perto, bem onde a vaca estava pastando, cabeça baixa, concentrada, e soltou um mugido. . . *(Ri ibid.)* Soltou um mugido e . . . a vaca surpreendida levantou a cabeça e mugiu para ele também, para os três aninhos dele e ele correu, tropeçou . . . caiu e . . . quebrou o bracinho. *(Ri ibid.)* Pobre cordeirinho!

GEORGE

Et lucis aeternae beatitudine perfrui.

MARTA

E George se pôs a chorar. Sem saber o que fazer. . . George. . . se pôs a chorar. Eu peguei o cordeirinho. George fungava a meu lado e eu carregando a criança, depois de improvisar unia tipóia. . . e assim atravessamos o pasto.

GEORGE

In Paradisum deducant te Angeli.

MARTA

E foi crescendo. . . crescendo . e, como era inteligente. . . passeava calmamente, entre nós dois. . .*(Abre os braços.)* Dava uma mãozinha para cada um, procurando receber o apoio, afeição, ensinamentos e até mesmo o amor. . . e aquelas

mãozinhas, imóveis, para nos conservar um pouco distantes, para ter nossa proteção mútua, para proteger os três contra a fraqueza de George e. . .da minha. . severidade. . .necessária para protegê-lo. . .e a nós também.

GEORGE
In memoria aeterna erit justus, ab auditione mala non timebit.

MARTA
Tão inteligente, tão inteligente

NICK *(para George)*
O que é isso? O que é isso que vocês estão fazendo?

GEORGE
Pshiiiiu.

BENZINHO
Psiuuu.

NICK *(sacudindo os ombros)*
Está bem.

MARTA
Tão bonito, tão bonito, tão inteligente.

GEORGE *(rindo baixo)*
Sendo que toda verdade *é* relativa.

MARTA
E era verdade. Bonito, inteligente, perfeito.

GEORGE
E quem fala é uma mãe de verdade.

BENZINHO (subitamente, quase chorando)
Eu quero ter um filho.

NICK
Benzinho. . .

BENZINHO (com mais energia)
Eu quero ter um filho!

GEORGE
Por princípio?

BENZINHO (em pranto)
Eu quero um filho. Um bebezinho!

MARTA (esperando que deixem de interrompê-la sem dar a menor atenção ao que dizem)
É claro que esse estado de coisas, esta perfeição. . . não podia durar. . . com o George. . . com o George ao nosso lado.

GEORGE *(dirigindo-se aos outros dois)*
Estão vendo? Pronto, eu sabia que ela vinha com esses truques.

BENZINHO
Quieto, vá.

GEORGE *(fingindo-se amedrontado)*
Desculpe. . . mamãe.

NICK
Você não pode ficar calado?

GEORGE *(fazendo um sinal para Nick)*
Dominus vobiscum.

MARTA
Não com o George ao meu lado. Quando um homem está se afogando, arrasta os que estão perto dele. George tentou fazer isso. Ah! meu Deus! Como eu lutei para impedir! Como eu lutei!

GEORGE *(riso de satisfação)*
Háhhhhhhhhh!

MARTA
As pessoas menos favorecidas não podem suportar as que são superiores. A fraqueza, a imperfeição clamam contra a energia, a bondade e a inocência. E foi isso que George tentou fazer.

GEORGE
E como foi, Marta, como foi que eu tentei fazer?

MARTA
Como você tentou. . . o quê?. . . Não, não vou nessa, ele cresceu. . . nosso filho foi

crescendo. . .agora está crescido, está na escola, no colégio. Vai bem e tudo vai muito bem.

GEORGE *(zombeteiro)*
Ora, Marta, conte, vá.

MARTA
Não. Acabou.

GEORGE
Um momento, meu amor. Você não pode cortar a história assim pela metade. Já que começou, tem que acabar.

MARTA
Não!

GEORGE
Então, termino eu.

MARTA
Não!

GEORGE
Vocês estão vendo, a Marta aqui interrompe a história, exatamente quando ela está ficando boa. . . exatamente quando as coisas começam a ficar um pouquinho escabrosas. A nossa Marta é uma garotinha incompreendida. No duro que é! Não apenas tem um marido que é um atoleiro. . . um atoleiro mais moço do que ela, porém . . .não apenas tem um marido que é um atoleiro como também tem um pequeno problema com bebidas alcoólicas. . . não háa bebida que ehegue para ela...

MARTA (com menos energia)
Chega, George.

GEORGE
. . .além do mais, pobre garota espezinhada, ainda tem um pai que pouco se importa se ela está viva ou morta e não liga a mínima para o que acontece com a filha única. . .e sobretudo ela tem um filho. Um filho que vivia brigando com ela o tempo todo, que não queria ser usado como instrumento contra o pai, e que não queria servir de bode expiatório toda vez que a Marta não conseguia o que queria.

MARTA (respondendo á *altura)*
É mentira! Tudo mentira!

GEORGE

Mentira? Muito bem. Um filho que não queria renegar seu próprio pai, que vinha lhe pedir conselhos, explicações, amor que não fosse doentio – e vocês sabem de quem estou falando – Marta – e não podia suportar aquele trapo que vivia batendo e berrando com ele e que se dizia Mãe dele. Mamãe. Háh!

MARTA (friamente)

Muito bem. Um filho que tinha tanta vergonha do pai que uma vez me perguntou se era mesmo verdade o que uns meninos malvados tinham dito talvez pra ele, que ele não era nosso filho; que não podia suportar o miserável fracassado que era o pai. . .

GEORGE

Mentira!

MARTA

Mentira? Que nunca teria coragem de trazer a namorada aqui em casa. . .

GEORGE

. . . de vergonha da mãe. . .

MAR TA

. . .do pai ! Que só escreve para mim. . .

GEORGE

É o que você pensa ! Para mim ! Para o escritório.

MARTA

Mentiroso!

GEORGE

Tenho uma pilha de cartas, no escritório!

MARTA

Você não tem carta nenhuma dele!

GEORGE

E você, tem?

MARTA

Ele não tem nenhuma. um filho que passa as férias longe. . .longe da família arranjando sempre um pretexto qualquer. . . porque não pode suportar a sombra de um homem vagando pelo cantos da casa. . .

GEORGE

. . .que passa as férias longe. . .e passa mesmo. . .que passa as férias longe porquenuma casa cheia de garrafas vazias, de mentiras, de mentiras, de homens desconhecidos e com uma bruxa dentro, não há lugar para ele. . .

MARTA

Mentiroso!

MARTA

. . . Um filho que eu eduquei da melhor maneira, longe de brigas viciosas, longe da corrupção da fraqueza e de vinganças mesquinhas.

GEORGE.

. . . Um filho que, no fundo das entranhas, está arrependido de ter nascido. . .

(Ambos juntos.)

MARTA

Eu me esforcei, Deus é testemunha do quanto me esforcei; uma coisa. . . pelo menos uma coisa eu me esforcei para conservar pura e nocente durante este desastroso casamento; durante noites de aflição, dias patéticos e estúpidos, em meio às zombarias e risadas . . .ah, meu Deus, as risadas de fracasso, um fracasso engedrando outro, cada tentativa mais repugnante que a outra. mais destruidora que a anterior, a única coisa,. a única pessoa que eu me esforcei por proteger, por criar fora da influência deste casamento vil e esmagador, a única luz em meio ao desamparo destas. . . trevas. . . foi o nosso filho.

GEORGE

Libera me, Domine, de morte aeterna in die illa tremenda: Quando caelí movendi sunt et terra: Dum veneris judicare saeculum per ignem. Tremens factus sum ego, et timeo, dum discussio venerit, atque ventura ira. Quando caeli movendi sunt et terra. Dies illa, dies irae, calamitatis e miseriaie, dies magna et amara valde. Dum veneris judicare saeculum per ignem. Requiem aeternam dona eis, Domine: et lux perpetua luceat eis. Libera me, Domine, de morte aeterna in die illa tremenda: Quando caeli movendi sunt et terra; Dum veneris judicare saeculum per ignem.

BENZINHO (cobrindo as orelhas com as mãos.)

Parem com isso ! Parem com isso!

GEORGE *(com um gesto)*

Kyrie eleison. Christe eleison. Kyrie eleison.

BENZINHO
Chega!

GEORGE
Por que, querida, não está gostando?

BENZINHO (histericamente)
Vocês. . .não podem. . . fazer isso.

GEORGE *(triunfante)*
Quem diz que não?

BENZINHO
Eu!

GEORGE
E pode explicar por que, meu anjo?

BENZINHO
Não!

NICK
Acabou a brincadeira?

BENZINHO
Acabou. Acabou, sim.

GEORGE
Há, há, acabou nada. *(Para Marta)* Temos uma pequena surpresa para você, querida. A respeito do nosso adorado Jim.

MARTA
George, agora chega.

GEORGE
Nada disso!

NICK
Deixe-a em paz!

GEORGE
Quem comanda o espetáculo sou eu! *(Para Marta)* Meu amor, infelizmente, eu tenho uma má notícia para você. . . para nós, é claro, uma notícia muito triste.

(Benzinho começa a soluçar com as mãos segurando a cabeça.)

MARTA (amedrontada e desconfiada)
O que é?

GEORGE *(Com exagerada paciência)*
Marta, enquanto você estava lá dentro, quando. . . vocês dois estavam ausentes . Isto é, eu não sei onde vocês estavam, mas em algum diabo de lugar deveriam estar. *(Risadinha curta)* Enquanto você estava um pouco fora daqui. . . bem. . .a madama e eu ficamos sentados por ali conversando, assim, você sabe, mascando e conversando, quando tocaram a campainha.

BENZINHO (ainda com a cabeça entre as mãos)
Sinetas.

GEORGE
Sinetas . . . e . . . Marta, é tão penoso dizer isso a você. . .

MARTA (voz gutural anormal)
Mas diga.

BENZINHO
Por favor . . . não.

MARTA
Diga.

GEQRGE
. . . e voce sabe . . .era aquele garotinho de setenta e poucos anos da Western.

MARTA (interessada)
O louco do Billy?

GEORGE
Exatamente, Marta. . . o louco do Billy. . . com um telegrama para nós e é disso que eu quero lhe falar.

MARTA (meio ausente)
Mas por que eles não passaram pelo telefone? Por que trouxeram pessoalmente o telegrama em vez de telefonar?

GEORGE
Há telegramas, Marta, que devem ser entregues em mãos. Nem sempre você pode passar um telegrama pelo telefone.

MARTA (levantando-se)
O que é que você quer dizer com isso?

GEORGE
Marta. . . é um sacrifício para mim ter que lhe dizer que. . .

BENZINHO
Não!

GEORGE *(para Benzinho)*
Por que? Você quer dizer?

BENZINHO (comor se defendesse de um enxame de abelhas)
Não, não, não.

GEORGE *(profundo suspiro)*
Olhe, Marta, eu acho que o nosso filho não vem mais passar aniversário aqui.

MARTA
É claro que vem.

GEORGE
Não vem não, Marta.

MARTA
É claro que vem, eu disse que ele vem.

GEORGE
Ele. . . não pode.

MARTA
Vem! Já disse!

GEORGE
Marta. . .*(Longa pausa)* Nosso filho. . . morreu.
(Silêncio)
Morreu num desastre. . . ontem, à tarde
(Silêncio)
(Rápida risadinha.). . . numa estrada do interior, com o diploma de professor no bolso. Ele fez uma manobra para desviar-se de um porco e bateu direto em cima de. . .

MARTA (com incontida fúria)
Isso. . . não. . . vale!

GEORGE
. . . uma árvore enorme.

MARTA
Isso não vale!

NICK *(em voz baixa)*
Minha Nossa Senhora!

(Benzinho soluça mais forte.)

GEORGE *(calma e desapaixonadamente)*
Eu tinha que lhe contar.

NICK
Oh, meu Deus!

MARTA (na agitação da raiva e do abandono)
Não! Não, isso não vale! Você não pode decidir assim por sua conta! Eu não deixo que você faça isso.

GEORGE
Acho que vamos ter que partir daqui, lá pelo meio dia. . .

MARTA
Eu não vou deixar você decidir isso assim!

GEORGE
. . .porque tem o problema da identificação e, naturalmente, teremos que tomar outras providências. . .

MARTA (atirando-se sobre George, mas sem resultado)
Isso não vale! *(Nick levanta-se, agarra Marta pelos braços e puxa-os por detrás das* costas *dela.)* Eu não permito que você faça isso. Me larga!

GEORGE *(enquanto Nick prende Marta, bem no rosto desta)*
Marta, eu acho que você não está entendendo. Eu não fiz nada. Vamos, controle-se. Nosso filho está morto. Enfie isso na cabeça.

MARTA
Você não pode decidir isso assim.

NICK
Por favor, minha senhora.

MARTA
Me larga!

GEORGE
Escute, Marta, escute o que estou lhe dizendo. Chegou um telegrama para nós, houve um acidente na estrada e ele morreu. Pffu. Exatamente assim. E, então, o que é que você acha disso?

MARTA *(Um grito que diminui de intensidade até se tornar um gemido)*
Nãaaaooou!

GEORGE *(para Nick)*
Pode soltar. *(Marta cai no chão, sentada)*Agora vai passar.

MARTA (patética)
Não, não, ele não está morto, não está *morto.*

GEORGE
Está sim. *Kyrie eleison. Christe eleison. Kyrie eleison.*

MARTA
Você não, não tem *o* direito de decidir sobre essas coisas.

NICK *(curvando-se sobre ela, com ternura)*
Não foi ele que decidiu minha senhora. Não depende dele. Ele não tem poder de...

GEORGE
É isso mesmo, Marta. Eu não sou Deus. Não tenho poder de vida e morte.

MARTA
Você não pode matá-lo! Não pode fazer com que ele morra!

BENZINHO
Minha senhora. . .console se!

MARTA
Não pode!

GEORGE
Mas *o* telegrama está ali. Marta.

MARTA (levanta a cabeça, encarando-o)
Mostre então. Me mostre o telegrama.

GEORGE *(longa pausa* e *depois com seriedade cínica)* .
Eu comi.

MARTA (pausa, em seguida em tom mais ridículo possível, um pouco histérico)
Repita, se tem coragem!

GEORGE *(mal podendo conter urna gargalhada)*
Eu. . .co. . .mi.

(Marta encara-o demoradameníe, depois cospe no rosto dele.)

GEORGE *(sorrindo)*
Um ponto a seu favor, Marta.

NICK *(para George)*
Isso é maneira de tratar sua mulher, num momento deste? Fazer uma brincadeira imbecil como esta? Hein?

GEORGE *(estalando* os *dedos na direção de Benzinho)*
Eu comi o telegrama ou não comi?

BENZINHO (aterrorizada)
É. . . é sim, comeu sim. Eu vi. . . eu vi quando você engoliu.

GEORGE *(ajudando)*
. . . como um bom menino.

BENZINHO
. . . como um. . . bo. . .bo. . . bom menino. Foi.

MARTA (friamente para George)
Desta você não escapa.

GEORGE *(com enfado)*
Você conhece as regras do jogo, Marta! Pelo amor de Deus, você conhece as regras do jogo!

NICK *(começando a compreender uma coisa que não pode admitir)*
Do que é que vocês estão falando?

GEORGE
Posso matá-lo se eu quiser, Marta

MARTA
Ele é nosso filho!

GEORGE
É você carregou ele nove meses e o parto foi fácil.

MARTA
Ele é nosso filho!

GEORGE
E eu o matei!

MARTA
Não!

GEORGE
Matei!

(longo silêncio.)

NICK *(mudo baixo)*
Acho que estou eu tendendo!

GEORGE *(ibid)*
Ah, é?

NICK *(ibid.)*
Santo Deus! Acho que estou entendendo!

GEORGE
Sorte a sua.

NICK *(violentamente)*
Deus meu ! Acho que estou entendendo!

MARTA (com grande tristeza e desamparo)
Você não tem direito . . . absolutamente nao tem direito. . .

GEORGE *(com ternura)*
Eu tenho direito, sim. Marta. Nunca combinamos o contrário. Então, eu podia matá-lo quando quisesse.

MARTA
Mas, por quê? Por quê?

GEORGE
Você infringiu as regras do nosso jogo, querida. Falou dele. . . falou dele com outra pessoa.

MARTA (em lágrimas)
Não falei. Nunca falei dele.

GEORGE
Falou sim.

MARTA
Com quem? Com quem?

BENZINHO (chorando)
Comigo. Você falou dele comigo.

MARTA (chorando)
Eu me esqueci! As vezes, assim, de noite. . . quando é muito tarde . . . e todo mundo está . . .falando. . . eu me esqueço e. . .tenho vontade de falar dele . . . mas me. . . controlo . . . me controlo . . . mas eu tive vontade. . .tantas vezes . . . Ah, George, você me provocou. . . não havia necessidade de. . . não havia necessidade de fazer isso. Falei dele, você tem razão . . . mas você não precisava chegar a esse extremo. Não precisava . . .matá-lo.

GEORGE
Requiescat in pace.

BENZINHO
A men.

MARTA
Não precisava fazer ele morrer, George.

GEORGE
Requiem aeternam dona eis , Domine.

BENZINHO
Et lux perpetua luceat eis.

MARTA
Não havia . . .necessidade.

(Longo silêncio)

GEORGE *(suavemente)*
Já está amanhecendo. A festa acabou, acho eu.

NICK *(para George, em voz baixa)*
Vocês não podiam . . . ter filhos?

GEORGE
Não, não podíamos.

MARTA
Não, não podíamos.

GEORGE *(para Nick e Benzinho)*
Para casa dormir, meninos. Está na hora de criança ir para a cama.

NICK *(estendendo a indo para Benzinho)*
Benzinho?

BENZINHO (levantando-se e indo ao encontro dele)
Hein?

GEORGE *(Marta está sentada, agora, no chão, perto de uma cadeira)*
Agora podem ir.

NICK
Está bem.

BENZINHO
Está bem.

NICK
Eu gostaria de. . .

GEORGE
Boa noite.

NICK *(pausa)*
Boa noite.

(Niek e Benzinho saem. George fecha a porta nas costas deles, olha em volta, suspira, apanha um ou dois copos e coloca-os sobre o bar. — Toda esta parte é feita muito suave e calmamente.)

GEORGE
Quer alguma coisa, Marta?

MARTA (ainda olhando para outro lado)
Não. . . nada.

GEORGE
Muito bem.. *(Pausa.)* É hora de dormir.

MARTA
É.

GEORGE
Cansada?

MARTA
É

GEORGE
Eu estou.

MARTA
É

GEORGE
Amanhã é Domingo, temos o dia todo.

MARTA
É.
(Longo silêncio entre eles.)
Você. . . você. . . tinha mesmo de fazer isso?

GEORGE *(pausa)*
Tinha.

MARTA
Você. . . tinha mesmo?

GEORGE *(pausa)*
Tinha.

MARTA
Não sei.

GEORGE
Já era tempo.

MARTA
Era mesmo?

GEORGE
Era.

MARTA (pausai
Estou com frio.

GEORGE
Já é tarde.

MARTA
É.

GEORGE *(longo silêncio)*
É melhor assim.

MARTA
Não. . . sei.

GEORGE
É sim. . . acho que é.

MARTA
Não. .. tenho. . . certeza.

GEORGE
É.

MARTA
Só. . . nós?

GEORGE
É.

MARTA
Não sei, talvez, pudéssemos. . .

GEORGE
Não, Marta.

MARTA
Sim. Não.

GEORGE
Está se sentindo bem?

MARTA
Sim. Não.

GEORGE *(apóia as mãos delicadamente sobre os ombros dela, ela inclina a cabeça para trás e ele canta para ela suavemente)*
Quem tem medo de Virginia Woolf
Virginia Woolf
Virginia Woolf

MARTA
Eu. . . George. . . eu tenho.

GEORGE
Quem tem medo de Virginia Woolf.

MARTA
Eu. . . George. . . eu tenho. . .

(George concorda com um movimento calmo de cabeça.)

(Silêncio)

P A N O